



Vol. 10

MAIO-JUNHO DE 1936

51

Revista

— DE —

Ensino

Órgão Oficial

DO DEPARTAMENTO GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA DE ALAGOAS
E DA UNIVERSIDADE ALAGOANA DE EDUCAÇÃO



MACEIÓ

Estado de Alagoas

BRASIL

Impressão Oficial — MACEIÓ

Na Terra Natal

— DE —

Costa Rego

DE INICIVOS ALIQUANTOS DE LETRAS

Collectanea dos melhores discursos políticos e literarios do incisivo homem de letras e das suas mais altas inspirações como homem de governo no quadriennio estadual de 1924 | 28

INDICE:

Aos alagoanos do Recife—A revolta de São Paulo—Repressão aos bandidos—As administrações municipales—A junção do governo—A Paulo Affonso—Em Fernão Velho—No Lyceu Alagoano—Saudação ao Presidente Washington Luis—Após o atentado—No tombo do Dr. Ezequiel Soares—Resumo dos quatro annos—Palavras ao Congresso Legislativo—Na Academia Alagoana de Letras—No Tribunal Superior—Falado ao "Diario da Manhã"—Na Associação Commercial—O papel dos Partidos—Na terra natal—Revisão antigas affeições—Democrito Graça, orador—De volta à Camera.

À venda em todas as livrarias de Macalé—13000

REVISTA DE ENSINO

Orgão Official

DO

Departamento Ceral da Instrucção Pùblica e da Sociedade Alagoana de Educação

PUBLICAÇÃO BIMENSAL



N.º 21 -- MAIO -- AGOSTO -- 1930

Assignatura annual.	24\$
semestral.	12\$
Numero avulso.	4\$

Imprensa Official

REDACÇÃO :

RUA DA BOA VISTA N. 184, 1.

MACEIO'

ACADEMIA DE SCIENCIAS COMMERCIAES DE ALAGOAS

FUNDADA E MANTIDA PELA

Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio

Equiparada á sua congénere da Capital Federal pelo Decreto 4724 A, de 23 de Agosto de 1923

Prepara convenientemente os seus alumnos
para Contadores, Agentes consulares,
Peritos judicarios, Empregados de Fazenda,
de Bancos etc.

Mantém 3 cursos: Annexo ou de Preparaterics
Geral ou de Contadores, e Superior
ou de Bachareis em Sciencias Commerciaes

Admitte alumnos LIVRES, independentes dos Cursos
Seriados, sem exame.

SUBMINISTRA CONVENIENTE INSTRUÇÃO TECHNICA E LITTERARIA.
DISPÕE DE UMA BIBLIOTHECA DE 7000 VOLUMES

Director — DR. AUGUSTO GALVÃO
Secretario — AURYNO MACIEL

Séde: Rna 15 de Novembro, 418 — MACEIO'

REVISTA DE ENSINO

Órgão Official do Departamento Geral da Instrução Publica e da Sociedade Alagoana de Educação

ANNO IV

Maceió, maio — agosto de 1930

N. 21

O APRENDIZADO ACTIVO

Prof. José Ribeiro Escobar

OS TROPHE'OS ESCOLARES

A educação consta: da formação logica ou instrucção, que consiste em ministrar conhecimentos; e da formação psychologica, que tende a provocar, a desenvolver, a modificar as diversas manifestações da vida psychica do individuo.

Estabeleçamos o primado da formação psychologica.

O objectivo precipuo do ensino é formar, e não informar o espirito; mas não ha processo de formação que não implique informação.

A educação não vale por seus productos directos, que são os conhecimentos adquiridos, mas por seus sub-productos, que são os habitos adquiridos e bem organizados: habito de observar e de raciocinar, espirito philosophico e appetite da prova. Assim o diz Payot e friza em outro livro:

Nos exames, como na vida, aos alumnos não se deve perguntar o que *sabem*, mas o que *são*. São attentos, reflectidos, sagazes e prudentes generalizadores? inclinemo-nos todos perante sua superioridade intellectual. São tambem senhores de si, ciosos de sua dignidade, serenos e modestos, escrupulosamente respeitadores da reputação e susceptibilidade legitimas dos outros? Prestemos homenagem ao seu alto valor moral. A maior parte dos sabios de primeira ordem, dos grandes inventores, é mais ignorante do que seus alumnos... A condição de toda a descoberta é, sobretudo, uma actividade de espirito infatigavel numa determinada direcção.

A maior bagagem intellectual que um moço possa trazer da escola não é um acervo de erudição, nem um estylo elegante, mas sim um poder de pensar por si mesmo, de ter iniciativa, de ser capaz de resolver problemas á medida que estes se apresentarem. Esta qualidade não se póde adquirir compulsando livros, mas fazendo cousas por si mesmo, e, quanto possivel, cousas differentes.

O saber é tão grande, que se não póde dar todo na escola; dahi a necessidade de engendrar auto-didactas, de aguçar as capacidades do espirito, para adquirir o saber depois, sem a protecção dos mestres. Usemos da observação e do raciocinio para a posse da sciencia, mas sirvamo-nos da sciencia para aperfeiçoar o raciocinio e a observação. O fim da escola é emancipar, formar Robinsons Crusoes que se bastem a si proprios. O educando, aprendendo por si mesmo, adquire o poder de ensinar-se a si mesmo, ganhando o habito de direcção mental propria, da propria força: "Alterius non sit qui sui esse potest" (não seja de outrem quem só de si póde depender). Não tanto por um "eu possúo", como por um "eu posso", é que se mede a riqueza intellectual: a instrucção só tem valor em funcção da intelligencia.

"State alla finestra della vita". A escola deve preparar as crianças para as missões longas e arduas, dando-lhes o gosto da acção perseverante, exaltando-lhes o prazer da luta contra as difficuldades; deve fazel-as pro-

verem a si mesmas, contarem só comsigo, habitual-as ao "self-support"; deve dar-lhes a posse de si mesmas, o "self-control", apressando a passagem do estado de dependencia ao espirito de independencia.

A concepção biologica do espirito faz delle um dado tendo um fim pratico. A educação é a organização dos habitos adquiridos e das tendencias á acção. O criterio de toda educação é a conducta; as faculdades practicas são a gloria de nossa geração.

A escola superior, recebendo estudantes desta natureza, póde tornar-os instrumentos capazes de fazer avançar as descobertas scientificas. Só se deve ajuizar da capacidade de um portador de diploma pelo seu poder de exito nas pesquisas.

DIZER—NÃO E' ENSINAR

Todo conhecimento provém da percepção ou do raciocinio. A percepção das cousas exige actividade dos sentidos, attenção, memoria, associação, analyse, e produz as ideias particulares e geraes; as ideias, relacionadas, formam os juizos, com os quaes raciocinamos. O raciocinio inductivo exige a observação ou a experiencia, a comparação e a generalização; e o deductivo requer a intuição e a hypothese.

Ao adquirir conhecimentos pela percepção e pelo raciocinio, o alumno põe em jogo um grande numero de actividades psychicas, e descobre os phenomenos, infere as regras, induz as leis, estabelece as definições. Nessas condições, a instrucção concorre para a formação psychologica.

Mas a instrucção tambem póde ser obtida pela dádiva alheia de definições já feitas, de regras já elaboradas, de leis já induzidas; e, nesse caso, a memoria do alumno é que trabalha, pois a tarefa toda coube ao mestre, que a açambarcou.

Assim, ha dois modos fundamentaes de chegarmos á aquisição de uma verdade: ou a intelligencia a recebe por imposição de outrem, ou eleva-se á comprehensão della por esforço proprio. Exemplificando: ou o mestre explica a primeira lei do pendulo á classe; ou, cada alumno, com um relógio, e uma borracha presa por um fio de linha á carteira, a modo de pendulo, dá um movimento a este, e descobre, após varias vezes, que "as pequenas oscillações são eguaes em tempos eguaes".

No 1º caso, é o ensino expositivo ou verbal, feito por transmissão, por transfusão, um como ensino por vasos communicantes; no 2º, é o aprendido activo e individual, que faz funcionar integralmente o aparelho psychico e está baseado nesta regra de ouro: *só se aprende a fazer, fazendo*.

Antigamente, o professor de chimica se satisfazia com a exposição dos factos dessa disciplina, acompanhada de illustrações no quadro negro e só depois fazia — quando fazia! — experiencias em presença da classe; mais tarde se adiantou um passo: as experiencias precederam as explicações, e os alumnos tomavam notas dos resultados; hoje, o proprio estudante faz a experiencia, repetindo-a até as theorias se gravarem.

A palavra professor, na lingua do paiz de Galles, é "ysgol-feister": aquelle que ensina a subir a escada. Não é o professor que deve subir a escada e jogar para o alumno os thesouros que achar, mas ensinar cada alumno a subir sósinho, para este ir se tornando mais forte á medida que subir. A missão principal do mestre não é prover de conhecimentos, mas crear aptidões, despertar e orientar actividades, em uma palavra — educar — preparar a mente para o futuro, como o agricultor que arroteaia para semear.

Dizer — não é ensinar; fazer prelecções ou discursos — não é ensinar. Nas fórmas verbaes do saber, não existe a extranha virtude de nos

livrar da ignorancia. Convém menos ensino ex-cathedra, menos demonstrações baseadas para toda uma classe, menos atenção para o aperfeiçoamento da fôrma obtida por imitação, menos resultados confiados exclusivamente á memoria: é preciso mais trabalho individual na classe e no laboratorio, pois a aquisição da sciencia deve ser mais uma viagem de descoberta do que um simples assentimento aos resultados obtidos por outrem; mais “um saber só de experiencias feito” do que a apropriação de um residuo banal e flacido, que foi saber vivo, uma reminiscencia degenerada, que foi uma experiencia real das cousas.

Toda lição deve ser essencialmente uma acção e uma criação. Nas lições-acções, o educando formúla as regras que resumem o raciocinio que já fez, descobre as definições de tudo o que realmente observou.

A educação soffre no mundo inteiro um processo de revisão. Ao dogmatismo intellectual entre educando e educador. Não mais o programma norteará o ensino, diz Oscar Thompson, mas o typo de cada alumno será a nova bussola da educação. Fazer para aprender, *mas fazer só*, assistido, acompanhado do professor, é o processo da escola nova; *fazer tudo, todas as lições, todos os exercicios, todas as experiencias*, de maneira que os conhecimentos adquiridos pelo alumno não sejam mais do que resultados de sua propria actividade mental e physica. E' a “self-activity”, ou melhor, a “self-education” dos anglo-saxões. O ensino é a suggestão magistral de actividades ao educando, que as effectúa, define-o Sampaio Doria.

O alumno será o paladino de si proprio. A sua personalidade não soffrerá a tortura do leito de Procusto. A natureza chegará virgem ao seu espirito, sem se refranger atravez desses vidros — as crystallizações intellectuaes, os preconceitos dos mestres.

REGRA DE OURO

Os seguintes aphorismas são variantes da regra de ouro, o “só se aprende a fazer, fazendo”:

Learning by doing. Learning is self-teaching.

C'est en forgeant qu'on devient forgeron.

Fit fabricando faber. Factoris verbi et non auditores tantum.

O producto do trabalho pessoal vale mais do que as esmolas da caridade.

O espirito é como o corpo: não se póde andar em logar delle; é preciso que elle mesmo ande.

Os que não ganham com o suor do seu rosto o pão da alma, nunca lhe conhecerão o sabor.

O ensino é uma via-ferrea: o professor é o trilho-guia; o alumno é que é a locomotiva.

Não se sabe bem sinão aquillo que a gente mesmo faz.

Antes, era: head, heart, hand; hoje: hand, heart, head. A motilidade concorre para o desenvolvimento da intelligencia. Vivere et velle; só depois: vivere et cogitare.

Agir e fazer agir. A conducta e a acção constituem as tres quartas partes da vida. O homem é a somma de seus movimentos. O character é simplesmente um conjuncto de habitos musculares.

O maior serviço prestado ao pensamento é impedil-o de aprisionar-se nas opiniões que recebe já feitas ou nos seus proprios liames.

O melhor livro é a natureza; o melhor mestre, a experiencia.

Uma ideia geral não vale senão pelas experiencias que ella resume; sem experiencias, só ha um som, “flatus vocis”.

Deve a criança adquirir experimentalmente a fé em sua energia.

A educação é a arte de ensinar as crianças a nós dispensarem.

Não ensineis o que os alumnos já sabem, ou podem ser levados a descobrir, guiados judiciosamente.

O educador deve reduzir ao minimo sua interferencia pessoal; seguir a par e nunca adiante de seus alumnos.

O professor deve explicar o menos possivel quando ensinar. O saber não deve ser armazenado *para* uso, mas *pelo* uso.

Os alumnos devem ser exercitados em ser investigadores, não me-ros accumuladores.

Ensinemos como se tem aprendido, não como se tem ensinado.

Ensinar para amanhã mais que para hoje. Plantar mais carvalhos do que couves.

Possuir o mundo todo pelo conhecimento e perder sua alma — é uma sorte tão horrivel em educação como em religião.

A alma não é um vaso que se deva encher, mas uma lareira que se deve aquecer.

Insinuar a instrucção e não impol-a.

O virus scientifico, como a lymphá vaccinica, passando por uma longa successão de organismos, perde o effecto de protecção aos moços contra as epidemias intellectuaes a que estão sujeitos.

Si o Todo-Poderoso me offerecesse, numa mão, a Verdade, e noutra — a Procura da Verdade, eu, humilde, mas firmemente, escolheria a Procura da Verdade.

A mais importante, a mais util regra de toda educação, não é ganhar tempo: é perdê-lo.

Nenhuma recepção, sem reacção; nenhuma impressão sem expressão correlativa.

Interiorizar os objectos exteriores e exteriorizar os phenomenos interiores.

Si uma criança fosse sempre carregada nos braços, jámais aprenderia a andar.

O Criador começa, e a criatura acaba a criação de si propria.

A funcção faz o orgão.

L'homme ne jouit longtemps et sans remords

Que des biens chérement payées par ses efforts.

Mau, mas meu. Mon verre est petit, mais je bois dans mon verre.

O melhor meio de comprehender, é fazer: Savoir par cœur n'est pas savoir.

Só ha vida na educação onde ha movimento, liberdade, iniciativa, individualidade.

Seja de teu pomar, teu proprio, o que tu colhas,

Embora fructo, flôr, ou simplesmente folhas.

A FORJA DE BRONTES

"The child is a born worker; activity is the law of his nature".

Hoje o alumno não diz "amen", não se resigna ao esteril papel de sacristão no ensino: para fazer a criação de um espirito e a descoberta de um mundo, põe o espirito em contacto com esse mundo, traduzindo-o pelos sentidos, commentando-o pelo raciocinio.

Hoje elle aprende uma lingua, "cada um" *falando-a, escrevendo-a, fazendo* exercicios de observação, de invenção, e *extraíndo* as regras — e não por meio da grammatica exposta pelo mestre.

A arithmetica, "cada um" *construindo* com tornos a taboada; com tornos *descobrimdo* a numeração, e as operações; as fracções, *partindo fo-*

lhas de papel, *desenhando, observando e generalizando* as propriedades, *vendo* nos graphics as regras; o systema metrico, *fazendo* sua fita metrica de cartão e os pesos e medidas com taboas, e *medindo* a sala, a carteira, o tinteiro, *pesando e medindo* areia, laranjas, etc.; juros, descontos, cambio, *redigindo* documentos commerciaes, *trocando* moedas; em tudo, *fazendo* exercicios e problemas.

A geometria, "cada um" *construindo* solidos geometricos, com barro, cartão, madeira ou arame, *seccionando-se, observando-os; construindo* o esquadro, o transferidor, o compasso, a fita metrica, *medindo, desenhando, observando, comparando, descobrindo* os theoremas, pela inducção como o faziam os egypciacs ha dois mil annos, ou pela deducção.

A mecanica, "cada um" *montando e desmontando* motores, *fazendo-os* funcionar, manejando a alavanca, a balança, a roldana, o sarilho.

A astronomia, *construindo* gnomos, que dão as horas, as estações, os climas, a direcção do sol; como os caldeus, *fazendo* os olhos apascentarem os rebanhos de estrellas, *observando* o nascer e o pôr do sol, para *descobrir* os pontos cardeaes, a permanencia da fórma das constellações.

A anatomia e a physiologia, *fazendo* dissecções de cobayas, de rans, de gallinhas, de peixes, de vermes; visitando os açougues; *fazendo* auto-observações.

A botanica, *herborizando, cultivando* jardinzinhos, *plantando, fazendo* herbarios, *desenhando, vendo* ao microscopio.

A physica e a chimica, *fazendo* as experiencias por suas mãos, "cada um" com o seu thermometro, o seu barometro, as suas drogas chimicas.

A geographia, *fazendo*, excursões escolares, *modelando, desenhando* cartas, *observando*.

A historia, *observando* monumentos e albuns historicos, *folheando* archivos, *reflectindo, tirando* causas e consequencias, *fazendo* synopses, croquis e roteiros de viagens ou batalhas.

A economia domestica, *tirando* manchas, *serzindo, remendando, cosinhando, lavando, varrendo, engommando, batendo* a nata para fazer manteiga.

A musica, *tocando um instrumento, vocalizando, cantando, analysando* as phrases musicaes.

A puericultura, *lavando* creanças ou bonecas, *pesando-as, vestindo-as, esterilizando* o leite em aula, *visitando* as crèches e hospitaes de creanças.

A esthetica, *comparando* quadros, *observando* pinacothecas, *desenhando, contemplando* um monumento, uma arvore, um poente; *trajando-se* com discrecção e arte, *enfeitando* o lar e a escola, *brincando* de nayade, *esculpindo* o corpo nas dansas e na gymnastica.

A educação civica, *assitindo* o jury, a eleição, a sessão da Camara, *fazendo* jury e eleições simuladas, *cultuando* a bandeira, *executando* as bellezas do escotismo.

A moral, *fazendo* uma acção boa cada dia, *fazendo* diariamente um acto de heroismo, isto é, *fazendo* uma cousa, só pelo facto de que não gostaria de a fazer; *costurando* roupinhas para os pobres, *visitando* os enfermos e os asylos, *auxiliando* um collega, *cicatrizando* uma desillusão alheia.

Acabou-se a posição mendicante do alumno que recebia esmolos pelo ouvido; a escola nova não é um asylo: é uma officina, uma forja.

O ARCHETIPO DOS METHODOS

—Porque, sendo a creança tão intelligente, os homens são tão tolos?
—Deve ser culpa da educação, — diz A. Dumas Filho. O menino é a curio-

sidade em pessoa; a infancia — uma humanidade sem experiencia, ávida de instruir-se; mas a escola mata esse estímulo, quando devêra desenvolver a torturante aspiração desses pequeninos Prometheus, emulos desse que foi a personificação das ambições mais nobres e das ansias mais sagradas do homem.

Façamos do methodo da natureza o archetypo dos methodos, observando, fóra da escola, a auto-educação da creança, a attenção espontanea, o esforço, os jogos, a actividade, a alegria, o espirito sugando um pouquinho de cada cousa. Ha um casamento de amor do espirito e das cousas, um idyllio entre a creança e os seres, porque ha afinidade. attenção espontanea — e a attenção tem sempre por causa um estado affectivo.

Só o educador cego se perde na educação; o instincto da creança é o mais bello orientador do ensino:

A sua bohemia de espirito, "esprit de mouche", sua attenção borboleante — requer lições curtas e variadas.

A sua exuberante alegria — pede uma esmola amavel, uma estancia de alegrias, onde se conquiste a attractiva e voluntaria adhesão de seu cerebro de ave.

A sua ansia de gazear a escola e peregrinar a mata — mostra que se deve abrir horizontes, multiplicar os espectaculos, arejar o ensino nas excursões, perfumal-o nos vergeis, refrescal-o nos arroyos, doural-o nos arreboes, fazendo das creanças espiritos dos bosques, dryades e oreades em pleno festival pantheista.

A sua "voluptas psychologica" no perquirir, a sua curiosidade pelas cousas, que chega ao vandalismo por amor da analyse — aponta o methodo inductivo, em que a iniciação do conhecimento é rigorosamente experimental, pela apresentação directa dos seres, sob a impressão immediata do mundo physico e moral; mostra que os primeiros annos devem, sob pena de cretinismo, servir primeiro a exercitar os sentidos. diante das côres, superficies, fórmias, odores, gostos e sons, pois a actividade sensorial constitúe a base da actividade psychica, os sentidos são as raizes que conduzem a seiva intellectual, são os prolongamentos periphericos do cerebro, elementos primeiros da idiosyncrasia mental: não é o centro cerebral que cria a funcção, mas a funcção que organiza o centro.

A sua seriedade, intelligencia e vontade, postas nos brinquedos, em obediencia a um mandato imperativo da natureza, seguindo a lei suprema do crescimento, pois o crescimento do individuo, como o da especie, é o resultado da acção, a natureza lança o germen de certas actividades e a materia constróe em torno dellas — pede a escola de auto-revelação do ser physico da creança, onde a atrophia somatica se corrige pela myotherapy, pela execução de todo o teclado muscular, e onde a fraqueza animica se tonifica nas energias fertilizantes do trabalho espontaneo; pede a "praça de brinquedos", onde — ideal tão cedo irrealisavel — haja brinquedos e occupações para creancinhas, trechos de areia para creanças menores de seis annos, jogos athleticos para todas as edades e para todos os sexos, jogos de competição, apparatus de gymnastica, bailes de typo gymnastico para meninos e meninas, trabalho industrial, inclusive occupações manuaes, cosinha, carpintaria, bibliotheca, theatro, arvores e gramados e, até, tanques de natação e remos.

A sua actividade transbordante, impetuosa — para a qual são ás vezes impotentes os diques da pedagogia medieval — a sua actividade thau-maturgica indica tres graus no ensino: actividade, pensamento e criação ou actividade superior; mostra que o ensino deve ser uma revivescencia, e o alumno o obreiro de sua propria cultura, para satisfazer sua actividade mental, observando, raciocinando, descobrindo, inventando. O ensino que

suscita um esforço espontaneo e alegre de actividades, é excellente: é attraente porque é activo, e é fecundo porque é attraente. A escola maternal é o typo perfeito da escola nova; deve ser o paradigma para o ensino em todos os graus.

A actividade do educando reclama da "escola do trabalho manual e pessoal", a "Arbeitsschule", como a querem Kerschensteiner e Gauding na Allemanha e Dewey nos Estados Unidos. A Inglaterra obriga seus filhos de 5 a 18 annos a passarem pela escola profissional, como preparatorio a qualquer carreira. Pela concepção monista, ha uma unidade psychosomatica, uma inter-acção entre o corpo e o espirito: o exercicio do corpo não é só um exercicio dos musculos, mas da substancia cinzenta do systema nervoso; a motilidade concorre para o desenvolvimento da intelligencia, do mesmo modo que o influxo nervoso, o neurocyma, energiza, abate, modifica o soma; a corrente da consciencia, de James, espalha-se em catadupas pelas mãos, pelos olhos, por todos os alveos do organismo. O trabalho manual é o sol para o qual está voltado esse gira-sol — a creança.

Quando o didacta semeia para a alma, quando, na educação, as ideias de cada alumno são autochtones e não hospedes e forasteiros de outra mente, quando a linguagem não desserve o espirito com empanturrar-o, ao envez de alimentar-o, podemos dizer com Ruy Barbosa: Depois da prece, a suprema santificação da linguagem humana está no ensino da mocidade; o lavrador deste chão devia amanhá-lo de joelhos.

A PAIZAGEM DE CADA EDADE

A escola... sou eu! dirá cada alumno paraphraseando Luiz XIV. Copernico renovou o systema do mundo, fazendo girar os planetas em torno do sol; do mesmo modo chegou o momento de subordinar a educação ao espirito da creança. E' a revolução copernicista prégada por Stanley Hall e Dewey.

O psychismo não é um systema estatico, mas um processo dynamico, com uma tensão interior, um valor instrumental. O "eu" é actividade; é de algum modo um foco de energia virtual que tende a realizar-se incessantemente, porque o eu actual é "não realizado". Esse perpetuo desenvolvimento manifesta um triplice aspecto: a vontade, que é a propria propulsão do eu; o sentimento, que é o acompanhamento desta actividade, a marca do valor pratico da reacção do seu interesse para o eu; o conhecimento, instrumento intellectual fornecendo os meios mais proprios para attingir os fins interessando ao eu; o caracter é a constancia na direcção da vontade e exprime a parte do eu que já se realizou.

A educação é a educação do caracter; educar é dar ás molas interiores, que são o apanagio de cada ser vivo, e que constituem sua personalidade mesma, a occasião de agirem, de se "realisarem", é appellar para todas essas actividades innatas, afim de despertal-as e dirigil-as.

A pedagogia opposta funda-se sobre a receptividade passiva e colloca seu centro de gravidade no mestre, no manual, em toda parte, menos na creança. No entanto, a pedagogia deve partir da creança, o desenvolvimento mental procede de um impulso interior; o acto de conhecer não é um phenomeno autonomo, mas sómente uma função biologica e está em relação como todo o nosso ser; não é o mundo exterior que vem — na genese do entendimento — até nós, ensina Pi y Suner, é a "ansiatrophica" que nos move em busca do mundo exterior.

A creança é o ponto de partida, o centro, o fim; o ideal é o seu desenvolvimento, seu crescimento só isto fornece um methodo pedagogico. O ideal não é que a creança accumule conhecimentos, mas desenvolva suas

capacidades; a personalidade, o character, são cousas superiores aos programmaes. Porque em nossas escolas tantas cousas mortas, mecanicas, formaes, senão porque se subordinam ao programma a vida e a experiencia das creanças? Assim como dous pontos determinam uma recta, diz Dewey, o estado mental actual de uma creança e os factos e verdades contidos nas sciencias, delimitam a instrucção.

O verdadeiro estudo é um processus activo que desenvolve o espirito, é uma assimilação organica cuja origem é interna. O educador não deve attender ás materias de ensino em si mesmas, mas em suas realções com um processo de crescimento integral: vêr isto é comprehender o papel da psychologia na educação.

„A “creança” é uma inexistente abstracção philosophica. Cada uma é um individuo distincto de todos os que appareceram e de todos os que apparecerá, o mesmo que é um typo representativo. em ordem gradual de caracteres, do ramo que constitue sua ascendencia no lar, na região, na historia de seu povo e no tronco common da humanidade. Disse João Adams: A questão não é meer num almofariz pedagogico os 60 alumnos de que João faz parte. até reduzi-lo a uma massa de mocidade uniforme e dividir tudo por 60 afim de obter uma media. João não é um quociente: é um ser real, individual, que é preciso ser estudado em seu character proprio, com as qualidades e os defeitos que o distinguem de todos os seus camaradas. ,

Assim como em medicina não ha doenças, mas doentes e em criminologia não ha crimes, mas criminosos, — em pedagogia não ha o typo abstracto da creança, mas sim typos de educandos, pois a infancia se caracteriza por uma grande manifestação de individualismo, mais accentuado nos anormaes. Por isso a pedologia moderna applica o principio romano de equidade, que consistia em “tratar desigualmente os seres deseguaes”.

A educação é tanto mais racional quanto mais respeite o que podemos chamar com Ortega y Gasset “a paizagem de cada creança e da cada idade”. O melhor professor é o que melhor conhece os seus alumnos; o melhor methodo é o que respeita a natureza da creança, favorecendo a expansão de seus interesses e capacidades.

E' psychologicamente impossivel provocar uma actividade sem algum interesse. O verdadeiro principio do interesse é o que reconhece a correspondencia de um facto ou de uma acção com o appetite do eu; que vê neste facto ou nesta acção alguma cousa de desejada pelo organismo em crescimento, alguma cousa que o agente reclama imperiosamente para se realizar.

A concepção do interesse como symptoma genetico, como signal de necessidades profundas, de virtualidades que tendem ao futuro, de funções novas que pedem para nascer, permite fundar a educação sobre as tendencias innatas do educando, seguindo a natureza sem se sacrificar aos caprichos delle.

Os poderes espontaneos da creança, sua necessidade de realizar as proprias impulsões, não podem ser supprimidos de nenhum modo. Quem mostra interesse por alguma cousa, é porque tem um poder correlativo. Descobrir esses interesses é um problema vital do professor e da escola.

Em geral possui a creança quatro impulsos: o impulso social ou de conversação ou communicação, o constructivo (de fazer as cousas), o de investigação e o artistico. Formam seu capital: a educação deve fazel-o render, que não desperdiçal-o. A creança não é passiva para que vá á escola receber lições; é antes de tudo activa e deve agir.

E Dewey, que estas ideias defende, preceitua: A escola tem o dever de pôr a creança em relação com o mundo que ella pode conhecer e dar-lhe os meios de adexramento da observação, da iniciativa, da engenhosidade (totalmente proscriptas da escola tradicional), da imaginação constructiva, do pensamento logico e do sentido da realidade, adquirindo no contacto de primeira mão com as cousas reaes. A redescoberta, o ensino pela acção, a applicação e utilização immediata do que se aprendeu, as situações reaes do momento, a habilidade para tirar proveito dos livros e não sua memorização, são elementos indispensaveis na eficiencia educativa.

O trabalho pessoal é uma como arte de partejar o espirito, podendo-se então diagnosticar as aptidões, vislumbrar as promessas, augurar o futuro nos actos e sentimentos propheticos da creança.

Nunca se impeça a espontaneidade natural thaumaturgica do educando!

O CULTO A MNEMOSYNE

A educação verbal e autoritaria é uma perniciosa herança das escolas gothicas e monasticas. O pensamento infantil está exposto ao sophisma verbal pela falta de correspondencia entre o vocabulario abstracto que a civilização communica á creança e a pobreza da experiencia infantil; esse mal augmenta com as creanças da cidade.

Em 100 creanças de 6 annos, Stanley Hall verificou que 14 nunca tinham visto uma estrella, 5 não haviam estado no campo, 20 não sabiam que o leite provinha das vaccas, 50 que a lenha procede das arvores, 15 não conheciam differença alguma entre o azul e o amarello, 4 ignoravam a existencia do porco. Karl Lange estudou 500 creanças e notou que em 100, não tinham visto nascer o sol 82, e 77 o occaso, 49 desconheciam uma lagôa, 37 um trival, 82 um azinheiro, 80 uma calhandra, 37 nunca estiveram num bosque, 52 nunca viram uma montanha e 72 ignoravam como o pão provinha do trigo.

Fazemos, diz Lavissee, falar muitas pessôas que não conhecemos quasi, sobre cousas que não conhecemos muito mais. As expressões "dôce murmurio do regato", "sussurro das folhas", "zephyro acariciador", "magestade do carvalho", "frescura da fonte", "fogos da manhã", não são comprehendidas na calma profunda do bosque.

A palavra é um perigo: pôde ficar com uma vida independente das realidades que faziam seu valor, ou unir-se a realidades muito differentes, atraçoando-nos. E é grande esse perigo, porque um vocabulo se installa com força em quatro memorias: de articulação, auditiva, visual e graphica e impõe-se tyrannicamente ao pensamento, fazendo um espirito falso. Em vez da espiga rica de grãos, só se tem a palha, "a palha das palavras", de Leibnitz.

Os educandos da má escola vivem sob uma crosta espessa de juizos todo feitos de preconceitos, de crenças verbaes; ignoram sua personalidade profunda; como nunca se procuram, nunca se acham: são, compara Payot, como as cebolas de Ibsen, das quaes se pôdem tirar successivamente a casca e as tunicas sem se chegar a um nucleo solido.

Os exclusivamente eruditos tornam-se sem fome para a verdade, perdem pouco a pouco o gosto e depois a possibilidade de pensar por si mesmos; só pensam reagindo, como phosphoros, que é preciso esfregar para dar scentelhas.

Qual a marcha "natural" para a aquisição de conhecimentos? Os seres têm propriedades, que produzem phenomenos; os phenomenos impressionam os sentidos e, pelas sensações, produzem imagens; as imagens,

pelas percepções, dão as ideias — e as ideias recebem nomes, são baptisadas, são as palavras; relacionando-se as ideias, temos os juizos, que, proferidos ou escriptos, são as sentenças; os juizos, pelo raciocínio, dão as illações; as illações pelos processos dão o empirismo ou o conhecimento dos phenomenos; os phenomenos relacionados pelo methodo dão as leis, cuja reunião é a sciencia; as leis relacionadas pelas theorias dão os principios, cujo estudo é a philosophia.

O conhecimento, provenha da percepção ou do raciocínio, é o hymeneu prolifico e sadio do espirito com as realidades e não com as palavras; é o contacto fecundo com a natureza; é a superposição da intelligencia cognoscente com as cousas cognoscendas; faz-se da natureza o inductor e do cerebro o induzido — a indução é o methodo acquisitivo.

Cada espirito deveria seguir esse itinerario real, essa rota batida, cada alumno devêra ser o architecto do seu psychismo. Mas no atrio de cada escola, levanta-se a estatua de Mnemosyne, triste padroeira da velha pedagogia.

TATUAGEM INTELLECTUAL

Toda educação é cultura e provisão: formar espiritos e munil-os. A sciencia permite tirar partido da experiencia ancestral e a intelligencia permite tirar partido da nossa experiencia pessoal.

Mas, diz Guay, fóra da somma da sciencia estreita e positiva indispensavel na pratica da vida, todo ensino scientifico é esteril. O ensino scientifico desenvolve no ensino primario e secundario, menos do que se poderia crer, o raciocínio, "porque fornece ao espirito factos e formulas preparadas". Basta contemplar este ensino nos manuaes — ou em nossas lembranças! — para nos convenceremos disso.

E Thamin accrescenta: A sciencia que se ensina não é a sciencia que se faz, nem é mesmo a sciencia feita: é o seu alphabeto e o seu rudimento... O mais das vezes é a memoria que ella fórma.

A sciencia feita esteriliza a mente.

Diz-se que o grego e o latim são uma como tatuagem intellectual para a vaidade da "élite"; não o são menos as sciencias, quando mal ensinadas.

A ESCOLA BOCEJANTE

Quando uma creança não pratica uma regra de grammatica, pouco importa que a recite: não a sabe; sabe-a infallivelmente quem a applica, mesmo que não a recite.

O verbalismo é um perigo. E já se disse que a escola actual está separada da vida, das realidades, por uma muralha de palavras.

Com o ensino oral, com a exposição, com o ensino livresco, mnemotechnico, com a decoração, o alumno não julga, não raciocina, não reflecte, não inventa, não produz — só tem necessidade de reter: é o monopolio monstruoso da memoria, é a hegemonia tyrannica da palavra.

O ensino verbal repousa sobre uma illusão: a de crer que a palavra tem o mesmo sentido para o professor e para o alumno, e o mesmo sentido para todas as creanças — e eis o terrivel psittacismo. O sentido das palavras, dependendo da riqueza das experiencias e dos habitos de espirito já contraidos, é mister substituir as sensações, ou os symbolos concretos, ás palavras.

O ensino verbal é impositivo, dogmatico, a noção é imposta pelo autoritarismo alheio. Ha uma vassalagem ao "magister dixit", consolida-se a pupillaridade do entendimento, que reclamará uma tutela perpetua. E' o salamaleque mental, a escravidão psychica, é a criação de eunuchos in-

tellectuaes. O alumno recebe com uma submissão que nos deve inquietar, porque acolheria do mesmo modo o contrario: forma-se uma memoria, não uma convicção.

No ensino verbal, o alumno fica com uma falta de curiosidade para tudo o que não é livro, com uma indiferença para as lições do mundo exterior, de que nada vê, no qual é um "emparedado", como aquellos da idade-media; com uma tendencia a procurar a verdade, a fazer pesquisas originaes, unicamente nos livros; com um respeito exaggerado pela opinião escripta; com uma crença ingenua na omnipotencia das formulas simples; com uma credulidade irreflectida nas asserções imperativas, absolutas, dos audaciosos ou ignorantes; tem um abaixamento do sentido da vida, um embaraço para se adaptar á existencia contemporanea; um espirito de rotina. Si os alumnos ficassem sempre numa escola assim, perderiam totalmente algumas de suas faculdades.

O ensino verbal fórma o sonhador inutil, o discursador campanudo, a logomachia escolastica, o culto feiticista do syllogismo, a imoralidade da dialectica vasia, que cuida de argumentos historicos sem attender á verdade.

No ensino verbal, faz-se uma cultura de galho ou de enxerto, sem a recapitulação do processo natural, lento e accidentado. O fornecimento de factos e formulas preparadas não desenvolve o espirito, não habilita a pensar, não communica a iniciativa, que é o fundo de todo pensamento. Os exames mnemotechnicos são o minotauro que devora a personalidade. A mocidade dá em holocausto sua affectividade e intelligencia á memoria. A escola livresca é um ninho de triatomas que imbecilizam o alumno.

O ensino verbal é uma generosidade hypocrita, é um presente de regalos, é o prato de lentilhas em troca da primogenitura, é um negocio satânico, um pacto do Diabo que offerece ouropeis para receber a alma. Os educados pelos preceitos e regras não conquistados pela própria intelligencia e pela coacção systematica das manifestações espontaneas da individualidade, accusam preguiça e esterilidade intellectuaes, indecisão e impotencia da vontade, discordancia entre o grau de illustração e o grau de capacidade moral e social. O psittacismo é o tumulto da intelligencia.

No ensino verbal, diz Braga, na illustração illusoria, a photosphera de alheios juizos lá está a simular talento; a esta vaidade gera, a substituir a firmeza de character; e o cerebro, sem actividade real, regressa aos impulsos instinctivos mais ou menos atavicos.

O ensino verbal faz da escola o vestibulo de todos os escriptorios e secretarias, um intellectualismo mendicante. O engurgitamento da memoria é uma traição á patria, a mnemonização passiva prepara a nacionalidade para todas as humilhações.

O espirito, que no aprendizado activo, abraça o mundo com todos os tentaculos, aqui se limita a um: a classe é considerada uma grande orelha onde se sopra a sciencia. A attenção é mais fraca, pois é apenas receptiva. A classe é passiva, immovel, inerte, o ensino monotono, desinteressado, fatigante; a sala é modorra, e a defesa natural é o espreguiçar-se: é a escola bocejante.

(Continúa)

SAUDAÇÃO

AO INTELLIGENTE PROFESSORADO DE ALAGOAS,
QUANDO, EM VISITA A RECIFE, FOI RECEPCIONADO
PELA "SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO PERNAMBUCANA"

*Escrepta especialmente para ser declamada
pela correcta declamadora Celme Feijó*

Não sei julgar a impressão
Que tendes da nossa terra,
Mas, crêde que um coração
Unido, onde o bem se encerra,
Aqui está neste punhado
De filhos de Pernambuco
O torrão alcandorado
Que foi berço de Nabuco,
Para saudar-vos com palmas
De irmãos pelo pensamento,
Pelo sangue e, vossas almas
São nossas neste momento.
Mão de Mestre vos conduz,
Oh, brilhante caravana!...
Vós sois os raios de luz
Da "Instrucção Alagoana".
Dizei naquella gloriosa
Região onde vós nascestes
Da recepção carinhosa
Que aqui, de nós recebestes.
Si falta tiver havido
Ou mesmo desatenção,
Foi algum "mal-entendido"
E... merecemos perdão!
Segui, oh grandes pioneiros,
Com fé e ardôr varonil,
Ensinando os brasileiros
A lêr e amar o Brasil.

Recife, Agosto de 1930.

AUGUSTO WANDERLEY FILHO.

Como se deve ensinar

1) O professor deve falar pouco, o suficiente para fazer-se entendido, sua voz deve ser baixa, mas de modo que os alumnos dos ultimos bancos do fundo da sala o ouçam nitidamente; deve articular bem as palavras para que sejam ellas percebidas claramente.

2) Sua linguagem deve ser simples, mas correcta; o vocabulario apropriado á idade das crianças e á natureza dos assumptos tratados; cada expressão nova ou cada vocabulo novo deve ter prévia ou immediata explicação de seu sentido.

3) Não interrompa assiduamente a criança para corrigir-lhe a resposta; permita-lhe espontaneidade de expressão. Depois de concluida a resposta, corrija a linguagem com parcimónia, os erros mais graves primeiro, os de menor importancia depois, mas sempre de maneira que se não envergonhe a quem mereceu a correção.

4) Não remova todas as difficuldades, aplaine as invenciveis para as crianças mas deixe-lhes o prazer de dominar algumas; não ensine o que ellas possam aprender por si, sem grande custo.

5) Pouquissimos gestos com as mãos ou physionomicos; sempre, se possivel, permaneça de pé; quando explicar, não se afaste da frente da classe; é acertado, ahí mesmo, mover-se pouco; gire entre as carteiras, enquanto os alumnos escreverem, desenharem, fizerem cartographia ou qualquer outro trabalho manual.

6) Objective muito bem as lições; nas repetições, recorra á memoria da classe e só volte aos meios concretos em casos especiaes; uma vez bem entendida a questão em estudo, deve ella ter perfeita representação mental.

7) Repetindo-se uma explicação, não deve ella ser feita com as mesmas plavaras e com os mesmos exemplos: o facto permanece, mas a maneira de expô-lo variará sempre; nem pense o professor que uma explicação basta, por melhor que ella seja.

8) O interesse pela lição deve provir do modo pelo qual o professor a apresente e nunca do modo de castigo ou da cubiça de um premio; a actividade para aprender e a comprehensão que se vae realizando prendem a attenção e criam amor pelo estudo.

9) Nunca se descuide o mestre do arranjo de sua sala de aula e de si mesmo: enfeite-a com carinho e venha a ella bem cuidado, de animo bom, desejo de trabalhar e de ser util á criança que o espera.

PROF. JOÃO TOLEDO.



A ESCOLA RURAL

A Sociedade Alagoana de Educação, de acordo com o Departamento Geral da Instrução Publica, promove a realização de uma serie de conferencias pedagogicas da maior utilidade nesta hora de renovação educacional em Alagoas.

Coube ao Sr. Bernardes Junior, polygrapho de altos meritos, iniciar essa serie de conferencias, perante um grande auditorio, no salão principal do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, no dia 31 de Julho.

O Sr. Bernardes Junior dissertou brilhantemente sobre a Escola Rural, tratando o assumpto com firmeza e muito brilho. Para essa serie de conferencias o Sr. Director da Instrução reservou a ultima quinta-feira de cada mês. A seguir se farão ouvir os Srs. J. Travassos Vieira, Auryno Maciel, Craveiro Costa, Luis Cerqueira, Adalberto Marroquim, Moreno Brandão e outros.

Damos a seguir a conferencia do Sr. Bernardes Junior.

UMA CONSEQUENCIA DE POZIÇÕES NÃO DEFINIDAS

Alguns dos meus amigos, entre os quaes encontro, com intima alegria, o sr. Miguel Batista, em cativantes manifestações de generosidade, dizem, não sei com que fundamento, que sou afeiçoado ao ensino popular. Como sempre tive duvidas sobre a legitimidade deste attributo, nunca me dei ao trabalho de discuti-lo, deixando-me ficar na comoda posição enjendrada pela minha propria dubiedade.

Nunca o neguei, nem nunca o afirmei.

Surpreendeu-me nesta ambiguidade, que a mim mesmo aturde, o sr. diretor da Instrução Publica e, julgando dar-me uma tarefa na altura das minhas forças, escalou-me para abrir esta série de conferencias redor do ensino moderno.

Muito obrigado.

O PREPARO DOS EDUCADORES

Minhas senhoras e meus senhores:

A Escola Normal, como todos os estabelecimentos de ensino profissional, não faz polimaticos. A sua função essencial é dar aos que a frequentam uma cultura geral que lhes permita, depois de deixa-la, estudar e rezolver, por si mesmo, os diversos problemas que as modalidades do labor a que se dedicam, lhes apresentam, como apelos frequentes á sua capacidade de ação.

Se cada um de nós só fizesse aquilo que alguem nos ensinou, se não tivéssemos o poder de analyze e aperfeiçoamento, á nossa maneira, das influencias externas que fazem vibrar o nosso sensorio, se não pozéssemos em movimento continuo as nossas faculdades experimentaes e criadoras, a nossa atividade seria muito limitada.

Teríamos a função das águas paradas, estagnadas, quase inúteis. Quando muito, seríamos automatados, simples aparelhos reprodutores.

Não foi para isto que Adão e Eva, os nossos veneráveis prejenitores primitivos, arrostando a colera do Criador, atirando-nos a este vale de lágrimas e sorrisos. Não, meus senhores e minhas senhoras, deveis estar de acordo comigo neste particular.

PARA QUE ESTUDAMOS

Se estudamos a nossa língua, — esta maravilhoza língua portugueza, que agora mesmo estou amarfanhando, — se estudamos a nossa língua, com o seu intrincado labirinto gramatical, não é para vivermos a citar regras.

Abeberamo-nos dos preceitos indispensáveis para o bom exercício do caprichoso instrumento com que Camões, Machado de Assis, Vieira, Bernardes, Constancio Alves e Eça, erijiram os seus majestozos monumentos de arte e eloquencia, é para os aplicar na linguagem com que traduzimos as nossas idéas e entendermos os que bem o utilizam.

Estudamos a aritmetica não sómente para a empregarmos nas contingencias da vida. Estudamo-la para suprir certas necessidades do espirito, como ginastica do pensamento, como tonico das faculdades perceptoras, como fator do equilibrio no queimamento das células nervozas. A aritmetica, minhas senhoras e meus senhores, essa estrada luminosa aberta á passagem vitorioza da alta matematica, é um dos elementos da lojica, é uma das bases do raciocinio, esta operação mental necessaria a todos os atos da vida humana.

Se persistirmos em nos ocupar de uma por uma das diciplinas que compõem o curso normal, veremos que cada uma delas tem papel importante na formação da mentalidade dos cursistas.

Faço essas considerações, porque já tenho ouvido certas pessoas perguntarem:

—Para que uma professora primaria aprender a lingua franceza, algebra, fizica e chimica, historia natural, muzica, etc.?

E elas proprias responderem:

— Para ensinar a lêr, escrever e contar a meninos, cujos pais não podem pagar colejios, não são necessarios tantos conhecimentos.

Não é só gente do pé rapado que assim se externa. Não. Já ouvi essas palavras até da boca de individuos que, pela sua posição social, deviam ter outra orientação a cerca da cultura intelectual de que devem ser portadores os membros do nosso majisterio publico.

DOIS CLAMOROSOS EXEMPLOS DA ESCOLA ANTIGA

Aquelas pessoas talvez julguem que a nossa escola primaria ainda póde ser rejida por entidades de educação semelhante á daquela desventurada preceptora que, no seu estabamento pedagogico, esquecida da nobreza da sua missão, se sentava á porta da aula, perna alçada ao braço da cadeira, cazaco mal abotoado, e gritava para um pubere pigmentado com o estigma dos filhos de Chan:

—*Vem cá, negro do diabo! Se os brancos desta terra, não prestam quanto mais tu, ladrão preto!*

E, com um puxão na orelhita de azeviche, a que correspondia o grito:

—*Ai, fessôra!*

—*Vamos, dize a lição, safadinho, deixa de luxo!*

Ou por aquele mestre-escola rural: aspecto de ferrabraz, ferula imen-

sa, de puro amarelo vinhatico, sobre a meza de pinho nú, ponta de cigarro de palha de milho, babada, nojenta, no canto da boca desdentada:

—*Menino, vamo vê a taboada,
Eu quero muito certa esta lição.
Hoje num tô de caçada.
Hei de acabá ca vadiação...*

E, depois de limpar, com a manga esquerda do paletot de cretone, os beiços grossos e a bigodeira mal tratada, extinguindo os restos que ali ficaram da cuspurada que largara no chão poeirento da sala, impertigando-se todo nos seus sapatões de sola, a palmatoria á mão direita, atroava, ameaçadoramente:

—*Cinco vez oito, quanto é, menino?
—Cinco vez oito, seu fessô, corenta.
—Corenta? Péra ahi. Vó vê na taboada
E si não fô, te lasco a mão de bolo.*

As figuras interessantes de que acabo de falar-vos, minhas senhoras e meus senhores, encontram-se, de ha muito, no dominio da lenda.

COMO ESTAMOS DISTANCIADOS DAQUELES TEMPOS

Com a orientação moderna dada ao ensino primario do nosso paiz, á frente a instrução publica do Distrito Federal, a de S. Paulo, a do Paraná, a do Espirito Santo e a de Pernambuco, apraz-nos verificar que Alagôas não se alheia, antes se impregna, das idéas progressoras que animam aquelas unidades da nossa Federação.

Pela maneira que marchamos, a despeito da critica impiedosa da sra. Mercêdes Dantas, podemos dizer, com segurança, que dentro em breve estaremos na linha de frente dos vanguardeiros da pedagogia moderna.

A propria sra. Mercêdes Dantas, que tão cruamente invetivou os nossos processos escolares, dizendo verdades aterradoras sobre a deficiencia das armas com que combatemos o analfabetismo que é, — recorramos mais uma vez ao logar comum, a frase feita pompoza, — o maior flajelo da humanidade, fez justiça ao nosso professorado, reconhecendo que ha, nele, "o dezejo de fazer alguma couza nova".

O dezejo, a aspiração, a ambição de fazer alguma couza nova, de progredir, de aprimorar os metodos de ação, é um cabedal apreciavel. E' meio caminho andado, como se diz vulgarmente.

Quem não dezeja renovar, quem não aspira aperfeiçoar quem não ambiciona ampliar os seus meios de trabalho, é que nada vale. Rivaliza com as *naturezas mortas* quando não sahidas da paleta de um Apeles.

O professorado alagoano está sendo formado em a nossa Escola Normal, nessa Escola Normal que o sr. Adalberto Marroquim, com a sua braveza de dezabuzado contra o convencionalismo, reformou, e o sr. Sidronio Augusto, com a sua frieza calculada de soldado alemão, metodizou, reformas e metodos que o sr. Miguel Batista procura conservar, melhorando.

UM DEPOIMENTO DE ALTO VALOR

Dela, mesmo depois de afastados os srs. Marroquim e Sidronio Augusto, pode dizer, judiciosamente, o sr. Alvaro Paes, na sua, nunca assaz elojiada mensajem, recentemente dirigida ao Congresso Lejislativo do

Estado, com o espirito de ponderação e justiça que caracteriza o nosso preclaro governador:

“Tenho fundadas esperanças de que, em Alagoas, se formará uma mentalidade nova alimentada no ardor civico e no trabalho civilizador das suas populações com o milagre da difusão do ensino primario desde o litoral aos sertões mais afastados.

As provas de exames a que assisti na Escola Normal, impressionaram-me fundamente: deram-me a convicção confortadora de um trabalho eficiente e honesto e a certeza de contarmos dentro em breve com um professorado capaz”.

Depoimentos como esse a respeito da atuação e da finalidade de uma obra, partidos de quem é tão parco em elogios, de quem é tão difficil de deixar-se impressionar pelas exterioridades, de quem só reconhece o merito onde ele se encontra, avultam como uma consagração para os seus artífices.

VERDADES DURISSIMAS

Não nos iludamos sobre a situação vijente do nosso ensino popular. A nossa percentagem de analphabetos é demaziadamente elevada.

Temos apenas cerca de 400 escolas distribuidas por todo o Estado.

Os nossos dispendios com a instrução publica são muito exiguos.

Com ou sem magoa pela dezumanidade com que a sra. Mercêdes Dantas descreveu, na imprensa do Rio de Janeiro, a nossa posição sob o ponto de vista educacional, rendamo-nos á evidencia dos fatos, compreendendo que devemos ter mais um pouco de amor pela instrução do povo e um pouco mais de consideração pelo professorado primario.

Sim, meus senhores e minhas senhoras, nós temos o dever indeclinavel, imposto pela civilização que nos bate á porta, de evitar que o nosso chefe de Estado persista em fazer confissões como esta:

“A instrução, que existe, é muito elementar e distribuida por um numero reduzido de menores”.

E que mais tarde, alguém, num desvio do aticismo que deve assistir aos hospedes elegantes, possa lançar-nos em rosto, expressões amargas como estas, divulgadas pela imprensa da Capital Federal, de autoria da talentosa embaixatriz da pedagogia moderna que, ha poucos, nos vizi-tou:

“A escola publica, — disse ela, — vive insulada da vida social e da familia, mobilando os cerebros infantis de noções e idéas incompletas e inuteis ao mais das vezes.

O professor publico é um paria na vida coletiva do Estado. Vejeta á marjem da organização social e administrativa, sem estimulo, nem assistencia”.

Tanto as palavras do nosso governador, como as da sra. Mercêdes Dantas, são verdades tremendas, duras, humilhantes.

Mas, são verdades. Não podemos nega-las, nem esconde-las. Abro-lham á tona da nossa vida coletiva, como atestados indistrutíveis da nossa pobreza e do nosso atrazo social.

Devemos compenetra-nos que a estabilidade das instituições politicas, sociais e religiozas, depende da escola. E' nela que se forma o carater do homem, que se aprimoram as suas boas tendencias e se eliminam as más. Estas sucumbem ao influxo daquelas. Para tanto, basta que o professor tenha noção exata da elevada missão que lhe cabe representar no cenario da vida gregaria, tratando de aparelhar os seus alunos dos elementos indispensaveis para se tornarem cidadãos uteis á patria, á familia e

á sociedade, pela inteliçencia, pela severidade dos bons costumes, pelo amor á ordem e ao trabalho.

O PRECURSOR DA ESCOLA ATIVA ENTRE NÓS

Deram-me a tarefa de falar sobre a escola moderna, a escola ativa, a escola do trabalho.

Quereis saber de uma couza, meus senhores e minhas senhoras?

A escola ativa ou escola do trabalho, não é moderna entre nós.

Ja o notavel bizavô do meu querido amigo sr. Nelson Flôres, o finado professor José Prudente, segundo o testemunho do tambem inescquecivel professor Joaquim Inacio de Loureiro, a praticava, na velha cidade de Alagôas, ha quaze um seculo atraz.

Aquele prestante educador, depois de dar explicações teoricas aos seus alunos sobre a vida dos vejetais e dos animais, levava-os á sua roça, ao seu pomar e ao seu cercado de criações e procurava adestra-los, com lições praticas, no plantio e no trato dos cereais e das fruteiras, bem como nos cuidados que devem merecer o boi, o porco, o carneiro, a galinha, etc., etc.

Era perfeita e incontestavelmente, o incutimento, no espirito da juventude de então, do amor ao trabalho rural, do culto pela terra. Era a formação dos sustentaculos da sociedade de maneira a torna-los uteis, materialização primitiva da pedagogia moderna que agora é praticada, com tanto exito, pela escola ativa.

AFIRMAÇÃO PERFEITA DAQUELES METODOS

O professor Joaquim Inacio de Loureiro, forrajeado, na infancia, certamente, das lições do renomado professor alagoano, conservou até a morte a sua afeição pela vida rural, embora dela vivesse afastado. Era um gosto vê-lo, alquebrado, combalido pelos anos e pelos achaques, punhando, com aquele seu estilo personalissimo, na imprensa e na tribuna, pelos interesses dos lavradores e dos criadores.

Era um dos esteios fortissimos da Sociedade de Agricultura Alagoana, que lhe deve serviços inolvidaveis.

NINGUEM APRENDE SEM APANHAR

O milagre pedagogico, infelizmente, não foi completo.

Vem a pêlo relembrarmos, agora, outras facetas curiozas dos metodos de ensino do falecido professor José Prudente. Servirão, talvez, de subsidios para o futurismo. Ao meu ver, essa ferocissima escola literaria de que se erijio pontifice o sr. José Americo, com as pajinas malassombradas da *Bagaceira*, só se salva quando remonta ao passado, restaurando flagrantes da vida pacata ou tumultuaria das nossas gentes.

O finado professor José Prudente tinha um processo prodijiozo para exercitar os seus alunos em calculos mentaes.

A's quarta-feiras e aos sabados, segundo ainda o testemunho do falecido professor Joaquim Inacio de Loureiro, formava a ródá dos pirralhos para a sabatina de taboada. Ao meio da sala, em volta a mezinada capionga, soturna, prevendo a tempestade que ia dezabar, elle bradava:

—Cinco vezes oito, noves fóra vezes quatro, noves fóra vezes sete?

Ai de quem não tivesse a resposta na ponta da lingua.

A palmatoria vadiava:

—Pá!... Pá!... Pá!...

—Ai, seu fessô!... Ai, seu fessô!...

A's terças e ás sextas, analize lojica. Formada nòvamente a roda, ele gritava:

—*Amanhã vou a Maceió!* Seu José, esta oração esta completa?

—*Tá, simsenhor.*

—Adeante!

—*Tá, simsenhor.*

—Adeante!... Adeante!... Adeante!...

Ninguém mais se animava a articular outra resposta afirmativa ou negativa. Em meio daquela duvida pavorosa, troava a voz do professor:

—Está completa o que? Eu sou alma do outro mundo para ir a Maceió sem me utilizar de algum meio de transporte? Vocês logo não estão vendo que falta á oração o *complemento circunstancial de modo*?!
Eu só posso ir á Maceió de canôa.

E os bolos — que bolos, Santo Deus! — estalavam e, com eles os gritos da petizada.

Mal limpas as lagrimas e mal refeitô o silencio, o bravo educador, que Deus conserve no ceu muito tempo sem nós, aparentando uma calma que era mais uma cilada:

—Agora, sim. A oração está completa: *Eu amanhã vou a Maceió de canôa.* Agora sim...

Andava para lá e para cá, bambaleando-se todo, a esfregar as mãos, como a demonstrar que estava satisfeito:

—Ora, muito bem. *Eu amanhã vou a Maceió de canôa.* Isto é que é uma oraçozinha completa.

De repente, estacava, enrugava a fronte e estendendo o braço que empunhava a ferula para um aluno que se achava ao canto:

—Seu Manoel Joaquim dos Santos, diga-me, por favor: Não falta mais nada a esta oração?

—Não, senhor, — respondia, tremulo, aquele que mais tarde foi o pai da vossa confreira de cuja evazão do vosso convívio fui responsável por artes de um padre e um juiz.

—Adeante!... *Seu João Batista? Seu Simão Papa Martir da Silva?...* (Naqueles tempos, (não riaes), os nomes eram assim. Nada de Helio, Claudionor, Hindemburgo, Nair, Clelia e tantos outros de difícil pronuncia tão em voga atualmente. Era Pedro da Costa, José da Massagueira, Maria da Conceição, Joana de Jezus, ou, então, o marcado pelo almanaque no dia do nascimento do individuo).

Mas, o professor Prudente, atentando imprudentemente contra a dolorosa passividade dos guris, deblaterava, enfurecido, suarento:

—Vamos, a oração está completa, *seu Inacio de Loiola?*

—Parece que está.

Esta resposta levava-o ao auge da indignação:

—Parece que está o que, malandro? Isso é resposta de homem? E' assim que você quer se criar, sem firmeza no que diz? Saiba, porém, que eu não estou aqui para preparar o carater de covardes. Um homem diz: Sim, sim; não, não. Nada de parece, eu penso... Isso é de quem não presta!

—Vamos, a oração está completa, *seu Chico de Assis?* Vamos, responda, você que é o *decurião*, a quem deixei para perguntar por ultimo!

—Está, *simsenhor.*

Explodia, definitivamente:

—Até você?... Está *simsenhor* o que vadio?... Vocês todos não veem que falta o *complemento circunstancial de fim*? Eu sou algum vagabundo para ir a Maceió de canôa sem ter o que fazer lá? Quem vai a Maceió de canôa vai fazer alguma couza. Eu vou buscar o meu ordenado. Logo, a oração só estará completa da seguinte maneira:

Eu amanhã vou a Maceió de canôa receber dinheiro.

Passem todos para a palmatoria!

O estalar violento dos bolos, outra vez, cazava-se com o alarido ensurdecido da rapaziada:

— E' assim que se aprende a raciocinar... Conheçam!

Com efeito, posta á margem a fereza dos castigos corporais, como praxe autorizada daquelas épocas recuadas, não podemos deixar de admirar ambas as iniciativas pedagógicas daquele muito ilustre educador, cuja memoria reverenciamos, como semi-divorciado das regras escolásticas de antanho.

Vejamos o contraste que existe entre a sua maneira de ensinar e a daquela professora que, como toda a maioria, forçava as crianças a decorar as lições.

Dia de férias, o dia em que palmatoria roubada antecipadamente, retornava á escola, enfeitada, em procissão alacre da meninada.

A preceptora, toda delicadeza para a pessoa do inspetor escolar que estava a prezidir os exames:

— Olhe, sr. F., essa sua filhinha é um prodígio de inteligência. Nessa idade já sabe analisar. Repare:

Fulaninha, analize esta frase: *O passarinho fez o ninho*. Qual é o sujeito?

— *Passarinho*.

— E' verdade, dona Sicrana, disse o inspetor a simular estupefação, nunca julguei ser pai de um geniozinho. Dê-me licença de também fazer uma pergunta:

Fulaninha, analize também esta frase: *Deus fez o mundo*. Qual é o sujeito?

E a pequena respondeu sem pestanejar:

— *Passarinho...*

Era só o que sabia, como muita gente que ainda hoje, faz exame agarrada aos pontos das matérias dados pelos examinadores com grande antecipação.

COMO SE ENSINA ATUALMENTE

Conforme demonstrei com o testemunho do falecido professor Joaquim Inácio de Loureiro, o inesquecível bizavô do meu prezado amigo sr. Nelson Flôres, foi, entre nós, o precursor da escola ativa.

Também ainda teremos a renovação dos seus processos de ensinar taboada e analize lixoca? Praza os ceus que não!

Felizmente, minhas ilustres confreiras, para gaudío da meninada, cujas faculdades intelectuais tendes o dever de desbravar, de há muito, a pedagogia moderna banuiu da boca popular esta sentença tremenda que fazia o apanajio do empirismo:

— *Ninguém aprende sem apanhar*.

Hoje, ensina-se é com carinho, com sorrisos, com beijos, com abraços, com bonbons...

O DESVIO DAS VOCAÇÕES

Eu, minhas senhoras e meus senhores, tenho o vezo detestável de gerar confuzões. Se tivesse pendido para a nobre arte culinária, seria saladista de grande vulto.

Não vêdes como tenho misturado alhos com bugalhos?

Falando-vos da maneira como algumas pessoas encaram certas disciplinas professadas em a nossa Escola Normal, sem me aperceber, enve-

redei por outros caminhos, fiz sinuozidades e curvas, desviando a vossa atenção do assunto mater deste palavreado. Assim fazem os que se sentem embaraçados no cumprimento de qualquer missão. O professor do meu excelente amigo, sr. Pinto Filho, por exemplo, tinha uma fôrma admirável de rezolver dificuldades suas e dos seus alunos. Quando estes, nas lições de paleografo, tropeçavam nalguma palavra genuinamente portugueza, escrita á maneira uzada por certos medicos... (efetivamente, olhando-se para certas receitas, têm-se a impressão de que quem as escreveu, levou uma barata ao tinteiro e largou-a ao papel, fazendo-a arrastar-se, zizagueante)... O professor do meu excelente amigo sr. Pinto Filho, que me pediu para contar-vos este fato, como homenagem á sabedoria do seu mestre, quando os seus alunos se encontravam com uma dessas receitas... perdão! com uma daquelas palavras no manuscrito, gritava-lhes:

—*Pulem pru riba! Isso é latin.*

Camões foi, assim, muitas vezes sacrificado, como sacrificados devem ser muitos doentes em consequencia de, lá uma vez ou outra, os boticarios terem de *pular pru riba* dos medicamentos salvadores por não lhes decifrar a grafia...

Eu, infelizmente, não posso *pular pru riba* do assunto que aqui me retém e ahí vos mantém. Mas, não passo de uma triste vitima do erro das vocações contrariadas. Foi para evitar que cazos, como o meu, ocorram em sua terra, que o sr. Edouard Herriot, *maire* inumeras vezes reeleito, de Lion, fundou um dos primeiros officios de orientação profissional do globo. No principio de cada ano, o diretor daquele estabelecimento, tendo á vista os *tests* e as fichas das crianças que vão concluir o curso primario, envia aos seus pais ou tutores conselhos sobre as occupações a que as devem destinar.

Seria uma utopia, pensarmos, por enquanto, na possibilidade de traçarmos, cientificamente, diretrizes profissionais ás crianças que frequentam as nossas escolas primarias, principalmente as do interior, tão desprovidas, coitadinhas, até de mobiliario comum mais ou menos decente. Para chegar-se aos resultados idealizados pelo sr. Herriot, faz-se necessario um aparelhamento complicado em que influem, além dos elementos que citei, ha pouco, os exames medicos e psicologicos, bem como metodicadas experimentações das tendencias individuais.

Pode-se, entretanto, orientar a mocidade para as profissões que mais lhe devem convir, observando-se os principais ramos da atividade do povo nos locaes onde se acham instaladas as escolas.

Ouçamos o sr. Alvaro Paes, o ex-prefeito de Itaguaí, no Congresso das Municipalidades fluminenses, onde s. excia., com os seus vastos conhecimentos de economia politica, teve uma preponderancia excepcional:

“...a escola primaria, dizia o nosso atual governador, póde ser encarada em tres aspectos diferentes: o urbano, o rural e o litorano. Cada um, portanto, precisa ter o seu programa distinto e diferente dos outros. Em uma grande cidade, os meninos que frequentam as escolas primarias se destinam ás seguintes profissões: ás liberaes, exercidas pelos doutores; á burocracia que abranje todo o funcionalismo; á comercial, que se divide em balcão e escritorio; á industrial, que se biparte em escritorio e oficina; e á operaria, a mais vasta, que concentra quatro quintas partes do que sai das escolas. O programa das escolas primarias urbanas deve evidentemente conter tudo o que de qualquer modo possa facilitar a atividade futura do aluno, que vai viver nas gran-

des cidades burocraticas, comerciais e industriais. Já as escolas rurais exigem outros programas. Nos campos, nas cidades e povoados do interior, oitenta por cento dos meninos que estudam vão ser lavradores, criadores, operarios rurais.

O ensino que se lhe dá deve tender a formar uma mentalidade de fazendeiro ou de criador, que serão, certamente, as suas atividades futuras.

Obriga-los a aprender coizas vagas, que nunca terão aplicação na vida real, é um verdadeiro crime. Um aluno de escola rural deve aprender, antes de mais nada, rudimentos de marcenaria, de carpintaria, de economia rural e domestica, de hijiene, dos meios de transporte, de silvicultura, de modo a conhecer as vantajens da conservação das florestas; de pomicultura, horticultura, avicultura e pecuaria.

Devemos dar-lhes a conhecer a superioridade da lavoura mecanica sobre a manual, os metodos mais eficazes de combater pragas da lavoura e da criação, a maneira de exterminar os animaes nocivos e de proteger os uteis, a seleção e expurgo das sementes, a drenagem do solo. Preciza ter uma noção dos inconvenientes do urbanismo e do alcoolismo, e dos meios de se defender do ofidismo.

Já nas escolas do litoral, disse ainda o sr. Alvaro Paes, os programas devem ser outros. Como a maioria dos alunos é filha de pescadores, deve-se "antes de qualquer ensino", ministrar-lhe o relativo á pesca, á navegação de cabotagem, mostrando-lhes o inconveniente da pesca nas épocas da reprodução dos peixes ou com rêdes e tarrafas que colham pescado muito miudo, quaze inutil para o commercio e só proprio para a destruição da especie".

Eis ahi, meus senhores e minhas senhoras, as idéas professadas pelo eminente republico que dirige os nossos destinos, a respeito da instrução popular. Ha, nelas, o reflexo da visão clara e alevantada de um construtor de elites, de um estadista capaz de conduzir um povo ao fastijio da mais bela civilização economica.

COMBATAMOS O EMPIRISMO

Não podemos consentir que problemas tão relevantes, como os encerrados na instrução popular, problemas que interessam fundamentalmente ao homem e á sociedade de que ele é membro, continuem a ser rezolvidos pelas formas empiricas até agora adotadas entre nós.

A escola primaria, onde quer que se encontre, deve ser um centro de interesses, um pequeno curso propedeutico norteado pelas tendencias, pelas necessidades e pelas demonstrações da atividade local.

O professor deve conhecer preceitos de hijiene, historia natural, aljebra, francez, dezenho, muzica e economia politica e domestica.

Estão muito enganados os que pensam de maneira contraria, prezumindo que essas disciplinas são dispensaveis ou meramente decorativas.

Essas materias servem para que o preceptor desenvolva o seu espirito de observação; para que saiba tirar concluzões dos fatos que se dezenrolam ás suas vistas; para que saiba ministrar noções de profilaxia contra as endemias que aniquilam o nosso povo, como a verminoze, o amarelão, a tuberculoze e demais molestias transmissiveis; para que saiba combater

o alcoolismo e outros vícios degradantes; para que saiba compreender e explicar esses grandes problemas sociológicos, como o da mendicidade, o do analfabetismo, o da vagabundagem e o do amparo á velhice; para que saiba despertar nos seus alunos o amor pela natureza, pelas artes, pelas ciencias e, sobretudo pelo Criador, pela patria e pela familia, trindade augusta que deve merecer o culto mais extremado, mais ardente e mais fervoroso de todos os homens dignos de ser homens.

O professor, meus senhores e minhas senhoras, deve ainda conhecer esses grandes problemas da economia politica, para deles dar noções aos seus alunos, como a produção e o consumo, a oferta e a procura, a compra e a venda, a moeda e o credito, o transporte e o tributo, a uzura e o cooperativismo.

Ao meu ver, é ainda pequeno o numero das diciplinas exercitadas em a nossa Escola Normal. O estudo da lingua inglesa, por exemplo, poderia trazer-nos um grande continjente de conhecimentos oriundos do povo norte-americano que é, incontestavelmente, o maior expoente do espirito pratico e utilitario de que nós brasileiros, nós nordestinos e, muito especialmente, nós alagoanos, tanto carecemos.

E', justamente, ao professorado esclarecido, a essa pleiade de lutadores, a esses cooperadores infatigaveis da beleza da vida, que os Estados progressistas, os paizes mais civilizados, devem a sua grandeza economica, a sua força material e moral.

INVOCACÃO AO CIVISMO DO PROFESSORADO

A vós, srs. professores alagoanos, a vós, que tendes as altas responsabilidades da nossa derrota atravez os mares, ora mansos, ora serenos e ora encalpelados, em que velejamos em busca do futuro; a vós que, como outros tantos Moizés, conduzis o nosso povo á terra da promessa que o alfabeto soe dar aos que desvendam os seus maravilhosos misterios, faço um apelo para que adoteis os preceitos da pedagogia moderna, onde quer que vos encontréis!

Dir-me-eis que estou pregando no dezerto. Dir-me-eis que nada podeis fazer, neste momento, para modificar a vossa atuação no disseminamento das letras. Dir-me-eis que vos falta tudo, ou quase tudo, para tão alto conseguimento.

E' o proprio sr. governador do Estado que, com a sua franqueza atordoante, declara:

“O Estado não pode aumentar o professorado e melhorar as instalações das escolas”.

E' outra confissão dolorosa.

Já em 1870, Tavares Bastos, nas pajinas lapidares do seu livro “A Provincia”, proclamava:

“Todos os esforços no sentido de combater a ignorancia e a rudeza do povo, estaca deante da questão financeira; porquanto é preciso convir nisto:—não ha sistema de instrução eficaz sem dispendio de muito dinheiro”.

E ele mesmo, o grande iluminado alagoano, mostra-nos que, já naqueles tempos, um cantão da Suissa, Zurich, com 266.000 habitantes, gastava 600:000\$000 com a educação primaria do seu povo; já, naqueles tempos, o Estado de Massachusset, na America do Norte, despendia com igual serviço 4.000:000\$000, tendo uma população de 1.300.000 individuos, pouco maior que a nossa atual.

Alagoas, no entanto, sessenta anos depois, no seculo do avião e do radio, neste seculo de surpresas e deslumbramentos, neste seculo em que

o homem, com o poder da ciencia, capta forças até então desconhecidas para po-las ao serviço da humanidade, Alagoas apenas consigna no orçamento da sua despeza pouco mais de mil e quatrocentos contos para o serviço geral da instrução publica — primaria e secundaria.

Menos de 1\$220 *per capita!* Dez por cento e, ás vezes, até menos de dez por cento da sua receita arrecadada!

A actual população do Estado de Alagoas está calculada em..... 1.220.000 almas. Operemos rapidamente sobre cifras redondas, admitindo que ela seja somente de 1.200.000. Deste numero, 10 % são, certamente, compostos de creanças em idade escolar. Dando-se a cada escola a capacidade de ensinar a 60 meninos, teriamos: $120.000 \div 60 = 2.000$.

Necessitamos, portanto, de 2.000 escolas, no minimo, para uma regular alfabetização do nosso povo. Mas, a receita publica do Estado, quando excede de 12.000:000\$000, como no exercicio passado, representa um *tour de force* da arrecadação, que cauza espanto até aos espiritos menos prevenidos, atentando-se na deficiencia dos nossos meios de produção e na exiguidade das cifras da nossa exportação.

E' claro que nos falta dinheiro, que nos falta muito dinheiro, conforme sabiamente sentenciamos Tavares Bastos, para enfrentarmos este magno problema. Bem sei. Mas, sei tambem que muito podem a intelijencia, a boa vontade e o patriotismo quando superiormente orientados para a execução de idéas grandiozos que procuram consubstanciar-se na rejeneração humana.

Falta-vos tudo, ou quaze tudo, srs. professores?

Não! Não vos falta tudo e nem quaze tudo. Não vos falta o amor á vossa profissão, não vos falta a creença na sublimidade dos vossos misteres, não vos faltam a abnegação e a corajem para enfrentardes as agruras do vosso sacerdocio.

Se nada disso vos falta, tambem não deve faltar-vos o espirito de iniciativa.

Querer é poder, — dizem, com excesso de razão, — os instigadores da perseveranca, que faz milagres, e da enerjia, que realiza prodijios.

Só os fracos, os inermes, os nulos, os que não sabem querer, — estacam, vencidos, deante dos obstaculos.

Christo, calçado de alpercatas, na sua humildade divina, suplanta o poderio de Czar, fazendo rolar na poeira, ao pezo de suas convicções, tronos julgados indistrutíveis e templos milenarios. S. Francisco de Assis imita-o e evita o fragor das colunas que sustentam o monumento por ele ereto. Anchieta, chamando o gentio á luz da civilização, é maior, muito maior do que Fernão Dias Paes Leme nas suas cacadas de esmeraldas.

Não vos perturbeis, portanto, com a humildade da escola rural de Alagoas.

O envoltorio é nada. A essencia é tudo.

A AREA E' INDISPENSÁVEL A' ESCOLA RURAL MODERNA

Meus senhores e minhas senhoras:

Eu andei, ha tempos, ás voltas com uns compendios de psicologia. Li-os, reli-os e tresli-os, afim de aprender a apreender certos estadios da alma das pessoas com quem trato.

Já leio, portanto, nas feições de muitos de vós, expressões de enfado, como estas:

—Que maçada!

—Quantas tiras daquelas ainda faltam?

Eu presinto todos esses vossos arrepios de máu humor. Eu presinto alguma couza mais. Noto até o ridículo em que estou incorrendo aos vossos olhos, com este abordamento de assuntos superiores ao grau da minha intelligencia.

Que fazer?

Se por um dever de cortezia, muito contra os vossos dezejões, estaes a ouvir-me, devo dizer-vos, mais uma vez, que tambem aqui estou obedecendo a influencias alheias ao meu querer.

Tenhamos, pois, mais um pouco de paciencia.

Precizo dizer-vos que essas escolas, que hoje se encontram instaladas nas partes mais centrais dos povoados ou das cidades do interior, em predios acanhados, comprimidos no cazario, podem, com um pouco de sacrificio, ser mudados para outros, modestos embora, que sejam mais amplos e que tenham a circumda-los grandes areas.

De accordo com a nova organizacão do ensino, a area é um elemento importantissimo para o exito dessas fortalezas de combate ao "tantalismo urbanista", fadadas a vincular ou, melhor, a chumbar o homem á terra, a restrinji-lo aos horizontes do local onde nasceu, mediante o seu aparelhamento conveniente de noções que o habilitem a trabalhar com proveito, a desfrutar o gozo da vida pacata e descuidoza que a cultura dos campos e o trato dos rebanhos proporcionam a quem deles se ocupa intelijentemente.

A escola rural deve ter pateos de demonstrações, onde possam ser feitos canteiros em que o professor plante as sementes escolhidas, de milho, feijão, hortaliças, frutos, etc., para ensinar aos seus alunos o fenomeno da vida vegetaliva.

O pateo é fonte de vida animal e vegetal, graças ao ar puro que o enche, ao sol que o aquece e ilumina e á chuva que nele cai, fecundando-lhe as entranhas generozas.

Demo-lo a todas as escolas, para os brincos infantis, nos instantes de recreio, para os exercicios fizicos e patrioticos e para as praticas de pedagogia moderna.

COMO DEVEM PROCEDER OS PROFESSORES

Ouçamos os pedagogos hodiernos nas suas lições sobre a escola ativa ou escola do trabalho, como devem ser todas as nossas rurais, pelo menos sobre a maneira de ensino experimental:

O professor deve começar a série de suas lições de praticas culturaes, transmitindo aos seus alunos lijeiras noções sobre a composição do solo, Explicará, sem preocupação de demonstrar altos conhecimentos de geologia, quais os elementos que entram na formação das varias qualidades de terrenos e quais as culturas agricolas que melhor se adaptam a cada uma destas. Demonstrará a ação que exercem na vida dos vegetais a agua, o ar, o calor e o frio, mostrando as vantajens e as desvantajens dos raios solares e das chuvas em certos periodos da existencia das plantas, bem como o papel que dezempenham os adubos animais, vegetais e minerais na vitalidade e produtividade das searas.

Ocupar-se-á igualmente da função dos instrumentos agrarios, fazendo confrontos entre o valor da enxada e o do arado, entre o trabalho braçal ou animal e o mecanico, combatendo a rotina, a monocultura e a falta de metodo ainda, infelizmente, observada em os nossos trabalhos agricolas.

Depois disso, deve levar os alunos ao pateo de demonstrações e, aos olhos deles, ou melhor, com a colaboração deles, plantará num canteiro, previamente formado, certa quantidade de sementes de feijão, por exem-

plo, e, de tres em tres dias, tirará, ainda ás vistas deles, da terra, uma e a colocará num cartão em que escreverá o tempo do plantio: 3 dias. Decorridos outros dias, tirará a segunda e a pregará no cartão, marcando: 6 dias. Assim, sucessivamente, o pessoal escolar deve ir acompanhando toda a evolução vejetativa da especie escolhida.

O que se fizer com o feijão, servirá de ensinamento para bem se compreender o que se dá com a semente do café, do cacau, da laranja, da mamona, do arroz, etc., explicadas as diferenças de tempo para o fenomeno germinativo.

Outras lições, não menos atraentes, são as de enxertia de rozeiras, laranjeiras, mangueiras, etc. A escola deve fornecer o cavalo da rozeira brava, da laranja da terra, ou de manga comum. O professor ou um inspector especializado nessa operação, aliás facilima, fará, com os alunos mais adeantados, enxertos de escudo, de garfo e de encosto, ensinando e dando as razões físicas do fenomeno, bem como as vantajens daquelas operações.

Tudo isso é muito simples e muito agradável, tanto para os mestres como para os alunos. Como instrumentos, bastam um canivete amolado, um pouco de cêra de enxertia, um pouco de cordel ou embira. Digo-vos que é facil a agradável, porque já tive nessas operações, o melhor dos meus passatempos... utilitarios.

Para as lições experimentais sobre os frutos, é de grande conveniencia a escola organizar os viveiros de cavalos, afim de que os alunos assistam ao seu desenvolvimento, desde a evolução vejetativa da semente, até o ponto em que o arbusto pode ser destinado á enxertia. Verificado o exito da operação, é tambem conveniente o professor distribuir com os alunos que mais se distinguirem, como premio de emulação, as *mudas* ou enxertos. Deverá obter sempre noticias sobre o seu crescimento, a sua saude, a sua vitalidade, para que deles não se descuidem os presentados.

FESTEJEM A COLHEITA DO PRIMEIRO FRUTO

No dia em que fôr colhido o primeiro fruto, deve a escola fazer uma festinha em que tomem parte os alunos que trabalharam no viveiro e seguiram o curso das operações preliminares. E' provavel que muitos deles já não frequentem a aula. Mas, se presentes no local, devem ser convidados, como homenagem da coletividade escolar aos fatores desse acontecimento.

Colher o primeiro fruto da arvore que plantamos! Saborea-lo!

Ai dos que nunca tiveram essa sensação!

A's vezes, nem temos corajem de prova-lo.

Foi o que sucedeu comigo, ha anos, ao colher a primeira manga do pomarzinho que fundei no planalto do Jacutinga. Mirei-a, apalpei-a, cheirei-a, mostrei-a aos vizinhos, aos amigos, aos conhecidos... Quiz expô-la numa das vitrines da *Brazileira*, noticiar pelos jornais, mandar imprimir cartões de participações como se faz quando ocorre o nascimento de um filho, pedir ao correspondente da Agencia Americana que transmitisse aquela novidade sensacional para o Rio, para S. Paulo, para a America do Norte, para a Europa, afim de que todo o mundo soubesse que u'a mangueira plantada por mim deu um fruto, amarelinho, cheirozo...

Só não pensei em fazer conferencia, porque isto, devo dizer-vos, meus senhores e minhas senhoras, é couza que nuca me passou pela mente.

Depois de andar de mão em mão, estudada, comentada, a manga foi repouzar na fruteira, onde permaneceu longos dias de enlevo para mim.

Certa manhã, resolvi experimenta-la e da-la a experimentar a todos os da minha prole.

Peguei-a... Estava pôdre!

AS FESTAS ESCOLARES DEVEM SER MODESTAS

A escola não deve levar a esse extremo o seu regosijo pela colheita do primeiro fruto de suas experiencias culturaes e nem se expôr ao meu insucesso.

O professor deve ser sereno e sobrio nas suas manifestações de alegria. Nada de transbordamentos, de exaltações, de atitudes escandalozas.

Para celebrar esse acontecimento, basta uma festinha, com a preleção do estilo, modesta, simples, mas capaz de impressionar agradavelmente aos assistentes. Todas as solenidades escolares devem ser assim. No caso da colheita do fruto, a festa tem por fim despertar nos que nela tomarem parte, o interesse pelo plantio de arvores frutiferas. Com essa orientação, teremos, dentro em breve, um culto mais acendrado, no coração do nosso povo, pela divina Pomona, revelado no verde frondejar das chacaras e dos quintais por todo o nosso Estado.

EVITEMOS OS PREJUIZOS NA PECUARIA

A criação é, tambem, um assunto que deve merecer a atenção do nosso professorado primario. A respeito da de bovinos, por exemplo, o professor rural deve explicar aos seus alunos como andam enganados os fazendeiros que teem reprodutores que dão novilhos de 5 anos que pezam 12 arrobas, quando o idéal é obte-los que pezem 16 arrobas, com 3 anos apenas.

Que acontece aos que não prestam atenção a essas minucias?

Perdem no tempo — 2 anos, e perdem no pezo — 4 arrobas, prejuizos assaz vultozos, dezechilibrantes.

E' devido a isso que muita gente não tira grandes resultados na criação de bovinos.

O professor rural deve aconselhar aos seus alunos a, mais tarde, quando tiverem as responsabilidades dos seus rebanhos, preferirem reprodutores dos tipos rusticos que melhor se adaptam aos nossos pastos e ao nosso clima e que produzam crias que se desenvolvam rapidamente. Deve ocupar-se tambem do gado leiteiro, dos suinos, dos caprinos, dos ovinos. A avicultura, com a comparação da produção de ovos e carne, entre uma galinha de boa raça poedeira e uma *crioula*, a apicultura, etc., são assuntos que devem ser tratados na escola rural.

Se nem todos os que a frequentam, rumarem para a agricultura e a criação, pelo menos saberão orientar aos que se ocupam desses agradabilissimos ramos da atividade humana que devemos prestijiar porque deles decorre a nossa felicidade pessoal e a nossa prosperidade economica e financeira.

O INCENTIVO PARA OUTRAS CULTURAS

Não é com essa intenção somente que se deve movimentar a escola rural. E' preciso tambem ter-se em vista o fomento de novas culturas.

Cita-vos a do cacau.

Nem todo o nosso territorio é proprio para ela.

Ha, entretanto, varios dos nossos municipios que podem explora-la vantajozamente. As escolas dessas zonas devem fazer a sementeira do

cacau e distribuir as *mudas*, quando em condições de transplântio, pelos alunos. O professor não deve entregar simplesmente a planta:

—Tome para você...

Não. Convém dizer alguma couza sobre o cacau, falando das suas qualidades alimenticias e do seu valor economico, como produto de exportação. Num dia de festa, fará os alunos tomarem uma chicara de chocolate, para que notem como é delizioso, incentivando-lhes, assim, a simpatia pela cultura do cacauero.

PLANTANDO DA'!...

Sirvamo-nos da escola para combater a rotina e extinguir certas lendas, como estas:

—*Aqui não dá isto... aqui não dá aquilo... aqui não dá aquiloutro.*

Essa negação da capacidade da nossa terra para algumas culturas agricolas, faz-me lembrar historia bastante pitoresca que li algures:

Certo viajante, ao passar por um povoado pauperrimo, onde, ao envez da roca, verdejava o matagal, atentando no estado deploravel dos naturais, famelicos, rotos, suios, em contraste com a pujança da selva, perguntou a um daqueles infelizes:

—Aqui não dá feijão?

—*Inhornão.*

—Não dá mandioca?

—*Inhornão.*

—Não dá milho?

—*Inhornão.*

—Já experimentaram? Já plantaram?

—*Inhornão.* Plantando dá...

A TERRA E' BOA E O HOMEM TEM CAPACIDADE EXCECIONALES PARA ENGRANDECE-LA MORAL E MATERIALMENTE

Minhas senhoras e meus senhores:

Nenhum pedaço da maravilhoza gleba alagoana pode ser comparado ao rincão miseravel de que acabo de falar-vos.

Ha, por ahi, é verdade, muita terra, de otima qualidade, devoluta, inaproveitada, constituindo improduttivos latifundios, cujos proprietarios delas cultivam, apenas, partes insignificantes. Ha, tambem, muita gente deploravelmente instalada na vida: mal comida, mal bebida, mal vestida e mal dormida. Mas, não são consequencias da preguiça.

O nosso povo não é indolente, não é inerte, não é fraco.

Os elementos que enjendraram os seus prodromos deram-lhe qualidades excepcionales. O dezinteresse do aborijene e a passividade do negro, foram controlados pelo espirito aventureiro e laboriozo do ibéro, formando um amalgama capaz de todas as vitórias.

Ai estão, brilhando, nas pajinas da nossa historia, como duas glorias inarcessiveis, Calabar, imolado á perfuljencia do seu sonho de grandeza nacional pela colonização batáva, e Floriano eternizado no bronze do nosso civismo, menos pela consolidação do rejimen republicano, do que pela incizão audacioza da fraze com que repeliu o arrojio dos que pretendiam humilhar a nossa bandeira, num agro momento de comoção intestina.

A situação lamentavel em que se encontra a grande massa dos nossos trabalhadores rurais rezulta de graves defeitos da nossa organização politico-social, que têm como cauza precipua a deficiencia da nossa instrução popular.

Mesmo assim, comprimida na exiguidade do seu territorio, apertada por duas grandes unidades poderosas que procuram lhe uzufruir parte consideravel da ceiva economica com a invazão do seu comercio, Alagôas, que pôde ser comparada á Beljica, entre a argucia da França e a ambição da Alemanha, dá, a todos os instantes, provas indiscutíveis da vitalidade do seu povo em todas as manifestações da atividade humana.

Instruamos este povo, eduquemo-lo na escola do trabalho, e veremos, num dia que não vem tarde, até onde ele chegará, no tramento dos caminhos que conduzem á civilização agro-industrial.

EXECUTEMOS AS IDE'AS DO EX-PREFEITO DE ITAGUAI

Os assuntos de que me ocupei atraz, tomados izoladamente, constituem excelentes temas para os *centros de interesse*, miraculoza inovação escolar já iniciada, nesta capital, no "Grupo Diégues Junior", pela sra. Irene Braga Garrido, com otimos resultados.

Examinei o programa de ensino mandado adotar, ultimamente, pelo sr. diretor da Instrução Publica, nos grupos e escolas izoladas e verifiquei que ele está propicio ao desenvolvimento da escola moderna.

E' preciso que ele seja cumprido regularmente, em todo o Estado, feitas as adaptações exigidas pelas zonas distintas que compõem o nosso territorio.

Faço daqui um apelo veemente ao sr. governador do Estado, invoco as suas virtudes de intelectual e de estadista, falo, em nome do litorano, do matuto e do sertanejo, ao ex-professor e ao economista de escol, pedindo-lhe amparar, com todo o ardor do seu acendrado patriotismo, os elevados interesses da coletividade alagoana dependentes da modernização do nosso ensino rural.

Já, ha mezes, escrevendo, especialmente, para a Revista de Ensino, eu dizia:

"A instrução publica, aplicada na ruralização, num Estado como o nosso, onde ha cinco zonas distintas — a da praia, a da mata, a do sertão, a do agreste e a do S. Francisco, — é, incontestavelmente, um problema dificil.

Mas, o homem que tem corajem de proseguir na construcção de estradas de penetração, com o patriotico intuito de aproximar os centros produtores dos mercados consumidores e exportadores, no momento em que rarea numerario nas arcas do tezouro, terá forças suficientes para enfrenta-lo e rezolve-lo, preparando para o nosso Estado um futuro prospero, cuja pedra angular será a formação de individuos uteis que se devotem ao trabalho intelijente, honesto e metodico".

Terá! Eu o creio. Todos nós devemos cre-lo!

Terá, porque assim procedendo, materializará os seus nobres idéais, consubstanciará, na alma do seu povo, os seus postulados de sociologo, executará os principios bazicos das suas convicções politicas, sabia e caprichosamente expressos nas concluzões da teze que apresentou, em 1924, ao congresso das municipalidades da terra de Nilo Peçanha, como prefeito de Itaguai.

Ouçamos o sr. Alvaro Paes, naquele certamen:

"...proponho:

1º. — que se solicite do governo do Estado a urgente reforma do ensino primario, tendo em vista, principalmente, a atividade futura do aluno;

2º. — que, para isso, sejam organizados programas diferentes para os tres tipos de escolas existentes: a urbana, a rural e a litorana, de modo que o menino da cidade não seja obrigado a aprender a mesma couza que os do campo ou do litoral;

3º. — que se institua um premio para o melhor livro escolar a ser adotado em cada uma das tres escolas mencionadas;

4º. — que se peça ao governo do Estado a criação do ensino ambulante de agronomia e zootecnica, de maneira que, pelo menos uma vez por semana, as escolas do campo sejam visitadas por agronomos e veterinarios, que nelas façam preleções sobre assuntos de atividade rural;

5º. — finalmente, que, em consequencia das medidas alvitradas nesta teze, sejam criadas Escolas Normais no interior e no litoral do Estado, onde as futuras professoras aprendam as materias que terão de desenvolver aos seus alunos, quando esses já adeantados, não tiverem mais o que aprender nos livros escolares”.

Não me cabe, meus senhores e minhas senhoras, fazer comentarios em torno dessa magnifica profissão de crenca, dessa obra de apostolo da relijião que aqui nos congrega, neste desejo insaciavel, nesta aspiração suprema de ver o nosso povo completamente alfabetizado.

Apenas me assiste o dever de, como interprete dessa porção consideravel de iletrados que constitue o grosso da nossa coletividade, com a alma nos labios e o coração aberto aos influxos dos principios doutrinarios superiormente concebidos pelo ex-prefeito de Itaguaí, pedir a s. excia. adota-los como plano e finalidade educacional do seu honrado governo.

A NECESSIDADE DE ESCOLAS NORMAIS E PROFISSIONAIS NO INTERIOR DO NOSSO ESTADO

O sr. Alvaro Paes, explicando a ultima das suas propozições dirigidas ao governo do Estado do Rio de Janeiro, faz uma demonstração categorica do seu espirito de observação, com estas palavras:

“Esta ultima providencia (a 5ª) terá ainda a vantagem de nos tirar da grande dificuldade em que nos encontramos de professores para as escolas rurais, visto como, não conhecendo os encantos das cidades resplandecentes, as mesmas professoras fazendo os seus estudos e diplomando-se onde naceram, facilmente aceitarão cadeiras em logares atrazados do campo, ahi vivendo felizes e prestando os melhores serviços ao ensino”.

Este cazo applica-se perfeitamente ao nosso Estado. Muito lucraria o ensino popular de Alagoas, se podessemos estabelecer duas ou tres Escolas Normais no interior. Por enquanto, parece-me, nem é elegante pensar-se nisto, diante da situação financeira em que nos encontramos. Comtudo, prezumimos que as entidades que aqui me mandaram falar, estudando cuidadosamente este assunto, encontrarão meios de ataca-lo vitoriozamente.

S. excia. ocupou-se igualmente, no documento a que me reporto, do ensino profiissional, encantando a assistencia daquele congresso com a historia de um jovem americano que, depois de cursar as aulas de um liceu, se sentia incapacitado de ganhar a vida honestamente, ante a improficuidade dos conhecimentos que lhe foram ministrados. Não fôra o adeantado da hora e a necessidade em que me encontro de referir-me a

MARIO GUIMARÃES & Cia.

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

CODIGOS: A. B. C. 5. Ed. Melb. e 6, Mascotte, Ribeiro, Borges e Particular

MATRIZ:

Rua Dr. Rocha Cavalcanti, 352-356

CAIXA POSTAL N.º 57

Telegramma: CASTRO

TELEPHONES: { Escriptorio-309
Automoveis-308
Posto de Serviço "Chevrolet" 159

MACEIO'

FILIAL:

Rua Santos Dumont 32,

CAIXA POSTAL N.º 42

Telegramma: NIOAL

BAHIA

REPRESENTANTES DE IMPORTANTES CASAS E FABRICAS DO PAIS E DO ESTRANGEIRO

EXCLUSIVOS VENEDORES dos afamados Pneus MICHELIN

Peças e accessorios para automoveis CHEVROLET, OAKLAND, PONTIAC etc.

MACHINAS DE BENEFICIAR ALCODÃO "EAGLE"

Machinismos para Industrias e Agricultura

Agentes da GENERAL MOTORS OF BRASIL S/A

**Companhia de Seguros Terrestres e Maritimos SAGRES e INTER-
NACIONAL DE SEGUROS (accidentes do trabalho e automoveis)**

Concessionarios da Companhia Industrial "Cortume Alagoano" S/A Viçosa-Alagoas:

**Esmerada preparação de solas, raspas, vaquetas ao chromo e ao semi-
chromo, buffalos, vernizes etc. etc.**

CASA DAS MEIAS

—DE—

Diniz Almeida & Cia.

Rua 1.º de Março n.º 134
MACEIÒ



**Sortimento completo e permanente
de todos os padrões e de todos os typos:**

MEIAS para homens

MEIAS para senhoras e senhorinhas

MEIAS para crianças

TEMOS AS QUALIDADES QUE NINGUEM RECEBE.

**FAZEMOS OS PREÇOS MAIS CAMARADAS DO MUNDO,
COMO NINGUEM FAZ**



Quem quiser calçar meias decentes visite a

Casa das Meias

RUA 1.º DE MARÇO N.º 134

outros assuntos, eu ilustraria esta palestra com mais esse trecho da formosa t eze do talentoso ex-prefeito de Itaguai. Poupo-vos, meus senhores e minhas senhoras, com grande magoa, desse delicioso prazer, declarando-vos apenas que o caso daquele moço repete-se diariamente em o nosso ambiente. Penso, entretanto, que poderemos bani-lo, lanando m ao dos recursos que o governo federal p oe   nossa disposio, por meio de uma lei que assegura favores monetarios  s escolas profissioaes fundadas pelos Estados. Sergipe j  tem uma dessas e n s tambem poderemos ter pelo menos uma, em Penedo, por exemplo, de acordo com as sugest es apresentadas pelo professor Luiz Cerqueira   Sociedade Alagoana de Educao, na sua sess o de 26 do corrente, as quais v o ser levadas, oportunamente, ao conhecimento do exmo. sr. governador do Estado para que as estude e ampare com o seu patriotismo.

COMBATAMOS O EGOISMO

Meus senhores e minhas senhoras:

Bem sei que tenho abuzado em demazia da carinhoza benevolencia com que me ouvis.

Devo concluir.

Antes de faze-lo, por m, quero chamar a ateno dos educadores alagoanos para o dever imperiozo que lhes cabe de moverem guerra sem quarteis ao egoismo individual, educando os seus alunos em os s os principios do utilitarismo pessoal e coletivo.

Dessa luta pelo adoamento dos corao,es dos homens de amanhã, surgir  uma duplicidade de resultados: o moral e o economico.

Ha, entre n s, individuos que rezidem, durante dezenas de anos, numa mesma caza de aluguel, com quintal espaozo, e nunca plantaram, ao menos, uma pimenteira.

Se atentando nessas poro,es de terras, quaze sempre muito boas, quaze sempre edubadas de detritos organicos e vejetais, perguntamos a qual-quer desses:

—Porque n o aproveita esse quintal, plantando laranjeiras, mangueiras, abacateiros, frutap o,zeiros, videiras, etc.?

A resposta   invariavelmente esta:

—Ora, a caza n o   minha. Logo que eu achar outra melhor, mudar-me-ei. Como   possivel que eu n o possa arrancar o que plantei, n o vou trabalhar para os outros.

E l  se ficam anos e anos a fio, com os seus quintais inuteis, comprando, *pela hora da morte*, os reduzidos frutos e as exiguas hortalias que consomem.

E', precisamente, esse egoismo reprovavel, que concorre para a deficiencia da alimentao vejetal do nosso povo, que a escola deve combater tenazmente.

As gerao,es novas devem ser educadas com a intuic o da utilidade individual e coletiva, com a id ea da prosperidade economica particular e publica, com a corajem das renuncias que forma santos e her es.

Deve ser aparelhada para praticar o bem pelo amor do proprio bem.

A caza de aluguel n o  , de fato, de nossa propriedade. Nela poderemos estar tranzitoriamente. Mas, quando a vamos habitar, n o sabemos, quaze sempre, o tempo que nele permaneceremos.

Porque n o aproveitarmos, desde logo, o seu quintal, plantando hortalias que servem para "condimentar as carnes e os peixes, variar os manjares, abrir o apetite, dar um certo tono   massa do sangue e, sobre-

tudo, deobstruir certos órgãos, como os pulmões, o estomago, o baço e os rins, de seus catarros, bilis e impurezas”?

Porque não plantarmos, neles, mamoeiros, mangueiras, sapotizeiros, laranjeiras e tantos outros frutos saborozos que fazem as delicias das nossas sobremezas?

Porque não o encheremos de flores que perfumam e embelezam a nossa vida, de muitas flores com que possamos presentear aos amigos e atirar aos inimigos?

—Ora, a caza não é minha. Para que plantar? Plantar para os outros gozarem?

Tristes expressões do egoismo pessoal.

Combatamo-las.

AS COMPENSAÇÕES DO AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Se, realmente, por qualquer circumstancia, nos mudamos da caza em cujo quintal plantamos algumas fruteiras, antes de nos servirmos delas, devemos levar conosco a certeza de que nos tornamos uteis ao proximo e concorremos para o enriquecimento do patrimonio de arvores frutíferas do nosso Estado.

Sucedede, ainda, que se todos seguirem este exemplo, o que é possível, desde que uma propaganda intensa irradie da escola, ao mudarmo-nos da caza onde deixamos os vestijios do nosso amor á arvore e aos nossos semelhantes que a irão habitar, levamos a convicção de que nos será dado gozar o trabalho de outros que fizeram o mesmo que fizemos, encontrando fruteiras no quintal da nossa nova habitação.

Haverá nisso, meus senhores e minhas senhoras, duas grandes lições, a que não poderá ser indiferente nenhum individuo de bons sentimentos: a lição economica, consubstanciada no acrescimo da produção de frutos, e a lição moral representada pelo estado dalma do plantador que, no momento em que faz o plantio, esquece a sua pessca para só pensar no bem comum.

O PREPARO DOS PROFESSORES PARA ESSAS LIÇÕES

Como a nossa Escola Normal ainda não tem um curso de economia politica rural e domestica, é evidente que nem todos os professores primarios se encontram aparelhados para lecionar sobre essas materias, desenvolvendo praticamente os temas de que venho de falar-vos. Não lhes será difficil, porém, obter os elementos indispensaveis para o desempenho cabal de sua missão, desde que recorram á diretoria da Instrucção Publica ou á Sociedade Alagoana de Educação. Ambas essas entidades estão servidas de espiritos esclarecidos e aptos a dar-lhes o seu apoio, contribuindo com suas luzes para o exito desse tentamen.

A COLABORAÇÃO DA FAMILIA

Os mestres da pedagogia moderna são unanimes em afirmar que a escola atual para poder acompanhar o ritmo maravilhoso da civilização cosmica, nada deve conservar da sua antiga feição classica.

Se é ela, — segundo o sr. Fernando de Azevedo, — a preparação para a vida, nos seus elementos essenciaes, e se a educação tem por fim o melhoramento da comunidade, do ponto de vista da saúde, do trabalho, das relações sociais e do recreio, não pode prescindir da colaboração da familia, de

que se deve aproximar, já para influir sobre ela, já para lhe dar a responsabilidade direta na obra da educação.

Os primórdios da pedagogia moderna devem, portanto, aparecer no lar e os pais têm o dever de acompanhar a ação dos professores, prestigiando-os com a sua autoridade de principais responsáveis pelos destinos da sua prole.

BALAVRAS FINAIS

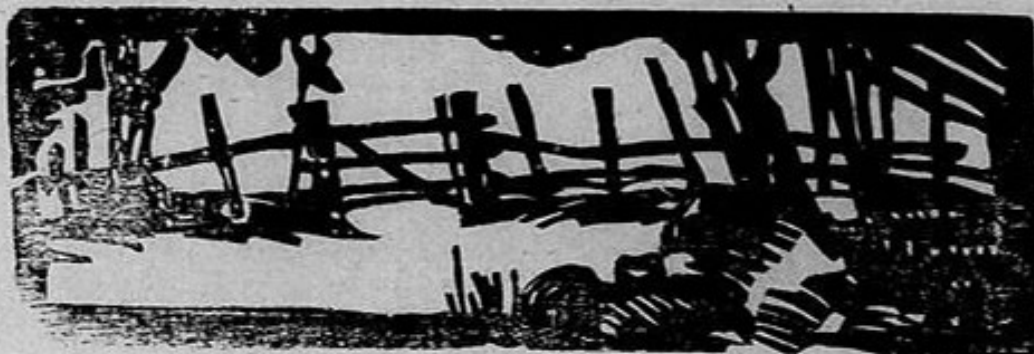
Meus senhores e minhas senhoras:

Já me diriji ao professorado alagoano, apelando para o seu civismo no sentido de adotar os metodos modernos de ensino, criando, entre nós, a "escola do trabalho que se destine, como um vestibulo do meio social, á formação do individuo pela comunidade e para ela, além de criar o espirito de disciplina e solidariedade social, que constitue com o trabalho realizado no interesse cultural da comunidade, uma fonte de forças vivas e a unica educação popular capaz de nos dar a posse completa de nós mesmos".

Já invoquei o patriotismo do sr. governador do Estado, implorando a graça da sua melhor atenção para esse magno problema, cujo soluçionamento perfeito está a dezafiar a atuação do eminente filho de Alagoas que em bôa hora dirije os nossos destinos politicos.

Apelo agora para vós, srs. pais de familia, concito o amor que tendes pela vossa prole, falo ás vossas acendradas aspiraçois de paz e felicidades para os vossos decedentes, faço um chamamento veemente ao vosso civismo, pedindo-vos que ampareis com a vossa simpatia, com o vosso estimulo, com a vossa cooperação, leal e sincera, a modernização da escola primaria alagoana.

Congreguemo-nos todos sob a bandeira da instrução popular e, empolgados por esse idéal grande e forte, olhos fitos no futuro alcandorado que nos acena, corações estuantes de dezejos pela perfetibilidade do nosso povo, realizemos a maior, a mais elevada, a mais perfeita de quantas obras sociais nos cumpre realizar, em favor da abençoada terra de Alagôas e da majestosa terra do Brazil.



TEMPLO

João Barreto de Menezes
da Academia Pernambucana de Letras

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Seja o templo qual fôr, diversa a crença,
Um laço ignoto prende a humanidade.
Por mais que se mutile a liberdade,
Mais brilha e surge com pujança imensa.

O direito, a razão, não ha quem vença,
por mais que o crime aos despotas agrade...
O homem tem horror á iniquidade,
e o homem luta, porque o homem pensa.

Um galho em prol da lei faz-se floresta...
Esmagado um principio, o homem protesta,
E o protesto relampagos produz.

Ha no templo esperanças e mysterios...
E' que toda a riqueza dos imperios
Não vale uma sandalia de Jesus.



MONOGRAPHIAS GEOGRAPHICAS

Município do Pilar

Craveiro Costa

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Esboço Histórico

Nos dilatados annos da formação geographica e social do territorio alagoano, o actual município do Pilar não apresentava sequer os lineamentos expressivos de uma modesta circunscrição administrativa na vida tumultuaria da capitania. Era apenas parte integrante do patrimonio de Gabriel Soares, alcaide-mór de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul.

Nessa parte do seu vasto dominio territorial, Gabriel Soares fundou um engenho de assucar, que teve o nome de *S. Gabriel* e tambem foi conhecido por *Nossa Senhora da Conceição*, passando depois a chamar-se *Engenho Velho*, quando o alcaide-mór montou segunda fabrica com a denominação de *Engenho Novo*.

Esses dois engenhos deram origem ao município. Ao tempo da invasão hollandêza o primeiro engenho de Gabriel Soares pertencia a Domingos Rodrigues de Azevedo, que o houvera do proprietario por compra.

Os terrenos das duas fabricas colonias, subdividindo-se por varias formas de aquisição de dominio, foram cedendo lugar a outros engenhos. Nas terras do *Engenho Velho*, que eram vastas, levantaram-se os engenhos *Pilar*, *Pilarsinho*, *Grajaú de Baixo*, *Grajaú de Cima* e *Lamarão*; nas terras do *Engenho Novo* encontram-se hoje: *Flôr do Parahyba*, *Engenho Novo*, *Oriente*, *Mumbaça*, *Brejo*, *Terra Nova* e outros situados á margem do rio Parahyba. Essa identificação territorial deve-se a pacientes investigações de Pedro Paulino da Fonseca.

Em 1750 já existia o engenho *Pilar*, propriedade do coronel Matheus Casado de Lima, português, figurão co-

lonial que ahi se estabelecera. O nome da propriedade originara-se do culto que na capella do engenho se consagrava á Nossa Senhora do Pilar.

Matheus Casado, que falleceu nesse engenho em 1788, foi tronco de numerosa prole. Agricultor rico, senhor de grande escravaria, figura representativa da comarca, juiz ordinario de Alagoas em 1769, fundou tambem o engenho *Campina*, em Santa Luzia do Norte. Foi sogro do advogado Alvaro Arnaud de Sotto Maior e do alferes José Ignacio Accioly e pae de José Casado de Lima.

Das informações annexas ao mappa da população da freguesia de Alagoas, organizado em 1813 pelo vigario Antonio Gomes Coelho e existente no archivo do Instituto Historico Brasileiro, verifica-se que, naquella anno, o territorio pilarense ainda pertencia áquella freguesia, que confinava, a oeste, com a de Atalaia. O vigario menciona varios engenhos, mas tem para o *Pilar* esta referencia destacada:

"E' talvez a melhor propriedade desta comarca pela galante semetria da sua situação e abundancia do pescado, pelo frequente commercio do seu porto, onde se faz o embarque e o desembarque dos efeitos que sobem para Atalaia e descem daquella villa e suas visinhanças."

No referido anno o engenho tinha em seus arredores mais de sessenta fogos, porém quasi todas as casas eram de palhas e habitadas por pessoas pauperrimas, o que não depri-me o povoado nascente porque essa condição de pobreza era a de quasi todos os habitantes da freguesia, segundo o proprio parochio refere melancolicamente.

A situação intermediária do povoado que se formava ao redor do engenho, a 3 leguas da séde da comarca e a 2 da villa de Atalaia, grande centro agrícola e industrial de todo o sertão, e a excellencia do seu porto lacustre, proximo ao do Francês, que servia á capital, e ao de Jaraguá, por onde Maceió fazia o seu commercio, favoreceram extraordinariamente o desenvolvimento do povoado pilarense, que foi o nucleo fundamental do municipio.

Ao lado da gente humilde que por ahi se fixara, attrahida pela facilidade da subsistencia, encontrada fartamente na logoa Manguaba, estabeleceram-se mercadores portuguezes e outros aventureiros. Pouco a pouco o commercio ampliou os limites do povoado e a vida agrícola, estendendo a area cultivada e fundando novos engenhos, levou o territorio pilarense ás proximidades de Atalaia e Santa Luzia do Norte.

O commercio principalmente fazia o desenvolvimento do povoado. O engenho *Pilar*, passando a successivos donos, por herança ou por compra, acabou nas mãos do Dr. Antonio de Carvalho Raposo, cedendo a terra ao burgo florescente, que, por fim, absorveu-lhe o nome, estendendo-o ao municipio.

A estrada que dahi partia para a villa de Atalaia e seguia até Garanhuns, ligando por diversos caminhos a zona sertaneja ao litoral, tornou o povoado um emporio de primeira ordem. Para elle affluia toda a producção do valle do Parahyba, destinada á exportação e ao consumo das populações litoraneas e por seu intermedio todo o centro se abastecia. O porto servido por numerosas embarcações de pequena cabotagem, em transitio diario para o Francês e Maceió, passou a ter um movimento notavel.

Em 1854 teve o Pilar sua autonomia ecclesiastica, desmembrando-se da freguezia de Alagoas. Em 1857 obteve as prerogativas de villa. Creada a villa, estava creado o municipio, *ex vi* do artigo 167 da Constituição do Imperio e da Lei de 13 de Outubro

de 1832. Era a autonomia administrativa.

Dahi por deante o municipio progrediu extraordinariamente, chegando a ser um centro commercial só excedido por Maceió e Penedo. A vida social pilarense teve então grande e longa phase de esplendor.

A estrada de ferro que ora acompanha os cursos do Parahyba e Mundahú e cujos beneficios o commercio do Pilar inadvertidamente recusou, determinou a decadencia do municipio; outra estrada, por fim, tornando a linda cidade lacustre um suburbio da capital, concluiu a obra de decadencia que aquella iniciara.

O Pilar actual é apenas uma sombra do passado, que, alás, foi de honrem.

Esboço Anthropologico

POPULAÇÃO — A população do municipio tem a mesma origem, os mesmos costumes e as mesmas tradições da do Estado. Gente pacifica e laboriosa traçou as linhas geographicas do municipio, formou o agrupamento social e realizou a exploração agrícola da terra sem o auxilio do braço estrangeiro. Os portuguezes que se estabeleceram no povoado emergente do engenho do alcaide-mór da Magdalena apegaram-se ao commercio, visando os lucros das transacções com os senhores de engenhos, que eram, no final de contas, os verdadeiros propulsores do desenvolvimento regional pela cultura da terra.

Em 1870, segundo a estimativa de Thomaz Espindola, 2.050 escravos, numa população de 9.002 individuos, faziam os cannaviaes, apascentavam os rebanhos, movimentavam os engenhos de assucar, arrancavam da terra a riqueza que os senhores ostentavam e a canalizavam para o commercio. A libertação da massa de escravos não podia deixar de ser um golpe profundo no organismo economico do municipio, pela desorganização do trabalho rural e pela consequente diminuição da producção e da riqueza.

Oprimeiro recenseamento geral do

Brasil, sob a Republica, em 1890, deu ao municipio uma população de 13.348 habitantes; o segundo, de 1900, contou 15.766 almas, e o de 1920 estimou a população em 16.763 individuos. Não será exagero avaliar actualmente a população em 20.000 pessoas.

A CIDADE — O povoado originario do engenho *Pilar* foi elevado á categoria de villa pela Lei n. 321 de 1º de maio de 1857, e a de cidade pela Lei n. 626 de 16 de março de 1872, tendo sido creada na mesma data a comarca do *Pilar*.

Fica á margem da lagoa Manguba, a 12 kilometros da estação de *Bitencourt*, a 18 das estações de *Satuba* e *Atalaia* e da cidade de *Alagoas* e a 36 de *Maceió*. Por uma excellente estrada de rodagem communica-se com a capital, havendo trafego diario de automoveis e caminhões e um serviço regular de auto-omnibus. Com a capital communica-se ainda pela lagoa, sendo o trajecto, em lancha a vapor, de 4 horas. Pela mesma via lacustre está em communicação com a cidade de *Alagoas*. Por estrada de rodagem está em constantes relações com quase todo o Estado, principalmente com *Atalaia* e *S. Miguel*.

Conta approximadamente 8.000 habitantes, boa e solida edificação na parte central, mais de 2.000 predios, havendo grande numero de sobrados. As ruas principaes estão calçadas a parallelepipedos, duas praças bem ajardinadas, agua encanada nos domicilios, illuminação publica e particular fornecida por energia electrica, um cinema installado em predio proprio, tres igrejas, um grupo escolar que funciona em edificio excellent. Possui bom serviço de assistencia publica, ministrado por um posto de prophylaxia rural e pelo hospital *Nossa Senhora de Lourdes*, inaugurado em junho de 1929, em predio proprio, com duas enfermarias, sala de cirurgia, pharmacia, apartamentos para pensionistas, necroterio, capella e demais dependencias, tudo montado com rigorosa observancia dos bons regimens hospitalares.

A vida associativa da cidade concentra-se na *Sociedade Fraternidade e Instrucção dos Caixeiros do Pilar*, aggremação que conta 46 annos de existencia e tem sido uma collaboradora esforçada e assidua do progresso do municipio, mantendo uma bibliotheca e um curso nocturno; no gremio *Paladinos da Democracia*, que reúne mensalmente a familia pilarense; na associação que promoveu e realizou a obra benemerita da fundação do hospital *Nossa Senhora de Lourdes*, e na Colonia dos Pescadores *Z 8 Myriam Lima*. Possui a cidade serviços federaes de telegrapho, correio e meteorologia.

INSTRUCÇÃO — Ministra-se no municipio o ensino secundario no *Atheu Pilarense*, estabelecimento particular de boa e solida tradição, e o primario proporcionado gratuitamente pelo Estado, pelo municipio e por algumas associações, havendo ainda escolas particulares cuja matricula exige pagamento mensal.

O ensino primario data no *Pilar* de 1837 com a creação de uma escola de primeiras letras para o sexo masculino, em virtude da Lei provincial n. 627 de 16 de março daquelle anno. No anno seguinte, pela Lei n. 10 de 15 de fevereiro, foi creada uma cadeira para meninas. Em 1849 foi creada mais uma cadeira, em 1868 outra e em 1870 ainda outra. Em 1859 o povoado de *Santo Amaro* teve uma escola para meninos, supprimida em 1861. Em 1872 deu-se ao povoado *Mangabeiras* uma escola para meninos e á *Chã da Ladeira* uma para meninas.

O governo provincial nunca cuidou seriamente da alphabetização popular. Actualmente o municipio conta um grupo escolar, 3 escolas mixtas estaduais nos povoados, 1 escola municipal e 5 escolas particulares, com cerca de 800 escolares de primeiras letras.

RELIGIÃO — A religião predominante no municipio é a catholica, sendo raros os adeptos do protestantismo e de outras seitas. Antes da creação da freguesia, *Pilar* pertencia

á jurisdicção ecclesiastica de Alagoas, passando a reger-se autonomicamente em virtude da Lei provincial n. 250 de 8 de maio de 1854. Foi seu primeiro vigario o padre Jacintho Candido de Mendonça, nomeado em 2 de abril de 1855 e fallecido no exercicio de seu cargo em julho de 1870.

A capella do engenho *Pilar* serviu de matriz por alguns annos. Reconstruida a ingentes esforços de José Felix do Rego e Manoel de Carvalho Pedrosa, foi solemnemente inaugurada a 31 de agosto de 1879, sob a confirmação canonica de N. S. do Pilar. Além da matriz, conta o culto catholico na cidade as igrejas de S. Benedicto e N. S. do Rosario, na Chã da Ladeira a capella de N. S. das Graças e algumas outras em engenhos.

MEIO INTELLECTUAL — Sempre foi dos melhores no Estado o meio intellectual pilarense. A imprensa, fundada na séde do municipio em 1870, foi um grande factor da evolução mental do Pilar. O primeiro periodico que alli se publicou foi o *Pilarense*, apparecido em 5 de março daquelle anno, sob a orientação e redacção de M. Farias Maia. A esse jornal seguiu-se o *O Mercantil do Pilar*, semanario, editado por Temistocles Soares de Albuquerque, tambem do mesmo anno. Ainda em 1870 começou a circular o *Sete de Setembro*, orgam politico, literario e commercial, dirigido por Cesario de Azevedo. Dahi por deante o jornalismo provinciano teve na cidade do Pilar grande numero de representantes de existencia mais ou menos ephemera.

A campanha abolicionista e a propaganda republicana arregimentaram na imprensa pilarense alguns intellectuaes que, por muito tempo, foram o centro de orientação literaria e politica do municipio. Pelo ardor combativo e pela assidua collaboração no jornalismo local em prol das campanhas democraticas que agitavam o pais, destacaram-se Pedro Amancio da Costa Rego, o pharmaceutico Taboca Filho, que era um

musico eximio, João Frederico e muitos outros.

Deixaram na imprensa pilarense excellente e copiosa producção Taurino Baptista, Adelino Nunes, José Correia, Jonas Taurino e outros.

Actualmente publica-se na séde do municipio a *A Cidade*, semanario, redigido pelo poeta Nilo Ramos, com bôa obra literaria em livros apreciados.

A figura mais notavel do meio intellectual pilarense é, sem duvida, o Dr. Manoel Ramos de Araujo Pereira, que não é somente uma brilhante expressão de intelligencia regional mas uma individualidade illustre no Estado pela amplitude do seu saber. Medico, conhecedor profundo da sua sciencia, reúne ao preparo scientifico vasta e solida cultura geral. Não é pilarense de nascimento, pois nasceu em Quebrangulo, mas vive no Pilar desde a infancia, venerado pela cidade, que nelle vê um benemerito.

O Dr. Octavio Gomes, que tambem não é pilarense, magistrado, escriptor, membro da Academia Alagoana de Letras, é tambem uma individualidade notavel pelo talento e esmero de sua obra poetica e oratoria. E' na cidade o educador prestimoso de algumas gerações.

Dr. José Julio Cansanção, medico, politico, é uma das figuras mais sympathicas e das mais uteis, a quem o municipio deve uma somma larga de beneficios.

Tem dado o municipio do Pilar ás letras nacionaes uma esplendida representação: Julio Auto da Cruz Oliveira, da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, poeta, o Campoamor da poesia alagoana; Zadir Indio, romancista, fallecido em plena mocidade, legando as letras patrias um livro serio, *O Vencido*; Augusto de Andrade, medico e poeta; Fernando Mendonça, uma das mais fortes cerebrações alagoanas, poeta de merito indiscutivel e jornalista authentic; os grandes jornalistas Pedro da Costa Rego e Oliveira e Silva; os sci-

entistas Arthur Ramos e Azevedo Costa; os conegos Jonas Taurino, grande cultura theologica e orador sacro notavel no pulpito pernambucano, e Antonio Valente, cathedratico de Historia e jornalista; o Monsenhor Rosalvo Costa Rego, governador geral da Archidiocese do Rio de Janeiro; o almirante Arestides Vieira Mascarenhas, que não é somente um marinheiro a quem o Brasil deve serviços inestimaveis, mas tambem uma inteligencia culta e das mais brilhantes.

AGRICULTURA — A agricultura constitue o principal elemento de vida do municipio. A lavoura da canna, que data da colonização, é a mais importante. A area cultivada no municipio excede de 22.000 hectares, ou 77 % da sua extensão territorial. A propriedade rural, tomando por base os calculos censitarios de 1920, pode ser assim avaliada:

Valor das terras	3.000:000\$000
Valor das bemfeitorias	1.000:000\$000
Valor dos machinismos e instrumentos agrarios	500:000\$000
Total	4.500:000\$000

Além do assucar fabricado em engenhos banguês, pois em Pilar não existe nenhuma usina, o municipio produz milho, feijão, arroz, farinha de mandioca e frutas em abundancia. A pomicultura, entretanto, que podia ser explorada commercialmente com largas vantagens para a riqueza economica local, bem como a horticultura, não existem. As terras em geral são muito fertes, sendo mesmo algumas consideradas fertilissimas, e o seu valor medio, por hectare, póde ser estimado em Rs. 133\$000. Sendo de 28.989 hectares a superficie do municipio e de 22.000 a area occupada pelos estabelecimentos ruraes, o terreno não explorado pela agricultura é de 6.989 hectares, dos quaes 4.533 estão cobertos de mattas. A area propriamente inculta

do municipio é apenas de 2.465 hectares. Póde ser avaliada em 2.000:000\$000 a producção agricola do municipio.

Possue o municipio os seguintes engenhos: *Santo Antonio, S. Joaquim, Páo d'Alho, Volta, S. Silvestre, Flór do Parahyba, Flór do Mucambo, Mumbaça, Salgado, Terra Nova, Manaia, Boassica, Poção, Brejo Novo, S. Caetano, Novo, Jundiahy, Imbury, Mangabeiras, Cachoeira, Sumauma Mirim, Gruzahú de Baixo, Gruzahú de Cima, Pilarsinho, Bôa Esperança, Quebra Carro, Lamarão e Oriente.*

E' avultado o numero de sitios frutiferos e pequenas propriedades ruraes.

PECUARIA — O municipio não está situado na zona pastoril do Estado; a pecuaria, entretanto, se vai desenvolvendo consideravelmente, representando os rebanhos uma bôa riqueza da população.

Em 1920 o inquerito censitario que se procedeu no municipio registrou os algarismos seguintes:

Bovinos	5.908
Ovinos	1.238
Equinos	1.213
Suinos	276
Caprinos	239
Asininos e muares	218

Estes numeros devem estar hoje muito mais elevados, numa proporção, talvez, de 50 %. O valor dos rebanhos pilarenses excede de 1.000:000\$000. Abatem-se, annualmente, para o consumo da cidade, 1.000 rezes. A producção animal deve ser, approximadamente, de 300:000\$000.

PESCA — A pesca é uma das actividades da população. Se bem que essa industria não obedeça os processos modernos, todavia, mesmo rotineira e colonial, constitue uma fonte de trabalho assaz remunerador. A pesca é o meio de vida de parte da população da séde do municipio e o peixe o alimento por excellencia da cidade. A pesca faz-se na lagoa Man-

guaba, prodigiosamente piscosa, destacando-se dentre o pescado, pela abundancia e pelo sabor, a carapeba, a curiman e o bagre.

Em 1928, a Colonia de Pescadores, que superintende o serviço de pesca, registrou uma produção de 148.000 kilos, no valor de 148:000\$000.

INDUSTRIAS — A vida industrial do municipio não é das mais intensas, entretanto já representa um factor consideravel na economia regional. Ha no Pilar a industria manufactora dos tecidos, mantida pela *Companhia Pilarense de Fiação e Tecidos*, sociedade anonyma, que funciona desde 1894. Seu capital actual é de mil contos de réis; trabalham na fabrica 180 teares, 250 mulheres e 100 homens, possuindo a Companhia 90 casas para operarios. Em 1928 a fabrica produziu 176.000 kilos de pannos para saccos, brins, riscados e xadrezes, com 1.629.000 metros, no valor de 1.600:000\$000. O consumo de algodão, naquelle anno, foi de 220.000 kilos, no valor de 730:000\$000.

Diversas outras industrias são exploradas em pequena escala, contando-se 4 fabricas de calçados, 3 de vinagre, 2 de moveis, 1 de mosaico, 2 de artefactos de couro, 2 de espanadores. Póde ser avaliada em 2.000:000\$000 a produção de todos os estabelecimentos industriaes do municipio.

A produção do Pilar será, approximadamente, a seguinte:

Produção agricola	2.000:000\$000
Produção industrial	2.000:000\$000
Produção animal	300:000\$000
Total	4.300:000\$000

Cada habitante produz 225\$000. Considerada a estimativa de 20 % para o lucro de produção, cada habitante dispõe de 45\$000.

COMMERCIO — Desappareceram do Pilar, ha alguns annos, as grandes casas commerciaes, que importavam directamente da Europa e abaste-

ciam o interior, concorrendo com o commercio da capital. Actualmente o declinio commercial é visivel. Entretanto ainda existem na sede do municipio casas de certa importancia, que, em 1928, fizeram um gyro commercial superior a quatro mil contos de réis.

RENDAS PUBLICAS — O municipio, em 1928, concorreu para as despesas publicas com a importancia de . . . 328:900\$641, sendo:

Para a União	161:899\$339
Para o Estado	79:644\$602
Para o Municipio	87:356\$700

Calculada em 20.000 individuos a população pilarense, a contribuição *per capita*, foi de 16\$445.

Esboço Phÿsiographico

EXTENSÃO E ASPECTO — O municipio tem uma area de 28.989 hectares. E' dos menores do Estado, somente acima dos municipios de Alagoas e Porto de Pedras em extensão territorial. Parte do municipio assenta na planicie marginal que orla a lagoa Manguaba, parte na zona geographica chamada da matta. O terreno baixo e plano que se estende da lagoa a entestar a orla da collina é de formação aluvionica quaternaria e o outeiro de contextura argilosa terciaria. Vencida a planicie marginal coberta, nos alagadiços, de varias especies de mangues e, nas partes enxutas, de uma vegetação peculiar, pisa-se o taboleiro onde o aluvião é raridade. Vicejam ahi o muricy, a mangabeira, o cajueiro bravo e uma ou outra palmeira. De espaço a espaço, o oasis de um chapadão de vegetação mais forte e densa, que a população cobre de arvores frutiferas. O terreno é em geral baixo. As collinas, que se estendem em planaltos, não excedem de cem metros de altura. Para o interior não ha grandes altitudes.

A area das mattas é de 4.533 hectares, seja 20 % da area dos esta-

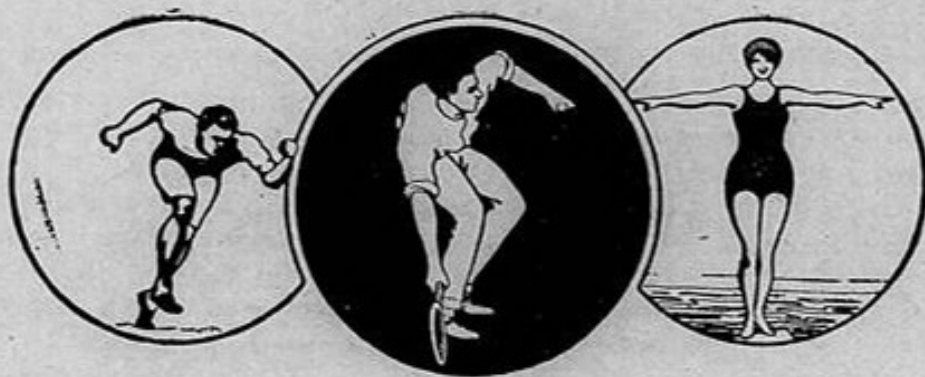
belecimentos recenseados em 1920. Essas mattas em muitas propriedades são devidamente conservadas, fazendo-se a exploração dellas com parcimonia e intelligencia. O preparo das madeiras, porém, não obedece a processos mechanicos. Não ha serrarias no municipio. Encontram-se nas mattas pilarenses numerosas especies proprias para construcções civis e navaes e obras de marcenaria. Na flora regional é enorme a variedade de plantas medicinaes, corantes, floriferas, frutiferas, ornamentaes, oleoginosas, resinosas e textis. Ainda é relativamente consideravel a riqueza vegetal do municipio.

CLIMA — O clima é, em geral, ameno, accusando as observações thermometricas uma temperatura entre 15 e 30 grãos centigrados. No planalto a salubridade é attestada visualmente pelo aspecto saudavel dos moradores, apesar da pobreza predominante; nas terras baixas, porém, o impaludismo é endemia a combater energicamente e com tenacidade. O meio physico não é hostil. A vida, pela prodigiosa piscosidade da lagoa e pela fertilidade do solo, se torna facil e farta. Por isso mesmo, talvez, pouco se trabalhe...

LIMITES — Creando a villa do Pilar, a Lei n. 321 de 1º de maio de 1857 deu-lhe os mesmos limites da

freguesia. Esses limites, demasiados vagos, suscitarão divergencias e conflictos de jurisdicção, principalmente com o municipio de Atalaia. As Resoluções de 11 de julho de 1859 e 9 de junho de 1864 e a Lei n. 281 de 18 de junho de 1900 procuraram dirimir as contendas e contestações que frequentemente se levantavam. Por ultimo a Lei n. 1.702 de 22 de junho de 1925 pôz remate ás divergencias, estabelecendo os limites com Santa Luzia do Norte, Alagoas e Atalaia. A minuciosidade das fronteiras então definidas legalmente afastou as duvidas que vinham de certo modo perturbando a harmonia entre os municipios limitrophes. Os limites geraes são os seguintes: ao Norte, Atalaia e Santa Luzia do Norte; ao Sul, Alagoas e S. Miguel; a Leste a lagoa Manguaba, e a Oeste Anadia.

HYDROGRAPHIA — Além da lagoa Manguaba, de grande importancia economica e social na vida do municipio, a potamographia pilarense conta o rio Parahyba, que desagua a um kilometro, a sudeste, da cidade do Pilar, e os riachos *Bonga*, *Açude*, *Urubú* e *Biquinha*, de curso mediocre mas perenne, que regam fartamente a mesma cidade, fornecendo á população excellente agua potavel e deliciosos banhos.



Como se ensina

a) *Ser equânime, vir á escola sempre de animo igual; não sujeitar as crianças ás oscilações do seu humor, alegre e brincalhão um dia, carrancudo e irritadiço em outro.*

Quando u'a mágua ou uma cantriedade o molestarem, lembrar-se, na porta de entrada, de que as crianças não tem culpa de seus males, e que, por isso, devem ser tratadas com o carinho e com os cuidados que sua debilidade e sua inexperiencia reclamam.

b) *Não prometter castigos e, promettendo-os, em caso extremo, applicá-los com moderação mas com firmeza. Em noventa e cinco por cento das crianças, o agrado vence e melhora a turbulencia. A rebeldia emperrada e irreductivel é, em regra, consequencia de estado mórbido que não se cura com privações de recreio e exclusão de jogos. Antes de applicar a qualquer criança uma pena correctiva de sua conducta, é acertado, é indispensavel conhecê-la muito bem; evita-se, com isto, muitas vezes, punir um irresponsavel.*

c) *Não usar quadro-negro para registo dos nomes dos de pior conducta, menor applicação e menor aproveitamento. Nós somos desiguales, todo o mundo o sabe, e poucas vezes peccamos por vontade propria e consciante falha mental, hereditaria ou congênita; falha de educação em familia, atrazam-nos, prende-nos, enquanto outros avançam e vencem. Não junte o mestre a este grande castigo natural a humilhação de exhibir-nos, aos olhos de todos, como tardos, vadios e turbulentos.*

d) *Nunca revelar aos alumnos, por palavras ou gestos, desgosto pela vida escolar; antes fazer sentir, com naturalidade e sem nenhuma affectação, que ali, entre elles, vive satisfeito; que a escola é como a igreja, numa e noutra a alma se abre á vontade, aqui o espirito se retempera para o bem, ali se arma para o trabalho; e que o bem e o trabalho se conjugam para a felicidade de quem os pratica, muito mais do que para a felicidade dos outros.*

e) *Não demonstrar predilecção accentuada por alguns alumnos e relativa má-vontade para com outros. E' natural, é humano que isso aconteça; mas, quanto possivel, devem todos ser tratados com a mesma solicitude.*



Influencia do meio ambiente sobre a educação

Flora Malta Ferraz

do Grupo Escolar "Fernandes Lima"

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Para o Professor Auryno Maciel, com admiração e respeito.

"O homem é o producto do meio", disse alguém, de cujo nome não me lembro agora...

E realmente assim é!

O meio social forma o homem de bem, o homem de acção; mas forma também o vagabundo, o ladrão, o homicida...

E' bem verdade que a hereditariedade influe poderosamente tanto no character da criança, como na sua compleição physica.

Porém é no lar, no modo de viver de seus paes, pelos bons ou maus exemplos que elles lhe dão, que a criança recebe os primeiros influxos da educação.

As primeiras sensações recebidas pela criança, os primeiros aspectos que a sua imaginação apprehende, são justamente os que mais perduram no seu espirito, são justamente as mais duradoras.

E' portanto no lar que a educação da criança deve ser mais bem cuidada e administrada, pois é nelle que está a base da educação do homem de amanhã.

E como a escola é a continuação do lar, é nella que a criança mais se desenvolve e fortifica sua educação.

Depende não só dos paes, como dos professores e educadores, formar na criança de hoje um character integro, uma compleição physica sã e forte e um intellecto bem desenvolvido no homem do futuro.

Os professores devem ter para o bom aproveitamento de seus alumnos, além de um grande cabedal de conhecimentos uteis e instructivos, uma grande dóse de paciencia.

Numa classe, por exemplo de 40 alumnos, qualquer professor terá pelo menos 1 ou 2 alumnos retardatarios ou debeis, de comprehensão demorada ou de physico desagradavel.

Não deve, em caso algum o professor encolerizar-se e no meio de todos os seus educandos chamar aos pobresinhos, destituídos quase de intelligencia, nomes que, além de irem de encontro ás regras da Pedagogia, humilham a criança; na grande maioria, tornam-na desprovida de sentimento, semvergonha, como se diz geralmente.

—Você é tapado, menino; você é uma pedra! e muitos outros epithetos como esses, que amesquinham a criança retardataria e fazem-na perder o estimulo, sabendo-se incapaz, por falta de intelligencia, de qualquer manifestação intellectual.

Muito ao contrario, deve o professor falar o mais brandamente possivel aos seus alumnos retardatarios, explicando-lhes, sempre que for possivel, as licções mais clara e demoradamente, com mais solitudine e carinho, até que possa, com o correr dos tempos, tornar sua intelligencia menos obscura e mais apta; não ha absolutamente crianças desprovidas por inteiro de intelligencia.

O que ha, em grande quantidade, é o maior ou menor poder de comprehensão, conforme o maior ou menor grau de intelligencia, que o Supremo Criador concedeu a cada mortal.

O idéal seria uma Escola de Anormaes! Então sim!

Haveria especialistas e o desenvolvimento seria admiravel ou melhor—espantoso.

Entretanto, enquanto não se cogita da fundação de uma Escola de Anormaes, deverão os professores

com a maior somma de calma possível, attenuar as faltas oriundas do retardamento de intelligencia dos seus discipulos.

Sempre que fôr possível, deverá o professor, reunir os dois ou tres retardatarios de sua classe, e fazer para elles nova lição, especial, versando sobre os themas das lições anteriormente explicadas, tornando-as mais claras e comprehensíveis.

O ensino deve ser ministrado de tal modo, que as crianças considerem sua ida para a escola não uma obrigação, mas um dever que ellas cumprem com alegria.

Os deveres quase que se confundem com as obrigações em certos casos, mas é grande a differença existente entre elles.

A obrigação é uma coisa que se nos impõe, geralmente pouco agradável, e que cumprimos, muitas vezes, pela força das circunstancias.

Assim por exemplo: para um menino vadio, avesso aos livros, o estudo é uma obrigação... e das pesadas!

E' geralmente com receio dos paes, e algumas vezes das surras, dos castigos destes, que o menino vadio chega a pegar nos livros.

Com o menino estudioso dá-se justamente o inverso. O estudo constitue um dos seus maiores prazeres. O desejo de ser o primeiro da classe, de tirar a melhor nota, faz com que o seu amor as livros se desenvolva e aumente diaria e constantemente. E' isto um dever!

E é realmente isso que se deve alcançar: que as crianças se dirijam á escola por sua livre vontade, espontaneamente; e que encontrem nas lições que lhes são ministradas pelos mestres, muito interesse, variedade, alegria e encanto.

SOBRE A ABOLIÇÃO

Esmaragdo de Souza
(do 4. anno normal)

A Republica, precipitada por todas aquellas agitações que atormentaram e desmoralizaram o ultimo decennio monarchico, teve, nos seus primeiros annos sob a dictadura, a preocupação de sacudir para os principes banidos a culpa desses erros, que cabe muito mais aos conselheiros que assistiram á agonia da Corôa.

Passada, porém, a onda de enthusiasmo, surgiu a reacção, com as primeiras desillusões da democracia fardada e mascarada. E agora quase não há quem não attribúa ao "neto de Marco Aurelio" e a sua filha desthronada, o acto de benemerencia que livrou uma raça do jugo que a opprimia e a nossa Historia da nodoa que envergonhava o nosso povo.

Nem tanto, nem pouco.

Observem-se os factos friamente, á luz dos documentos, e ter-se-á reconstituído, sobre as ruinas de muita imaginação, de muita phantasia de muito saudosismo, a verdadeira verdade.

"As raizes da nossa realeza não sugaram sangue africano. A historia dramatica da escravidão, no Brasil, desde antes das capitánias hereditarias, escapa aos precalços da Abolição" (1)

Remota áquella carta regia de 28 de setembro de 1532, pela qual autorizava D. João III a Martim Affonso

(1)—Auryno Maciel — *A Abolição da Escravidão* — "Revista de Ensino", n. 15.

e demais donatarios das capitancias recém-criadas "a captivar o gentio para o seu serviço e o dos navios e a mandá-los vender em Lisbôa, até certo numero, livre de siza".

Antes dessa carta regia, temos de mencionar aquelles escravos encontrados por Martim Affonso de Souza numa caravella portuguesa fundeada na Bahia.

Isso quanto á escravidão vermelha.

Quanto á africana, attribue-se a sua introdução no continente americano ao dominicano Bartholomeu Las Casas, que, ao mesmo tempo que se condoia da sorte dos indios, aconselhava a escravidão africana, que maiores proveitos traria ao colono, no seu entender.

Aliás, havia na época esta cousa interessante: os letrados, os proprios padres, com Vieira á parte, ao mesmo passo que reclamavam para o indigena o trabalho sem grilhetas, opinavam pela escravização do negro. Como se o negro não fosse tambem filho de Nosso Senhor.

Um exemplo:

Em 1513, os frades dominicanos e franciscanos discutiram perante Leão X, com a gravidade propria de futuros santos se os selvícolas pertenciam ou não á especie humana e se eram ou não escravos por natureza.

Há quem diga fosse inspiração abolicionista devida a influencias estranhas, principalmente a todo aquelle movimento de democratização que assignala o seculo XVIII.

Será verdade. Não toda verdade, porém. Ao lado da influencia que exercesse em nossos philosophos, jornalistas, agitadores, professores, literatos, o "Espírito das Leis" de Montesquieu, a independencia dos Estados Unidos, a revolução franceza, a literatura de toda parte, enfim, ao lado della "as certas leis que" se podem capitular de caracter estrictamente brasileiro".

O sr. Auryno Maciel, no seu erudito trabalho sobre a abolição da escravatura, assim discrimina as cau-

sas do acabamento virtual da escravidão, entre nós: (2)

a) — A intransigencia escravocratica do Barão de Cotegipe, levando-o a excesso na perseguição a escravos.

b) — A attitude das autoridades judicarias e policiaes, francamente favoravel aos captivos.

c) — O protesto decisivo dos proprios escravos contra a escravidão, fugindo das senzalas em busca de liberdade e de salario.

d) — A representação que o Clube Militar dirigiu á Princesa Regente, para que ao exercito não fosse mais dada a missão ignobil de "capitão de campo".

e) — A vira-volta na opinião de Antonio Prado, antigo e ferrenho partidario do trabalho captivo, decidindo pela emancipação immediata a maioria dos proprietarios paulistas e desanimando qualquer resistencia.

f) — As manifestações anti-escravocraticas do Imperador.

Cabem aqui algumas considerações. As manifestações anti-escravocraticas do Imperador são, hoje em dia, cousa contestada por grande numero de historiadores. Principalmente por Pedro do Couto. O cathedratico do Collegio "Pedro II" é, não há duvidar, muitas vezes exagerado em seus conceitos. Por exemplo quando dá a José Bonifacio o grande papel de fazedor da nossa independencia, e quando attribue o prestigio incontestado do 2º Imperador ás suas barbas patriarchaes.

Mas tem, apesar de tudo, argumentos de impressionar, senão de convencer.

Diz elle: (3)

Que D. Pedro não quiz eliminar a escravidão, é facil de provar. E conhecida dos seus contemporaneos a sua forza de vontade, dominando ministerios, e fazendo-os e desfazendo-os a seu grado, poderio este que arrancava as mais violentas objur-

(2)—Trab. cit.

(3)—Pedro do Couto — *Compendio da Historia do Brasil* — pag. 228.

gatorias, mesmo dos pró-homens da monarchia. Era habitual ouvir dos mais afamados politicos dos partidos monarchicos accusações ao abuso de poder pessoal exercido pelo Imperador. Uns o chamavam Cesar caricato, outros affirmavam que um homem de bem não poderia ser duas vezes ministro, tão forte era essa convicção que um dos mais aclamados politicos sustentava não vestir a libré de ministro, affirmação significativa do grão de prepotencia de Pedro II”.

E conclue:

“Dispondo o Imperador de um poder effectivamente illimitado, podendo suggerir idéas boas ou más, certo de vê-las consagradas e realizadas, é claro que a continuação da escravatura foi exclusivamente devida á sua má vontade”.

Cabe, pois, ao Imperador, segundo tal opinião, a culpa do retardamento da abolição, que, na verdade, só começou a tomar o surto de demagogia esmagadora, que a havia de levar ao triumpho, fosse como fosse, no momento exacto em que as correntes de opinião se avolumaram, indicando, arrogantes e terríveis, as pontas do dilemma com que chegariam até ao paço de S. Christavão: *Abolição com ou sem a Monarchia!*

A’ frente do movimento se encontraram as figuras de Joaquim Nabuco, que reclamava a Federação, tolerando os Braganças, e de Ruy Barbosa, que a exigia estabelecida pela Republica.

Este ultimo, que fez da causa uma especie de profissão de fé, no inicio da sua carreira politica, já em fevereiro de 1892, no theatro S. João, na Bahia, depunha de sciencia propria:

“O consorcio do imperio com a escravidão, denunciada pelo sr. J. Nabuco, ainda na derradeira phase do elemento servil, não se dissolveu senão quando a dynastia sentiu roçarem-lhe o peito as baionetas da tropa e a escravaria em massa toma a liberdade por suas proprias mãos, nos serros livres de S. Paulo. A re-

humanização da raça negra, no Brasil, não é um acto de munificencia da esposa do Conde d’Eu. E’ pelo contrario, uma conquista materialmente extorquida aos principes pela rapidez dessa opinião batalhadora e irreductivel, que se viu ameaçada nos actos mais christãos da beneficencia abolicionista, por uma ignobil lei dos ultimos dias da monarchia, com a calceta de ladra”.

E adiante:

“A epopéa da redempção não ha de passar á posteridade escripta pela nostalgia dos creados do Paço, nas rhapsodias dictadas pela contricção da covardia aos pusilanimos que, inutilmente, pretendem servir ao rei com a mentira, não tendo ousado servi-lo em tempo com a vida”.

E’ um testemunho autorizado.

A’ parte o tom de *vis vim repellere licet*, que se comprehende e justifica, tratando-se de uma campanha eleitoral, a confissão é verdadeira.

O que há de evidente, porém, sobre tudo isso, é que para a Abolição como para tudo mais a theoria carlyleana não falhou. Nos grandes acontecimentos historicos, capazes de mudar a face aos destinos dos povos, a vontade isolada de um individuo é quase insignificante. Responsabiliza-lo por elles, seja para exaltá-lo, seja para deprimi-lo, é adoptar methodos de assimilação e deducção, não raro compromettedores da lealdade e fidelidade das narrativas.

As causas remotas, intellectuaes, do pensamento abolicionista brasileiro, repontam ao seculo anterior (1758) com o “Ethiophe Resgatado”, de M. Ribeiro da Rocha, e vão sendo intermittenentemente revividas.

Em 1810, Vellozo de Oliveira apresenta a D. João VI a idéa da emancipação dos nascituros. Ainda ao mesmo monarcha leva Domingos Alves Muniz Barreto uma “Memoria sobre a abolição do commercio da escravatura”, publicada annos depois.

Hypolito da Costa, pelo “Correio Brasiliense”, discute a emancipação gradual e inspira, talvez, o tratado de 22 de Janeiro de 1851, com a In-

Casa Americana

Guilherme Gustavo Cörner

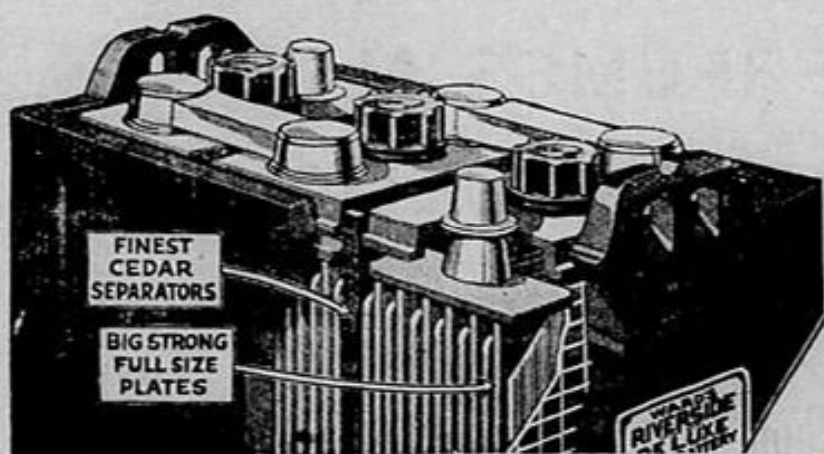
RUA DR. ROCHA CAVALCANTE N. 147

Teleph. : 445

Telegr. MADORNER

Automoveis: HUDSON — ESSEX

Caminhões: REO — Moto "INDIAN"



"RIVERSIDE"

A melhor
bateria

VICTOR:

Vitrolas orthophonicas -- Discos VICTOR,
PARLOPHON, ODEON e COLUMBIA



MACHINAS "WNDEROOD"

Pneumaticos DUNLOP

Correias inglesas para fabrica de tecidos etc.

FAIRBANKS MORSE & Cia.: Motores a kerozene ou alcool para fins agricolas ou industriaes.
Electrogenios domesticos (luz e força motriz). Bombas a vapor
DUPLEX para baixa pressão. Moinhos a vento.

FAÇA SEUS PERFUMES EM SUA CASA

Essencias finissimas

E

alcoool absoluto

**ENSINA-SE A FAZER OS
PERFUMES MAIS
DELICADOS E DELICIOSOS**

Com de 2\$000 a 10\$000, tem-se um vidro de
perfume que custa em qualquer loja 20\$000, 30\$000,
50\$000 e até mais

Musicas para piano

J. BERNARDES & Cia.

AVENIDA PRES. BERNARDES, 313

glaterra, no qual o governo português se obriga a abolir o commercio de escravos ao norte do Equador.

O visconde de Pedra Branca, "um sentimental", agita o caso sem resultado, nas côrtes de Lisboa, em 1821.

Em 1825, José Bonifacio apresenta notabilissimo projecto, sacrificado nas desordens do tempo.

Em 26, José Eloy Pessôa da Silva publica uma "Memoria sobre a abolição lenta".

A marcha da Abolição pode seguir-se assim:

A convenção de 1826, com a Inglaterra, pela qual o Brasil se comprometia a abolir o trafico, a partir de 1830.

Sucedeu um *hiatus* durante a Regencia e Maioridade, até ao *bill* Aberdeen (1845). A nova intervenção inglesa, porém, malestreada-se com estatuir a captura do negreiro mesmo nas aguas territoriaes, e o seu julgamento nos tribunaes britannicos. Foi contraproducente: "o traficante, embuscado no resentimento nacional, tornou-se quase vingador da nossa soberania melindrada e ferida." (4).

A Inglaterra, porém, insistiu ao ponto de influir excepcionalmente no ministerio do Visconde de Monte

Alegre, em que se recompusera anteriormente o do Marquês de Olinda.

A lei de 4 de setembro de 1850 immortalizou o ministro da Justiça, Euzebio de Queiroz, e, severamente applicada, avantajou-se ás balas dos cruzeiros inglezes, extinguindo inteiramente o trafico.

Vem, depois, a lei Rio Branco, "do ventre livre" ou "dos nascituros", — 28 de setembro de 1871.

Começa dahi um repentino fervor de piedade, a que Graça Aranha chama — a loucura de Abolição. (5)

São povoações que eliminam do seu recinto a escravidão. São senhores que se empobrecem, alforriando massas de trabalhadores.

São provincias que se redimem.

São fazendas que, numa vertigem louca de abnegação, se immolam em taperas desertas e livres. E' o proprio throno que no esplendor da exaltação collectiva se sacrifica.

De 28 de setembro de 1871, a abolição chegou rapidamente ao termo. Tivemos ainda a lei de 1885, tambem chamada "dos sexagenarios", ou "dos morituros".

A abolição, como dizia o proprio Cotegipe, não era senão o reconhecimento de um facto já existente.

Porque, de facto, ella já estava feita.

(4)—Euclides da Cunha — *A' Margem da Historia* — pag. 224.

(5)—Graça Aranha — *A mocidade heroica de Joaquim Nabuco*.



SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE EDUCAÇÃO

A imprensa já se tem occupado largamente, aqui e em Recife, do exito alcançado pela CRUZADA PEDAGÓGICA ALAGOANA, mandada á vizinha capital para ver e estudar os novos processos de educação e ensino postos em pratica pelo eminente Sr. professor José Ribeiro Escobar. Noutra lugar damos a entrevista do nosso confrade Craveiro Costa, ao JORNAL DE ALAGOAS. Craveiro Costa foi chefiando a CRUZADA e, portanto, disse exactamente a sua impressão, aliás confirmada por diversas professoras, que falaram aos nossos jornaes.

A REVISTA, porém, quer fixar um dos aspectos mais interessantes dessa visita de cordialidade do nosso magisterio ao de Pernambuco, registrando a bella festa que lhe foi proporcionada pela SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE EDUCAÇÃO, conforme a noticiou a A PROVINCIA, de Recife.

"A's 19 1/2 horas de hontem (20 de agosto) realizou-se no salão nobre da Escola Normal do Estado uma sessão especial da Sociedade Pernambucana de Educação em homenagem á commissão de professoras alagoanas que aqui se encontra estudando a nova organização do ensino em Pernambuco.

O acto teve o comparecimento do representante do dr. A. Carneiro Leão, secretario da Justiça; do representante do director tecnico de Educação; dos professores Pinto de Abreu, director da Escola Normal do Estado, e Olivio Montenegro, director do Gymnasio Pernambucano, professores desses dois estabelecimentos de ensino, inspectores escolares, directores de grupos, professores, membros da Sociedade Pernambucana de Educação, etc. A commissão de professoras alagoanas, á frente o prof. Craveiro Costa, director do grupo escolar Pedro II, de Maceió, foram recebidas com palmas no salão nobre da Escola Normal onde teve lugar a sessão de homenagem.

Fala o prof. Ulysses Pernambucano

Ao iniciar-se a sessão, o presidente da Sociedade Pernambucana, profes-

sor José Vicente Barbosa, fez uma saudação ás professoras visitantes, dando em seguida a palavra ao illustre professor Ulysses Pernambucano, director do Instituto de Selecção e Orientação Profissional, que realizou interessante palestra sobre a organização e as actividades do mesmo Instituto.

Começou o prof. Ulysses Pernambucano referindo-se longamente á utilidade dos "tests" no ponto de vista educativo, tratando particularmente dos "tests" de desenvolvimento mental que estão sendo revistos e adoptados ao nosso meio. Occupou-se a seguir dos "tests" collectivos, dos applicados no Exercito americano e dos de Ballard, como sendo os mais economicos e de applicação mais rapida.

Estes "tests" — proseguiu — foram applicados entre os nossos meios universitarios e apurados os seus resultados.

Ainda falou o professor Ulysses Pernambucano acerca de outros trabalhos que vêm sendo feitos pelo Instituto: — os estudos do vocabulario infantil, o estabelecimento das bases da elaboração dos livros de leitura infantil e o estudo do desenvol-

vimento mental através do desenho infantil.

Amanhã A PROVINCIA dará na integra a conferencia do professor Ulysses Pernambucano, a qual foi tachigraphada especialmente para este jornal.

Fala o prof. Craveiro Costa

A seguir levantou-se o prof. Craveiro Costa, que é uma das figuras de mais relevo do magisterio alagoano, que pronunciou o seguinte discurso:

"A missão Alagoana de Professores vos agradece, senhores da Sociedade Pernambucana de Educação, o carinho fraternal desta homenagem e o esplendor desta hora de intelligencia, com que a surpreendestes.

Aqui viemos para trazer ao magisterio pernambucano as demonstrações affectuosas da nossa solidariedade na remodelação dos processos pedagogicos, que se está operando nesta formosa metropole do norte do paiz, tambem na obra de patriotismo que iniciastes com tanto entusiasmo e tanto brilho. O que temos observado e temos aprendido, com o proposito de disseminar em nosso Estado, merece, senhores, a nossa admiração.

A transição da escola tradicional, para a escola moderna está sendo norteada por uma esclarecida orientação pedagogica. Podem falhar, aqui e ali, as linhas secundarias do grandioso plano de reforma de ensino popular em Pernambuco. Nem pôdia deixar de ser assim. Mas essas falhas estructuraes não são da technica no que concerne aos processos educativos preferidos; são antes da insufficiencia de aparelhamento escolar, profissional e social para uma rapida e integral transformação.

Essa insufficiencia, aliás, não é exclusiva de Pernambuco, é do Brasil, de norte a sul, empolgado ainda pela pedagogia colonial, escravizado ao regime da velha escola primaria, livresca, mnemonica, com a preocupação unica de uma mediocre formação

intellectual, posta de lado por inutil a solução do maior problema nacional — a educação do povo.

Circumscripta como tem vivido a função escolar a ensinar a ler, escrever e contar, falha em absoluto a finalidade tutelar do estado. Essa função, que, no final de contas, se reduz a uma simples e atabalhoada alphabetização, só é um bem quando serve de base á aquisição de conhecimentos maiores, expansão inacessível ás camadas populares para quem foi instituida a escola publica primaria. E' positivamente um mal, quando os conhecimentos elementares que ella proporciona se tornam vehiculo de inconsciente envenenamento mental através dessa literatura toxica que as livrarias e os jornaes põem quotidianamente ao alcance da juventude. E é lastimavelmente, quase sempre, um esforço que se perde por falta de utilização desses conhecimentos pela gente das classes assalariadas, nas cidades e nos campos.

Ha um seculo que se abrem escolas pelo Brasil. A alphabetisação tornou-se o remedio unico e infallivel para todos os nossos males sociaes. Entretanto, senhores, a mentalidade popular, nas suas camadas inferiores é a mesma de cem annos passados. Os nossos sertões ainda produzem Lampeões que sabem ler, escrever e contar e entretanto assolam as fazendas, ainda geram o cangaceirismo que assola a politica, enquanto as terras ficam incultas e as populações, enfermas e ignorantes, vivem na eterna esperança da misericordia divina.

E' que a escola, não as ensinando a trabalhar, falhou em absoluto. O verniz intellectual que lhes deu deixou o camponês incapacitado de compreender as vantagens do arado para torna-lo apenas apto a exercer inconscientemente o chamado direito de voto, tocado para a frente, nos comicios eleitoraes, pela vara pastoral do chefe politico.

Essa orientação erronea da escola tradicional está sendo banida das escolas pernambucanas. Ha nellas ago-

ra a preocupação patriótica da educação popular, do cultivo das tendências individuais, do preparo consciente das utilidades mentaes que o Brasil reclama, para que o pòvo, devidamente aparelhado pela escola, aproveite essas maravilhosas riquezas que apenas tem sido thema commovido dos nossos devaneios literarios.

A transição que se está operando em Pernambuco já é uma obra notavel, obra meritoria de verdadeiros educadores, obra de intelligencias voltadas para os altos destinos da nacionalidade.

Levamos daqui, senhores, essa grata impressão. Que essa obra, que não pôde ser de um só governo, não se interrompa para que a renovação da escola brasileira, no norte, parta daqui, para que Pernambuco seja o centro de irradiação da nova pedagogia, a espalhar pelo nordeste todos os seus professores, os seus novos me-

thodos de ensino, a sua nova orientação da escola.

O magisterio alagoano, senhores, vós agradece esta hora de fino gozo espiritual."

Ao terminar foi o prof. Craveiro Costa muito applaudido.

Em seguida a inspectora escolar professora Debora Feijó falou sobre o thema "Methodos Activos", sendo egualmente applaudida.

A Sociedade Pernambucana de Educação preparou ainda uma parte artistica em que tomaram parte o maestro Alberto Figueiredo, a distincta violinista Ceição de Barros Barrêto e a cantôra Amelia Teixeira. Uma professora da Escola Normal do Estado e a graciosa menina Celme Feijó recitaram versos. Esta ultima disse uma poesia de saudação ás professoras alagoanas, especialmente escripta pelo sr. Augusto Wanderley."

CURSO DE PROFESSORES RURAES

Em sua sessão ordinaria de 23 de junho a SOCIEDADE ALAGOANA DE EDUCAÇÃO, alem de outros assumptos, tratou do *curso de professores ruraes*, um problema da maior actualidade e cuja solução se impõe aos poderes publicos.

O Sr. Director Geral da Instrucção Publica, presente áquella sessão, pediu a palavra e leu as suggestões que pretendia apresentar ao Exmo. Sr. Governador do Estado a respeito do combate do analfabetismo.

Fazendo um historico sobre as possibilidades economicas do nosso Estado e tendo em vista o elevado coeficiente de analfabetos de que faz menção a estatistica, disse S. S. que um dos meios de alphabetização é trazer o professor para os centros mais distantes da Capital e das cidades para as zonas propriamente chamadas ruraes.

Continuando, disse S. S.:

"O Estado de Alagoas, com uma população de mais ou menos . . . 1.200.000 habitantes, deve ter . . . 120.000 crianças em idade escolar. Calculando-se uma escola para 60 alumnos (120.000 ÷ 60) — têm-se 2.000 escolas correspondentes as necessidades da nossa alphabetização.

O Estado com o orçamento de . . . 12.000:000\$000 não pôde manter tão elevado numero de professores precisos para essas escolas, nem ha esperanças proximas de maior receita.

Pagar menos do que o Estado paga actualmente ao professor formado pela Escola Normal é impossivel, visto como as cadeiras, a não serem as da Capital ou suas localidades proximas, não convêm ás alumnas-mestres.

Esse desinteresse é motivado pelo pequeno ordenado e pela falta de con-

forto, nos pontos mais centraes do Estado.

Não queira attribuir-se essa recusa dos candidatos ao concurso para professores de 1ª entrancia, á falta de preparo das alumnas-mestres; porque elles estão concorrendo vantajosamente aos lugares do Correio Telegrapho, Escola de Aprendizizes Artifices, Secretarias de Estado, etc., onde são muito maiores as exigencias.

E nosso Estado mantem actualmente 400 escolas; porém representa isso apenas 1/5 das nossas mais urgentes necessidades educativas.

Como conciliar então os dois interesses: muitas escolas convenientemente providas com professores que se contentem com pequenos ordenados?

Estudemos a Escola Rural.

O melhor meio de encontrar o Professor Rural é procurá-lo nas immediações da propria zona rural, nos Grupos Escolares dos diversos Municipios, dentre alumnos modestos, porém intelligentes, bem comportados e que tenham manifestado gosto pelo ensino e tendencia para transmittir conhecimentos.

A criação de um curso com essa finalidade não vem onerar o Estado, porque é mantido com uma pequena gratificação e não deve ter um character permanente, só devendo ser feito onde é provado haver necessidade.

Esse *Curso Rural* tem a sua justificação como medida de emergencia; porém, mesmo assim, ha de ser necessario durante vinte cinco annos ou mais.

Em Alagôas o combate ao analphabetismo não será victorioso com o esforço exclusivo do Estado que, não tendo elementos materiaes para attendê-lo, procurará o auxilio do Governo Federal, dos Municipios e dos particulares.

Há, porém, outra difficuldade que vencer: onde encontrar actualmente o professor convenientemente habilitado para comprehender as ins-

truções da Directoria da Instrução Publica, que será sempre, e nem podia deixar de ser, a repartição publica controladora de todo esse movimento educativo?

Admittamos que o Municipio queira contribuir para a alphabetização dos seus municipes: a quem deve nomear para as suas escolas?

Pensemos que um particular quer custear a escola de um logarejo qualquer, onde reside e tem filhos alphabetizaveis onde pode encontrar o professor?

Com as alumnas-mestras, sahidas da Escola Normal, nem conta, porque o numero tem sido reduzidissimo; nem contará, porque os ordenados não são compensadores.

Eis porque surgiu a idéa do *Curso Rural* com a possibilidade de satisfazer plenamente esta exigencia primaria: a alphabetização.

O Municipio pôde e deve auxiliar o Estado nesse ramo de serviço publico, mantendo escolas onde houver população infantil que dellas precise, sendo o funcionamento inspeccionado e orientado pela Directoria da Instrução Publica.

O Governo Federal pôde igualmente auxiliar o Estado, subvencionando escolas profissionaes, escolas agricolas, escolas elementares de chimica industrial, escolas de pesca, de que tanto necessita Alagôas.

Ainda o Governo Federal podia prestar o seu auxilio, criando as secções de artes graphicas, artes decorativas e artes texteis na Escola de Aprendizizes Artifices, tornando-a mais attrahente; podia augmentar a verba para 200 aprendizes de matricula na Escola de Aprendizizes Marinheiros, não precisando tambem lembrar que Alagôas é dos Estados que dão maior numero de marinheiros e soldados á Marinha e ao Exercito nacionaes.

Não pensamos que os Municipios e o Governo Federal auxiliem o Estado, recolhendo a este uma quota de suas rendas; porém mantendo por sua propria conta, ou subvencionan-

do, estabelecimentos de ensino criados e mantidos pelo Estado ou por pessoas ou associações particulares sob o controle didactico do Departamento Geral da Instrucção Publica.

Pensamos resolver o caso mais geral com a seguinte suggestão:

DECRETO N.

O Governador do Estado, tendo em em vista a representação do Departamento Geral da Instrucção Publica, resolve:

Artigo 1º. — Será criado annexo a cada um dos Grupos Escolares dos Municipios um Curso Rural, em dois annos, para a formação de Professores Ruraes.

§ 1º. — O primeiro anno constará de *Português*, *Calligraphia* ambidextra, *Geographia* Geral e *Corographia* de Alagôas, *Historia* do Brasil, *Sciencias* Physicas e Naturaes, *Instrucção* Civica, *Arithmetica*, *Logicidade*, *Geometria*, *Desenho*, *Canto*, *Gymnastica* e *Trabalhos* manuaes.

§ 2º. — O segundo anno constará da revisão do programma do 1º anno e mais *Pedagogia*, *Didactica* elemental e *Pratica* de organização escolar,

§ 3º. — Os programmas serão organizados pelo Departamento Geral da Instrucção Publica, tomando-se em consideração a zona em que fôr installada a Escola.

Artigo 2º. — O alumno que concluir o Curso só poderá ser nomeado Professor Rural da localidade do mesmo municipio de sua sua residencia e será inamovivel.

Artigo 3º. — Os professores do Curso Rural serão nomeados em comissão, escolhidos dentre os professores do proprio Grupo, com a gratificação mensal até cem mil réis, havendo dois professores para cada

anno, quando a matricula exceder de 15 alumnos.

Artigo 4º. — O Director do Departamento Geral da Instrucção Publica baixará instrucções sobre o funcionamento desse *Curso*, cujo programma de ensino devem ter o caracter regional.

§ unico. — O Director do Departamento Geral da Instrucção Publica creará esse *Curso* no Grupo que, julgar conveniente, bem como o suspenderá quando assim fôr preciso.

Artigo 5º. — Só poderão ser nomeados Professores Extranumerarios os alumnos-mestres ou os candidatos que tiveram o Curso Rural.

Artigo 6º. — Só poderá matricular-se no Curso Rural o alumno diplomado no 4º anno dos Grupos, ou o que fizer exame de admissão ou os Professores Extranumerarios anteriormente nomeados e sem prejuizo do seu expediente.

§ unico. — A matricula é gratuita e o candidato deve ter mais de 14 annos de idade.

Artigo 7º. — Os Directores dos Grupos Escolares serão escolhidos dentre os Professores do proprio Grupo.

Artigo 8º. — Revogam-se as disposições em contrario."

Após a leitura que foi ouvida com a maior attenção, o consocio Auryno Maciel disse que esse projecto interpretava o pensar da S. A. E. nesse momento e considerava essa suggestão o meio mais apropriado para se iniciar em Alagôas o combate do analphabetismo. Essa medida não é recommendavel somente para nós, mas para o nordeste inteiro, cujas condições ambientes são as mesmas do nosso Estado.



Os Meninos de Pernambuco aos Meninos de Alagoas

Foram as mais carinhosas e revestiram-se de um cunho altamente affectuoso e da mais delicada expressão fraternal as demonstrações de apreço do professorado pernambucano aos representantes do magisterio de Alagoas. Quem as recebeu nas as esquecerá facilmente. De todas porém, a mais suggestiva foi a Mensagem dirigida p̄los escolares pernambucanos aos seus colleguinhas de Alagoas. A Mensagem vem escripta em perfeita calligraphia ao lado de esplendidos desenhos allusivos ao sentimento fraternal que a inspirou e é fechada com uma fita de sêda com a cores nacionaes.

A Mensagem foi entregue á Directoria Geral da Instrucção Publica e é a seguinte:

Presados collegas de Alagoas

Nós, os alumnos das escolas primarias de Pernambuco, que recebemos o ensino preliminar agricola, tomamos a liberdade de dirigir-vos esta Mensagem, por intermedio das illustres Mstras que ora nos visitam, appellando para o vosso entusiasmo de bons patricios em prol da cultura de vossas terras, que representam a maior riqueza do Brasil.

Pelo Grupo Escolar "Annibal Falcão" — Frederico Rufflo de Oliveira, chefe da turma de Jardinagem e Horticultura (2 anno);

Pelo Grupo Escolar "Maciel Pinheiro" — Sebastião Temporal, (Apicultura) 3º anno;

Pelo Grupo Escolar "Amaury de Medeiros" — Margarida Branco, 4º anno;

Pelo Grupo Escolar "João Barbalho" — Amaury Pires, Chímica Agricola), 5º anno;

Pelo Grupo Escolar "José Maria" — Maria José Tavares (Pomicultura), 2º anno.

MENSAGEM DE AMISADE DOS ESCOLARES DO JAPÃO

Em 1928 foi endereçada á Secretaria do Interior pela Embaixada Japoneza no Rio de Janeiro a Mensagem de Amisade dos Escolares do Japão, que damos a seguir. Essa expressiva demonstração de carinhosa solidariedade fraternal, dos meninos niponicos aos meninos brasileiros, veio acompanhada de grande quantidade de lindos e suggestivos desenhos feitos pelos escolares primarios do belo paiz das "cerejeiras floridas". Os volumes contendo a Mensagem e desenhos ficaram sepultados nos armazens da Recebedoria Central, inteiramente esquecidos!

Somente agora os descobriu o Sr. Dr. Osorio Gatto, digno titular daquela pasta, que fez chegar tudo ás mãos do Sr. Director Geral da Instrucção Publica.

Na solemnidade civica commemorativa do 113º anniversario da emancipação politica de Alagoas, o esclarecido cidadão que actualmente dirige e orienta a nossa Instrucção, depois de, em breves e eloquentes palavras, accentuar a importancia do gesto niponico, mandou distribuir por todas as normalistas exemplares dos desenhos japonezes, reservando grande quantidade para distribuição nos grupos escolares, que já foi igualmente feita.

A Mensagem vai ser respondida e, podemos adiantar, todos os grupos escolares vão trabalhar activamente para, no fim do proximo anno, retribuir a carinhosa lembrança dos meninos niponicos, enviando-lhes os seus desenhos, o que, aliás, é solicitado na Mensagem.

Antes tarde do que nunca...

"Meninas e Meninos do Brasil:

Nós, os alumnos das escolas do Japão, temos a honra e o prazer de enviar aos estimados collegiaes da vossa verra estes pobres desenhos, como prova de amisade fraternal.

Sendo a figura uma linguagem internacional, não dispomos de nenhum meio melhor do que as imagens para interpretar os nossos pensamentos e exprimir o que sentimos.

Parece-nos que, embora sendo diferentes dos nossos, os habitos e o idioma do vosso bello paiz, haveis de ter grande interesse n'estes desenhos e estamos certos de que ao vê-los haveis de apreciar melhor as nossas sau-

dações affectuosas, do que si as manifestassemos por méras palavras.

Temos o gosto de vos dizer que vivemos n'um paiz de Fadas: o bonito Monte Fuji se eleva magestosamente para o céu azul e as formosas cerejeiras em flôr brilham com graça ao sol da risonha primavera, — e que n'este ambiente de poesia suspiramos pela Doçura e rogamos pela Paz, assim como pela vossa felicidade.

N'estas circumstancias, nós vos enviamos saudações e os referidos desenhos como uma mensagem de carinho e de cordialidade. Visto como é nosso desejo que conserveis para sempre estas despreziosas lem-

Cuidado com as Mutuas!

MUTUAS de toda a parte e de todas as côres...

CUIDADO...

Se V. excia. quizer uma cader-
neta que lhe traga vantagem,
inscreva-se na

CAIXA FORTE

A mais antiga,

a mais solida

e mais vantajosa

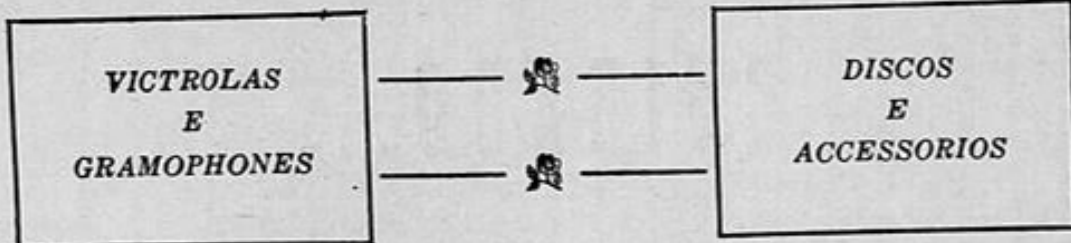
SÉDE SOCIAL:

Rua Dr. Rocha Cavalcanti, 449 -- MACEIÓ

Grande Empresa de Sorteios do Brasil Ltda.

Proprietaria do
CLUB ECONOMICO PLANO -- FINANCEIRO

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal-Decreto n.º 12.475 de 23-5-1917



Séde:--RECIFE--Rua General. Abreu e Lima, 255--Agencias Geraes--
PARAIBYBA DO NORTE--RIO GRANDE DO NORTE--CEARA'--BAHIA
PARAIBYBA e ALAGOAS--MACEIÓ Rua do Commercio, 400

ESTE CLUB DISTRIBUE POR SORTEIO 927 PREMIOS INTEGRAES DOS SEGUINTE VALORES:

1 de	15:000\$000
2 "	3:500\$000
8 "	3:000\$000
12 "	1:000\$000
24 "	250\$000
80 "	100\$000
800 "	10\$000

Sorteios pela Loteria Federal, na 1a. e 3a. segunda-feira de cada mês

INSCREVEI-VOS

Joia ... 2\$000 Contribuição por sorteio ... 2\$000

Alcides Ramos de Lima

AGENTE GERAL

branças, transmittimos tambem o nome, a idade e o endereço da escola dos respectivos autores. Si quizerdes ter a amabilidade de responder, n'uma cartinha, manifestando a vossa opinião sobre os nossos trabalhos escolares, isso nos causará grande alegria, alem de ser um meio de promovermos a amizade internacional.

Temos a honra de vos informar de que estes desenhos foram colleccionados em todo o Japão, pelas agencias da Companhia Manufactura de "Calpis", com o auxilio da Associação Educadora de Arte Nova e que depois de emmoldurados foram exhibidos na grande Exposição Memorial no ultimo verão.

Desejariamos immensamente ter o feliz ensejo de vêr os vossos desenhos e, por conseguinte, si quizerdes ter a bondade de nos remtter alguns exemplares, ficaremos satisfeitissimos. No caso de concordardes connosco, fareis o obsequio de endereçal-os a Embaixada Imperial do Japão, no Rio de Janeiro.

Acceitamos-os com desvanecimento, enviando-os depois á Exposi-

ção Memorial, de onde faremos exhibil-os nas principaes escolas do paiz por meio da referida Companhia.

Aguardamos com anciedade noticias de haverem sido recebidos favoravelmente os nossos respeitosos cumprimentos e confiamos em que dest'arte estabeleceremos relações de amizade.

Concluindo, esperamos que a nova geração, em toda a parte onde reinar paz e bem-estar, fará o que estiver ao seu alcance para promover a amizade internacional.

Acrescentaremos que por esta mensagem estamos empregando o nosso tempo em pról do bem da Humanidade e do fortalecimento da Paz Internacional.

Praza a Deus fazer desta mensagem uma bençãam!

Affectuosamente vos agradecem os vossos

IRMÃOSINHOS DO PAIZ DAS
CEREJEIRAS FLORIDAS

Tokio, Abril de 1928."

EDUCADORES ALAGOANOS

O Professor José Prudente

E' dos mais antigos educadores alagoanos. Nasceu na velha cidade de Alagôas em 1797 e em sua terra natal falleceu no dia 2 de fevereiro de 1868, aos 71 annos de idade.

D. Vicencia Prudente foi sua mãe doptiva. Aos 20 annos era professor e durante meio seculo não foi outra coisa. Professor primario de letras e eximio professor de musica.

Como professor primario foi o mestre venerado de muitas gerações. Foram seus discipulos: o padre Pedro Lins, antigo cathedratico de Portugal do nosso Lyceu e profundo sabedor da lingua vernacula; o professor Adriano Jorge, inesquecivel

educador da mocidade alagoana; o professor Joaquim Ignacio Loureiro, o Dr. José Tavares Bastos, pae do grande Aureliano Candido; os FONSECAS; o professor Ignacio Costa, querido mestre de muitas gerações; o professor Francisco Domingues da Silva, e muitos outros. Como professor de musica, manteve por muitos annos uma orchestra famosa. Da sua escola musical sairam Joaquim Antonio de Almeida Chrispin, José Barbosa de Araujo Pereira, Americo Brasileiro, Luis Prudente, José Lucindo, Titô Froes, Valerio Pinheiro e outros.

José Prudente preencheu beneme-

ritamente cincoenta annos de magisterio. De 1820 a 1868 a sua actuação como educador foi constante, diaria e proveitosa a Alagoas. Regia a sua aula pelos velhos processos pedagogicos, que arvorava como dogma infallivel o principio — sem bolo não se aprende. Mas elle tinha methodo seu: foi, em Alagoas, o precursor da escola activa, ainda ha dias o assignalava, em brilhante conferencia pedagogica, o Sr. Bernardes Junior.

—“Eu vou a Maceió” — esta oração está completa?

—Sim, senhor...

—Ponha nesta oração um complemento circumstancial de modo, sim, porque eu não hei de ir a Maceió voando. Quero que fique claro o modo por que eu me transporto a Maceió...

—Eu vou a Maceió em canoa.

—Sim, senhor; mas eu devo ir a Maceió fazer alguma coisa... Ponha-lhe o complemento circumstancial de fim...

E elle, paciente, ajudava a garotada: “eu vou a Maceió de canoa receber os meus vencimentos.

Era o processo de que se servia para desenvolver o raciocinio dos alumnos.

Tinha o professor Prudente um sitio denominado “Outeiro”, que sua familia ainda conserva, bem como a casa em que durante cincoenta annos o velho educador formou a intelligencia de numerosas gerações. Con-

stantemente o professor José Prudente levava os alumnos ao “Outeiro”, para dar-lhes lições praticas de agricultura. Explicava a utilidade da lavoura e a sua importancia na vida economica do paiz e ensinava á menina como se plantava a mandioca, a canna, o milho, o feijão...

A escola do professor Prudente tinha fama na Provincia. Ninguem ensinava como elle. Ter sido seu alumno era um titulo de recommendação.

Tinha elle o magisterio como um sacerdocio. Levou meio seculo a ensinar meninos, venerado por toda gente. O presidente Sá e Albuquerque, em uma de suas *falas* á Assembléa Legislativa, affirmou ser o professor Prudente “um dos filhos benemeritos da Provincia das Alagoas, pelos serviços relevantissimos prestados á instrucção”; o velho Silva Titara, primeiro Director da Instrucção Publica Provincial, em um dos seus relatorios declarava que os relevantes serviços do professor José Prudente á causa da instrucção eram de tal ordem que difficilmente poder-se-ia dar-lhe substituto, e o Imperador D. Pedro II não occultou a boa impressão que lhe causara sua visita á famosa escola.

Diversos filhos do velho educador foram professores: D. Rosa Prudente, em Penedo, D. Hircana Prudente, em Pilar, D. Olivia Prudente, em União, e Luis Prudente, recentemente fallecido nesta cidade.



Emancipação Política de Alagoas

A data que recorda a emancipação política de Alagoas foi festivamente commemorada em todas as escolas do Estado e em nossa Escola Normal. Neste estabelecimento de ensino, com a presença do Sr. Secretario do Interior, Director da Instrução Publica, professores e alumnos da Escola, professores e escolares de outras casas de educação e diversas pessoas gradas, depois de cantado o hymno do Estado, o Sr. Dr. Director Geral annunciou o recebimento da Mensagem dos Escolares Japonezes aos seus collegas Brasileiros, mostrando a importancia affectiva e internacional desse delicado gesto niponico. O alumno Smaragdo Marroquim de Souza fez a leitura da Mensagem e a alumna René Aboab leu o discurso de commemoração da data alagoana. A solemnidade terminou com o hymno nacional, cantado por todos os alumnos da Escola Normal.

O discurso da normalista René Aboab é o que se segue:

Snr. Director
Mestres
Collegas,

De 30 de abril de 1870 é a lei n. 515 que declarou feriado a data, que hoje commemoramos, da elevação de Alagoas á categoria de capitania independente.

O abençoado territorio em que nascestes, e no qual nos educamos, pertencia outróra á capitania de Pernambuco.

Comarca creada a 10 de outubro de 1710, sob a jurisdicção daquella capitania, que, neste mesmo anno, ardia na guerra dos "Mascates", começou a ser administrada por juizes ordinarios, camaristas e capitães-móres, com séde em Magdalena, hoje cidade de Alagoas, onde tambem havia ouvidor e commandante militar.

O objectivo visado por D. João VI, ao conceder-nos fóros de capitania, vem sendo, de ha muito, discutido entre nossos historiadores e do vizinho estado nortista.

Sustentam os ultimos que o decreto de 16 de setembro de 1817 foi um premio e um castigo.

Castigo a Pernambuco, pelo grito de revolta que a 6 de março estalara em Recife.

Premio a Alagoas, por não ter, quasi, participado do movimento revolucionario, e, antes, ter ajudado a suffoca-lo.

Está provado, que não passa tal modo de ver da manifestação, mais ou menos disfarçada de um sentimento irreprimivel de despeito.

Mas, como o facto foi tão repetido que ainda ha quem nelle acredite, é cabivel que o destruamos mais uma vez.

Erram em primeiro logar, aquelles que affirmam não ter Alagoas se impressionado, absolutamente, com a revolução de 1817.

Entre nós, teve, ao contrario, longa repercussão, o grito de liberdade.

Fizeram-se adhesões em massa, e a luta começou.

As palavras de fé e de patriotismo do padre Roma, quando da sua passagem por Alagoas, com destino á Bahia, onde o esperava a morte, calaram em todas as consciencias e em todos os corações.

Apenas o que se verificou foi a verdade daquelle conceito do saudoso Dr. Thomaz Espindola:

"Nem todos os bons impulsos logram proselytos e nem mesmo os

sãos principios congregam unanimidade”.

A revolução de 1817, sabem-no todos, foi uma revolução incompreendida.

Incompreendida, porque, por mais estranho que pareça, o povo ainda não tinha, na epoca, bem cultivada a idéa de liberdade.

Depois, pelo receio da violencia, os animos se submeteram ao poder discrecionario.

Mas, apesar de tudo, Alagôas tambem possuiu os seus “fortes”, porque fortes eram todos os que ousaram romper com as tradições, oppor-se ao poderio daquelle tempo.

Tivemos como Pernambuco os nossos martyres, sacrificados á traição e á cobardia.

Victimas, tambem, do absolutismo e da prepotencia.

Agora, o que não podiamos era vencer, quando o Recife, a fortaleza dos patriotas, teve que ceder ao alvedrio dos governantes realistas.

Vê-se pois, que nenhuma razão têm os Marios Mellos e Fernandes Tavares, quando attribuem a nossa emancipação a motivos menos nobres.

O acto de D. João VI, não foi, pois, nem um castigo nem um premio. Foi antes de tudo e acima de tudo, um acto de justiça. Elle não fez senão reconhecer o progresso de Alagôas, cuja renda naquelle tempo superava de muito a da Parahyba, capitania independente. Elle não fez senão vir ao encontro das aspirações alagoanas, que mais de uma vez se haviam traduzido em pedidos de independencia.

Começou portanto, Alagôas, a 16 de setembro de 1817, a viver por si mesma, dando impulso ás suas proprias forças, attrahindo o progresso que já se fazia sentir, conquistando o centro, penetrando os sertões.

E o que até hoje tem sido a sua vinda, não é preciso dizer. “As novas gerações têm que estudar a historia desse pedaço do Brasil, aprender os feitos dos que lhe dedicaram grande amor e com esse amôr o engrandeceram.

E nenhuma outra homenagem, mais sincera e mais digna poderemos prestar á memoria desses vultos que tombaram, senão seguindo-lhes o traço luminoso.

O ensino da Musica

RESPIRAÇÃO

(ESPECIAL PARA A “REVISTA DE ENSINO”)

Consta do programma do curso de Musica nas Escolas do Estado o ensino de exercicios respiratorios.

Não ha duvida de que a respiração seja uma arte accessoria da arte do canto, mas é preciso haver muito cuidado no exercital-a.

Depois, os exercicios de respiração devem ser necessarios somente ao auxilio do ensino do *Canto* e não da Musica elementar que exige apenas o *solfejo*, que não é canto propriamente falando.

Qualquer musico poderá ensinar solfejo, mas muito poucos cantores profissionaes poderão ensinar canto.

Ha pouco, falando dos concursos

annuaes do Conservatorio de Paris, escreveu Luois Schneider na revista musical *Le Menestrel*:

“A voz é um instrumento dos mais delicados; é preciso, para a valorizar, que o professor seja ao mesmo tempo um mestre, um medico, um diplomata, um psychologo que entre cada um em scena no momento opportuno. Esse medico, esse diplomata é sempre escolhido com a competencia desejada?

Quantos alumnos assim confiados a um mestre cheio de boa vontade, mas ignorante do seu officio, aprenderão a arte da respiração que é a

chave da abobada da arte do canto?"

Effectivamente, não basta o desejo de ensinar, ou a boa vontade de executar um programma; é necessario saber o que se vai ensinar, saber transmittir o que se aprendeu e ter o tempo indispensavel para o occupar com o trabalho do ensino.

Penso que os exercicios de respiração não deveriam fazer parte do curso elementar de Musica.

1º. As professoras do curso primario elementar não foram preparadas para ensinar exercicios respiratorios que devem pertencer ao curso especial de aperfeiçoamento physico.

Em que consistem os exercicios respiratorios?

Não se supponha que devam ser exercicios de inspiração e expiração.

Consistem nos movimentos dos braços, do dorso, do abdomen, etc., convenientemente praticados.

No curso especial de canto ensinar-se-á a gymnastica dos orgãos vocaes: não a creanças, mas a adultos que já completaram o desenvolvimento daquelles orgãos.

Portanto ao professor de gymnastica deve competir o ensino dos exercicios respiratorios, e não á professora de Musica.

A professora do curso primario não deve accumular tantas funcções diversas, porque seria sacrificada com um excesso de trabalho, talvez sem proveito, devido a insufficiencia do tempo disponivel.

2º. Devendo haver no minimo trin-

ta minutos por dia de lição de Musica elementar a uma classe de creanças, esse tempo é estrictamente o necessario para o exercicio do canto escolar, por onde começará logicamente o ensino de Musica.

Não é conveniente sobrecarregar o programma da aula uma hora inteira para o ensino dessa disciplina. Nem é tambem conveniente que se distribuam as lições por dias alternadas.

A Musica deve ser ensinada diariamente.

Si a professora começar pela gymnastica nunca chegará a dar uma lição proveitosa da materia principal.

3º. Afinal o ensino de exercicios respiratorios não é um trabalho facil nem isento de perigos.

Os interessados devem ler *Evolution de la Technique Vocale* de Argor e *Physiologie de la Voix* de Glover.

Antes de praticar os exercicios a creança deve ser examinada pelo medico especialista que informará qual o grande trabalho respiratorio que se deva exigir della.

Ha coisas que mais vale não aprender do que aprender mal ou inopportunamente.

Uma dellas é o exercicio de respiração.

Não quero com estas linhas censurar o programma da Instrução Publica, manifesto apenas as minhas idéas como antigo professor que fui por vocação real.

L. LAVENERE.



Cruzada Pedagógica de Alagoas

O ensino publico em Pernambuco

"Está-se operando em Pernambuco uma grande obra de renovação pedagogica, que o tornará, dentro de pouco tempo, um centro de irradiação dos novos processos de ensino e educação para todo o norte", disse o sr. Craiveiro Costa, ao JORNAL DE ALAGOAS.

O illustre sr. director da Instrucção Publica, dr. Miguel Baptista, animado do nobre desejo de imprimir ao ensino primario do Estado uma orientação mais em harmonia com os modernos processos de ensino, organizou uma turma de professoras para, durante alguns dias de permanencia em Recife, observar o que alli se está fazendo sob a orientação do sr. prof. José Ribeiro Escobar.

A escolha da Directoria recahiu nas seguintes professoras: Irene Braga Garrido e Judith Mattos, do G. E. "Diégues Junior"; Celina Batinga e Nair Cordeiro, do "Thomaz Espindola", Flora Ferraz e Laura Wanderley, do "Fernandes Lima"; Julia Wanderley, Maria Ambrozio, Telcidia Lima, Maria do Carmo Sampaio, Analia Leite, Carmelita Jucá, Elisabeth Serpa, Conceição Maciel e Hermelinda Fazio, do "Pedro II", e mais o prof. Lourenço Peixoto, o nosso talentoso pintor e escultor.

Chefiando essa missão de professoras, a que se ficou chamando "Cruzada Pedagógica de Alagoas", foi o nosso confrade Craiveiro Costa, director do G. E. "Pedro II", que muito se dedica á causa do ensino popular e a quem a nossa instrucção publica deve a fundação da escola montessoriana e outros relevantes serviços. A sua excellente *Historia das Alagoas*, magnificamente editada pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo, é um "resumo didactico", como lhe chamou.

Seria interessante ouvir a opinião do nosso confrade, afim de podermos dar aos nossos leitores uma idéa exacta dessa tentativa, que é bem um

esforço da actual gestão da instrucção publica. Dada a affectuosidade das nossas relações, abordamos Craiveiro Costa sem cerimoniaes.

— A minha impressão? Já a tenho dado de publico, aqui e em Recife: optima. Está-se fazendo em Pernambuco uma grande obra de renovação pedagogica, que o tornará, dentro de pouco tempo, um centro de irradiação dos novos processos de ensino e educação para todo o norte. Esta renovação é consequencia da reorganização do ensino publico no vizinho Estado. A reforma, entretanto, não é obra do prof. Escobar, como muita gente pensa, mas do sr. dr. Antonio Carneiro Leão, secretario da Justica e ex-director da Instrucção Publica do Districto Federal. E' um plano monumental, por de mais vasto e complexo para Pernambuco, que em materia de educação popular não estava na vanguarda dos Estados da federação. Ha nesse plano muita coisa que reputo sumptuaria, que figura no plano geral como peças ornamentaes do conjuncto, como, por exemplo, a Escola Normal Superior. Sumptuaria e prematura, porque a Escola Normal elementar, que existe em Pernambuco, ainda não está aparelhada para a formação de capacidades profissionaes aptas á execução integral do plano educacional da escola moderna. E sem esse aparelhamento destinado á formação da nova mentalidade do professor primario, é claro que a Escola Normal Superior seria simplesmente um departamento luxuoso e antecipado.

Outra peça que, a meu ver, foi

construída prematuramente é o Instituto de Seleção e Orientação Profissionais. Póde ser que dê ella resultados apreciaveis, porque está confiada a um tecnico notavel, que é tambem uma das mais brilhantes mentalidades nordestinas, o sr. dr. Ulysses Pernambucano; mas, não ha duvida, ha de soffrer os effeitos naturaes da prematuridade de sua installação, durante alguns annos.

O plano de reorganização, como ia dizendo, é de autoria do dr. Carneiro Leão. O sr. prof. Escobar tem a seu cargo a orientação technica da reforma. Para o desempenho dessa ardua e importante função o sr. Escobar trouxe as credenciaes dos seus vinte e tantos annos de magisterio como cathedratico da Escola Normal de S. Paulo, que ainda é o maior centro de cultura pedagogica do nosso paiz.

E', sem favor algum, um dos mais notaveis pedagogos brasileiros, dono de volumosa e solida bagagem profissional, de uma cultura encyclopedica admiravel e de uma segura e esclarecida orientação. E' um mestre de verdade, para quem a Pedagogia não tem segredos.

—Mas a campanha que lhe movem em Pernambuco dá a entender exactamente o contrario. . .

—Essa campanha, para quem desapaixonadamente apreciar a obra do sr. Escobar, deixa a impressão de uma obliteração collectiva do sentimento de justiça. Para essa campanha concorreram diversos factores e o proprio sr. Escobar. As causas que a determinaram foram: o espirito de opposição ao governo do Estado, lá, como em toda parte, geralmente disposto a receber mal os actos governamentais; o sentimento de bairrismo, sempre inclinado a hostilizar os adventicios chamados para altos postos da administração; a rotina, que o professor paulista veio contrariar, obrigando-a a reformar por completo os conhecimentos profissionais e a trabalhar muito mais, duas coisas que se não supportam de boa vontade, e a insufficiencia do ambiente para adaptação da nova tech-

nica pedagogica. Esses elementos conjugaram-se contra a renovação dos processos educacionais e a guerra arreventou com o fragor e as deploraveis consequencias que todos sabemos. A culpa do sr. Escobar está, parece-me, na indiferença, pelo menos apparente, com que recebeu os golpes mais profundos dos que saíram a campo para agredi-lo por mil maneiras, fechando-se num silencio que deve ter feito augmentar a irritação. Penso que, se á primeira investida contra a sua pessoa e os seus methodos, elle tivesse feito uma defesa completa do seu plano pedagogico e da sua orientação na execução delle, approximando-se dos aggressores para desarma-los pela evidencia dos factos, a campanha não teria tido a repercussão que se sabe e a sua actualização far-se-ia sem duras hostilidades.

Mas elle deve ter tido razões poderosas para a sua attitude... Porque assim não procedeu, a campanha ganhou terreno, tornou-se virulenta, e conquistou o espirito facilmente impressionavel das multidões. Deturpou-se, desde o primeiro momento, a orientação educativa do sr. Escobar, explorando-se os sentimentos mais delicados da familia pernambucana, na sua organização moral, apresentados em publico como atacados nos seus melindres pelos processos pedagogicos do professor paulista. Criaram-se invenções escabrosas, incutiram-se no espirito popular prevenções e odiosidades tremendas contra a escola que se iniciava, accenderam-se as coleras das multidões irresponsaveis e até a mais alta autoridade diocesana trovejou anathemas condemnadores. Pernambuco accitou essa campanha como expressão de uma verdade absoluta, vehiculada pelos differentes meios de propagação. Ninguem procurou saber que os precedentes do illustre professor não autorizavam essa campanha de demolição e de odio, que elle não era um mendicante de posições no Estado, um improvisado pedagogo, mas o portador de uma tradição educadora

feita no mais importante estabelecimento profissional do Brasil, durante mais de vinte annos e que pelas suas aulas haviam passado mais de 2.000 estudantes paulistas, muitos dos quaes são hoje professores provecos. Ninguém procurou saber que a moral desse homem nunca fôra objecto de suspeição no progressista Estado do sul, onde nasceu e tem servido patrioticamente á causa do ensino nacional.

A campanha, porém, acabou esfalfando-se, deante da tenacidade do accusado. Bem poucos homens terão a coragem de tamanha resistencia, que não pode ser consequencia de um interesse material. Para mim o sr. Escobar é um homem blindado dessa couraça indestructivel do artifice consciente da superioridade e belleza da sua obra. O sr. Escobar é uma consciencia illuminada por um ideal. A campanha amorteceu. E essa obra que se vae construindo num ambiente de hostilidades já se apresenta, aos olhos desapassionados, integra na sua estructura, capaz de despertar justificado orgulho aos pernambucanos.

— Ha então em Pernambuco uma obra pedagogica notavel?

— Notabilissima. A senhora Mercedes Dantas, que é incontestavelmente uma autoridade e absolutamente insuspeita, depois de ver as escolas pernambucanas remodeladas pelo sr. Escobar, disse-nos aqui que coisa igual ainda se não vê em S. Paulo e que somente agora se está tentando no Districto Federal. Vi, ligeiramente, em maio ultimo, alguma coisa dessa obra admiravel; agora porém, observei-a mais demoradamente.

— Está-se fazendo mesmo em Pernambuco a escola activa?

— Não, nem seria possivel praticar em tão pouco tempo uma transformação tão radical. E' preciso considerar que em Pernambuco não havia um ambiente propicio á transformação integral e rapida. Nem em nenhum Estado do Brasil. A adaptação da escola ideada por Ad. Ferrière e outros insignes reformadores da educação popular exige condições

especiaes de ambiencia e principalmente um professorado formado sob a orientação dos novos moldes educativos. O que ha em Pernambuco — e já é muito — é uma transição intelligentemente orientada no rumo dos methodos activos. E isso mesmo já é para admirar haver o sr. Escobar conseguido em tão pouco tempo, aproveitando o mais possivel a prata de casa. Antes do mais procurou elle reunir alguns elementos intelligentes e de reconhecida boa vontade no magisterio pernambucano, aos quaes, pouco a pouco, foi imprimindo o espirito da sua orientação pedagogica. Chegou mesmo a preparar um nucleo notavel que está perfeitamente mobilizado para o combate á escola tradicional. Desse nucleo estão sahindo os inspectores escolares, os directores escolares, os directores de grupos e um professorado que se prestou a reformar quasi que por completo a sua mentalidade. Nesse nucleo destacam-se Arnaldo Carneiro Leão, uma perfeita organização de pedagogo, servida por uma intelligencia scintillante e plastica; d. Eulalia da Fonseca, professora notavel em Pernambuco e em qualquer parte onde se apresente; d. Debora Feijó, intelligentissima e entusiasta dos methodos activos; Deocleciano Lima, dr. Joaquim da Rocha Pereira, João Hermenegildo, para citar somente aquelles de quem me approximei. Ha grupos escolares dirigidos com uma superioridade surprehendente — o *João Barbalho*, por d. Helena Pugô, o *Maciel Pinheiro*, por d. Maria de Lourdes Temporal, o *Silva Jardim*, por d. Alcina Brawel, o *Amaury de Medeiros*, por d. Noemia Wanderley, e outros. Ha ainda outros auxiliares technicos estranhos ao magisterio pernambucano, incumbidos de especializações — o sr. Fabiano Losano, da Escola Normal de Piracicaba, eximio no ensino da musica analytica, cujos processos renovou por completo; o sr. prof. Scaramelli, do professorado paulista, director da Escola de Applicaçao annexa á Escola Normal, que é um profissio-

nal dedicado e completo; o sr. José de Oliveira Gomes, tecnico de educação physica, do magisterio da Capital Federal; o sr. Olival Leitão, intelligentissimo, encarregado do ensino agricola e correlatos.

A Escola de Applicaçãõ destinada ao aperfeiçoamento das normalistas, apesar de recentemente fundada, já é um estabelecimento apto a remodelar a mentalidade profissional do professorado pernambucano.

Os grupos escolares vão pouco a pouco, reformando os processos de educação e ensino. No *João Barbalho* estão installadas as salas ambientes para a escola activa e que permitem aprender, fazendo, investigando, brincando, aproveitando as tendencias naturaes da infancia. Assistimos ahi aulas admiraveis de arithmetica, geometria, geographia, historia, physica e agricultura, sem livros, inteiramente praticas, aproveitadas as actividades factivas e ludicas das crianças. As aulas da professora Eulalia da Fonseca são perfectas. Assistimos na Escola de Applicaçãõ a uma aula de Historia Natural, tomando por assumpto os peixes, tendo cada criança um peixe vivo para estudos e demonstraçoẽs directas, que nos deu uma idéa perfeita da remodelaçãõ dos processos de ensino sob a orientaçoõ do prof. Escobar. No grupo escolar *Maciel Pinheiro*, vimos demonstraçoẽs experimentaes da cultura da terra, em canteiros feitos e trabalhados pelos alumnos, cobertos de arroz, feijão, mandioca, hortaliças, da criaçoõ de abelhas, de aves e de peixes.

Em todos os grupos se dão aulas praticas de physica e chimica elementares com aparelhos simplissimos feitos pelos professores ou pelos proprios alumnos. Assistimos a experiencias sobre a dilataçoõ dos corpos, sobre a combustão, a fabricaçãõ do iodo, o amolecimento do vidro. Vimos meninos encherem empollas e darem injectões. Todo o ensino é essencialmente pratico. O alumno é quem trabalha, ouvindo as explicaçoẽs do mestre. "Medindo, pesando, contando, redigindo documentos com-

merciaes, construindo medidas antigas e modernas, fazendo tabellas, desenhando graficos" aprende-se arithmetica; por processos semelhantes aprende-se geometria, linguagem, geographia, historia patria, sciencias naturaes, sciencias physico-chimicas, etc. A escola puramente literaria, a escola livresca vai ficando á margem. Uma verdadeira revoluçoõ. Ninguem se lembraria agora, em Pernambuco, de pôr nas mãos de um menino do curso primario uma Grammatica de Porto Carreiro ou uma Geographia de Veiga Cabral...

Ha em Recife, funcionando com perfeita efficiencia, duas escolas profissionais, uma para meninos e outra para meninas. Esta é superiormente dirigida por d. Philomena Escobar, aquella pelo competentissimo prof. pernambucano Elysio Figueiredo.

São dois estabelecimentos que honram Pernambuco. Na profissional feminina ha varios cursos de costuras e corte, desde a roupinha do recém-nascido até a feitura do traje de baile ou de casamento; flores, bordados, chapéos, modelagem, puericultura, culinaria, arranjos domesticos, etc. Nessa escola nos foi offerecida uma festa da mais alta elegancia, dirigida por madame Escobar: um chá. Todo o cardapio foi feito na escola e servido pelas alumnas.

Na profissional masculina, com uma organizaçoõ completa, o professor Lourenço Peixoto fez demorada frequencia; dirá elle, melhor do que eu, o que viu e aprendeu.

Quanto aos resultados colhidos pelas nossas professoras...

— O resultado foi grande, em relaçoõ ao pouco tempo que ellas lá permaneceram. Ellas tiveram o seu tempo bem aproveitado, não havendo mesmo lazer para passeios e diversões. Algumas não foram mesmo a um cinema! Fizeram um estagio na Escola de Applicaçãõ, principalmente para observaçoõ do ensino de leitura pelo methodo analytico, no *João Barbalho* para observaçoõ do ensino da arithmetica, geometria e

geographia pelos methodos activos, no *Maciel Pinheiro* para a musica analytica e educação physica. Já começamos a introduzir no "Pedro II" esses methodos, utilizando o material que nos foi offerecido e o que aqui já se fez. Foi pena que a permanencia fosse tão pequena. Um curso de ferias, em janeiro, proximo, seria de uma vantagem incalculavel. Esse mez bem aproveitado pelas nossas professoras valeria por todo um curso normal.

Nós temos muito boas professoras, intelligentes, dedicadas e entusiastas pela sua profissão apesar de parca-mente remunerada. Ellas precisam apenas de certo aperfeiçoamento, principalmente no que diz respeito aos processos novos victoriosos, e de estímulo. Com a compressão, com um regimen puramente policial, nada se consegue, porque conduz fatalmente ao desanimo.

— Como foram tratados em Pernambuco?

— Ah! tivemos em Recife um acolhimento carinhoso, a começar pelo sr. Escobar. Todo o pessoal technico da Directoria de Educação foi posto á nossa disposição. Por toda parte as

maiores demonstrações de affecto. Nos grupos escolares professores e alumnos recebiam-nos de coração aberto. Era com alegria que nos franqueavam as escolas, enfestonadas para receber-nos e dellas sahiamos todos carregados de presentes e de saudades. As professoras alagoanas eram todas as noites visitadas, visitas isoladas de collegas e visitas collectivas de escolas, que lhes traziam braçadas de flores e essas demonstrações de affecto estenderam-se, no dia da partida, até a estação de Afogados, onde se trocaram os ultimos abraços.

A mais expressiva de todas essas demonstrações de carinho foi uma mensagem dos meninos de Pernambuco aos meninos alagoanos, que entregamos ao director geral da nossa Instrução.

A Cruzada Pedagogica de Alagoas foi um triumpho para o sr. dr. Miguel Baptista. Se elle conseguir levar a effeito, em janeiro, um curso de ferias, terá prestado á Instrução Publica de Alagoas um serviço inestimavel.

(Do "Jornal de Alagoas")

PERIGO DA MURIÇOCA

O mosquito vulgarmente, conhecido pelo nome de MURIÇOCA, é um insecto perigosissimo que a Hygiene combate e que o povo deve combater porque só com o esforço de todos, elle poderá ser exterminado.

A muriçoca transmite duas doenças das mais graves: a febre amarella e a febre chamada palustre ou malaria.

A muriçoca só se desenvolve nos logares onde existe agua parada e a mais perigosa se desenvolve especialmente nas aguas limpas, jarras, jarros, latas vasiaas, frascos vasiaos, fontes de jardins, etc. E' preciso, pois, cobrir todos depositos d'agua completamente, mudar a agua e lavar a jarra pelo menos uma vez por semana, não consentir na existencia, nos quintaes, de latas vasiaas, cascos de côcos, etc.

Os guardas sanitarios devem ser recebidos com toda cordialidade porque a sua visita é a maior garantia da saude.

DECLAREMOS GUERRA AO RATO

Porque devemos exterminar os ratos?

Porque o rato é um dos animaes mais nocivos ao homem; elle não só é um elemento terrivel da destruição de roupas, objectos e alimentos como transmite uma doença terrivel — a peste negra ou a peste bubonica.

O rato vive em buracos nas paredes, nos porões, nos canos de esgoto.

Ha ratos negros, cinzentos, ratos grandes e pequenos ou camondongos; todos são igualmente nocivos e perigosos.

Como podemos destruir os ratos?

Todos os meios são bons, ratoeiras, veneno, gato, etc.

Para destruir é preciso, porém, ter em vista tres cuidados:

1°. — proteger os alimentos contra elles; os ratos não se desenvolvem onde não existam alimentos a seu alcance. Nas casas de familia todos os alimentos, restos de comidas e lixo devem ser guardados em depositos fechados.

Nos armazens todos os depositos de generos devem ser protegidos.

2°. — destruir todos os esconderijos: caixões vasio, pannos velhos, saccos, madeiras, devem ser collocados em lugares onde o rato não possa entrar.

O solo deve ser impermeabilizado com cimento.

O piso de tijollo facilita a vida dos ratos.

3°. — matar os ratos por todos os meios; os melhores, porém, são:

VENENO—Misturar um pouco de carne, peixe, queijo, sêbo moido com carbonato de baryo na proporção de 4 partes de alimento por uma parte de veneno.

Collocar a isca em baixo de um caixão com pequenas aberturas por onde só passem ratos para evitar que as crianças e os animaes domesticos se envenenem com a isca do rato.

RATOEIRA — As melhores ratociras são de arame ou de guilhotina, todas servem; o que importa, porém, é que o alimento que se põe na ratoeira atraia com facilidade o rato, que seja variado, que o rato, enfim, não encontre alimento facil em outro lugar.

A ratoeira deve sempre mudar de lugar e deve ser escondida em baixo de um caixão com aberturas lateraes.

Quando apanhar um rato deve ser lavada com agua fervendo.

Ninguem deve pegar um rato morto com a mão, é preciso apanha-lo com dois pedaços de ferro ou madeira em forma de pinça, atira-lo n'uma lata com um pouco de alcool ou kerozene e incinera-lo.

Conselhos as mães

A DIPHTERIA

A diphtheria é uma doença que ataca a garganta e o nariz, podendo se estender a larynge e a trachéa. E' conhecido o microbio da diphtheria: chama-se bacillo de Loëffer.

Quando elle se localiza na garganta e no nariz forma-se nesses órgãos uma membrana esbranquecida. E' o que os medicos chamam falsas membranas. Isto, porém, não é regra sem excepções. A's vezes não se formam as falsas membranas e nos órgãos atacados ficam somente vermelhos.

O microbio desenvolvendo-se secreta toxinas, venenos que levados pelo sangue atacam os outros órgãos, produzem paralisias e a morte subita por lesão do coração. Eis o que se chama em medicina diphtheria. Si a doença propaga-se a larynge e a trachéa as falsas membranas irão constituir um obstaculo mechanico á respiração, isto é, tornarão difficil e até impossivel a entrada e sahida do ar. E' o que os medicos chamam *Crup*.

Quando a inflammação da garganta é pouco gr̃ave e não apparecem os signaes caracteristicos da doença pode succeder que tudo seja attribuido a um simples defluxo. A hygiene preocupa-se muito com esses casos porque não são diagnosticados. Os doentes continuam a andar, muitas vezes a frequentar a escola, os cinemas e vão transmittindo a diphtheria aos sãos.

Outro perigo desses casos pouco caracteristicos é para o proprio doente. O aspecto benigno das manifestações tranquiliza a familia, tudo é attribuido a "dor de garganta". Parece não haver duvida porque ha a vermelhidão e o defuxo. O microbio, porém, continua no seu desenvolvimento, attinge a larynge e a trachéa, formam-se as falsas membranas e o *Crup* declara-se de improviso.

A diphtheria é uma doença contagiosa.

O doente pode passar ao são os microbios que existem em grande numero nas vias superiores, de dois modos. Directamente, isto é, pelos perdigotos emittidos quando falla ou tosse, pelas mãos contaminadas, etc., ou indirectamente, pelos lenços, guardanapos, fronhas, copos, que usados pelo doente, enchem-se de microbios que passam aos sãos que delles se servem.

O contagio não é de temer somente no caso citado. Tambem podem transmittir a diphtheria creanças ou adultos que não tiverem a doença mas têm na garganta os microbios e aquelles que, curados, continuam a possuil-os.

São os chamados portadores de bacillos. A mortalidade pela diphtheria era enorme até a epocha em que se descobriu o sôro anti-diphtherico. Este sôro preparado em institutos bem aparelhados requer uma technica muito apurada bastando nos dizer que é extrahido do cavallo depois de soffrer injecções de doses crescentes de toxinas diphthericas. O tratamento pelo sôro quando empregado no inicio da doença e em doses sufficientes dá uma grande percentagem de curas. Pode succeder, porém, que um doente de diphtheria antes de ser feito o diagnostico tenha estado em contacto com os sãos, o que pode acontecer em escolas, fabricas, etc. E' preciso então immunisar os sãos. Pratica-se

a chamada proca de Schick que sendo *Positiva*, demonstra que o individuo está apto a contrahir a doença precisando ser artificialmente immunizado. *Negativa* que elle já está immunizado.

Supponhmos que ha na familia um caso de diphteria. O medico foi chamado e já enviou para um laboratorio particular ou para o do Departamento de Saude e Assitencia o material para o exame. Enquanto se espera o resultado nada se perde em ir tomando as primeiras providencias.

Si o caso é confirmado convem desde logo isolar o doente em quarto bem arejado, despojado de todo o mobiliario superfluo. Basta conservar a cama do doente, uma cadeira, uma mesa, um pequeno lavatorio e um cabide.

As visitas mesmo das pessôas de casa ficam absolutamente prohibidas.

No quarto só deve penetrar o medico e a enfermeira ou pessôa que cuida do doente. Dia e noite as janellas devem permanecer abertas agasalhando-se convenientemente o doente quando baixar a temperatura. O ar e a luz são tonicos para o doente e inimigos dos microbios, diminuindo-lhes a virulencia isto é, o prazer de fazer mal.

Como os microbios se espalham com os perdigos da tosse e do espirro deve o doente usar nessas occasiões, um panno deante do nariz ou da bocca.

Quando quizer escarrar ou assoar, o diphterico use um panno ou algodão e em ultimo caso um lenço. O panno e o algodão serão, depois de usados, guardados em um sacco de papel para serem queimados. Fronhas, lençoes, camisolas do doente devem ser mergulhadas numa soluçao de acido phenico a 2 ‰.

Facas, garfos, colheres, chicaras serão lavadas com agua a ferver.

O piso do quarto deve ser lavado diariamente. Não se deve varrel-o. A pessôa que cuida do doente deve usar um avental, retirando-o sempre que tiver de deixar o quarto. Nessa occasião lavará tambem as mãos enxugando-as em toalha limpa.

Concluido o tratamento do doente é preciso verificar si elle ainda é portador de bacillos. A' enfermeira antes de voltar ao convivio da familia faz-se o mesmo.

Eis o que havia a dizer sobre diphteria. Todos medicos e doentes, têm o dever e mesmo a obrigação de notificar os casos occorridos ou simplesmente suspeitos.

Lembrem-se as mães que tiverem um filhinho diphterico que seu interesse é vel-o curado e evitar que outras creanças da mesma, ou de outras familias sejam igualmente atacadas.



METHODOLOGIA

NUMEROS

Renè Barreto

PRIMEIRA LIÇÃO

Observação — Toda a creança tem aos 7 annos, a noção mais ou menos exacta de numeros até 5. Algumas podem mesmo conhecer até mais. A primeira lição deve pois consistir em verificar que extensão a esse respeito, têm os conhecimentos da maioria da classe. Assim a professora mandará que diversos alumnos vão tirando, de um grupo de objectos, quatro objectos, dois objectos, tres objectos, cinco objectos, um objecto, sete objectos, seis objectos, etc., de modo a verificar até que numero a maioria da classe consegue separar, de golpe, e não de um em um. Feito este exercicio, durante algumas poucas lições, passar-se-ha ao estudo graduado dos numeros.

OS NUMEROS UM E DOIS

A Professora — Levante sua mão direito.

Levante sua mão esquerda.

Quantas mãos tem você?

Escônda a mão direita.

Quantas mãos pôde ver agora?

Esconda a mão esquerda.

Quantas mãos escondeu?

Quantos pés tem você?

Quantos olhos?

E quantas cabeças?

(Segurando um cubo) Quantos cubos tenho na mão?

(Tomando dois cartões quadrados) Quantos quadrados tenho?

(Tomando duas esferas) Quantas esferas tenho?

Mostre-me dois cubos. Mostre-me duas esferas.

Diga — cubo duas vezes. Diga — quadrado duas vezes.

Dê um cubo a Luiza. Dê uma esphera a Laura.

Tome uma esphera em sua mão.

Tome outra esphera.

Quantas espheras tomou?

Então uma esphera e uma esphera são..... espheras.

Largue uma esphera sobre a mesa. Com quantas espheras ficou?

Então duas espheras tirando uma fica..... espheras.

Largue a outra. Com quantas espheras ficou?

Você tinha duas espheras na mão; largou as duas sobre a mesa. Com quantas ficou?

Um cubo e um quadrado, quantas cousas são?

(Mostrando os objectos sem nomea-los) Então um e um são.....

Mostre-me dois dedos. Eu tenho aqui na mão dois triangulos — Mostre-me tambem dois triangulos.

Diga duas palavras.

Eu tirei aqui da mesa estes dois circulos;

Lucia, tome você tambem outros dois circulos.

Diga-me os nomes de dois meninos.

Trace uma linha no quadro negro. Trace duas linhas. Apague uma.

Quantas ficaram? Apague a outra. Quantas ficaram?

Este signal representa o numero um; 1

Este signal representa o numero dois; 2

Este signal representa nenhum; 0

Faça no quadro negro tantos pontos quantas mãos você tem.

Faça no quadro negro tantas linhas quantos olhos você tem.

Apague no quadro negro quantos narizes você tem.

Escreva a figura que representa uma cousa.

Escreva a figura que representa nenhuma cousa.

Escreva a figura que representa duas cousas.

Mostre-me tantas bolinhas quantas representa este signal — 2.

Mostre-me tantas taboinhas quantas representa este signal — 1.

Si eu tiver dois cubos e lhe der um, fico com.....

(Mostrando sem nomear) Então de dois tirando um, fica.....

E si você tem um circulo e eu dou-lhe outro, você fica com..... circulos.

(Mostrando, sem nomear) Então um e um são.....

Si você tem dois triangulos e me dá um, fica com..... (Mostrando sem nomear) Então de dois tirando um fica.....

Si você faltou á escola na terça-feira e no sabbado, faltou durante a semana..... dias. (Traça dois quadrados). Quantos quadrados tracei?

(Traça dois circulos) Quantos circulos tracei? (Traça dois triangulos) Quantos triangulos tracei?

Julio, você trace um quadrado, Maria, trace você um triangulo. Edmundo, você trace um circulo.

Copiem:

um	dois	
1	2	...

SEGUNDA LIÇÃO

O numero tres

(Mostrando tres cubos) Quantos cubos aqui estão juntos? Mostre-me dois cubos. Junte mais um. Carlos, mostre-me um numero igual de espheras; Alvaro, mostre-me um numero igual de triangulos; Joaquim, mostre-me um numero igual de circulos; Pedro, mostre-me um numero igual de dedos. Quantas espheras você me mostrou, Carlos? E você, Alvaro, quantos triangulos me mostrou? E Joaquim, quantos circulos? E Pedro, quantos dedos?

Trace tres linhas no quadro negro. Faça agora tantos pontos quantas linhas. Construa agora tantos quadrados, quantos pontos fez. E agora tantos triangulos quantos quadrados.

Eu tomo um cubo, uma taboinha e um triangulo; quantas cousas são?

Mostre-me uma bolinha, um quadrado e um palito; quantas cousas

me mostrou? (Mostrando, sem nomear.) Então, um e um e um são.... Mostre-me outras tres cousas.

Diga-me tres cousas que você viu hoje, quando veiu para a escola; tres cousas que você almoçou; tres cousas que você pôde fazer; tres cousas que você pôde vestir; tres pessoas que conhece.

Luiza, você pôde tirar uma taboinha destas tres? Quantas taboinhas restaram? Que mais pôde tirar das tres taboinhas?

Quantas ficaram? Que mais pôde tirar? Quantas ficaram?

Quem vê mais alguma coisa que pôde ser feito? Eu vejo Maria pôr as suas taboinhas em duas divisões. Quantas estão neste grupo?

Quantas estão nesta divisão? Que foi que Maria achou em tres taboinhas? (duas taboinhas e uma taboinha).

Tome dois cubos. Acrescente mais um. Quantos cubos tem agora?

Então, dois (cubos) e um (cubo) são.....

Jayme deu-me duas bolinhas e Arthur uma. Quantas bolinhas me deram elles? Então duas e uma são....

João, si você tiver dois botões e lhe derem mais um, você fica com... Conte-me uma historia a este respeito.

Francisco, tome um cubo. Tome agora outros dois.

Com quantos ficou? Então, um e dois são.....

Esta figura representa tres — 3.

Escreva as figuras que representam um, dois, tres.

Escreva a figura que representa nenhum.

Si você possuir uma bolinha e João lhe fizer presente de mais duas, você fica com..... Então, uma e duas são.....

Quem me conta a historia de um e dois? Outra? Outra?

Trace uma linha vertical ou de pé. Trace mais duas linhas horizontaes ou deitadas. Quantas linhas traçou?

Marque tres pontos em logares diferentes. Faça um triangulo. Quantas linhas você vê ahi? Apague uma;

quantas ficaram? Então, de tres linhas tirando uma, ficam.....

Apague outra linha; quantas ficaram? Então de tres linhas tirando duas, ficam.....

(Repetição destes exercicios com outros objectos.)

Tome duas taboinhas. Quantas mais você precisa tomar para ter tres taboinhas? (Repetir com os cartões de forma goemetrica).

Tome uma taboinha. Quantas mais você precisa para ter tres taboinhas? (Repetir com os cartões).

Si eu tiver tres tostões e você um, quantos eu tenho a mais que você? (Repetir com outros objectos, fazendo novas historias).

Mostre-me um cabo. Faça ao lado delle, uma fila composta de dois cubos. Faça ao lado desta uma outra fila formada de tres cubos. Qual é a carreira que tem mais cubos? Qual é a carreira que tem menos cubos?

Quantos cubos a fila do meio tem mais do que a primeira? Quantos menos do que a ultima? Quantos cubos ha mais na terceira do que na primeira fila? E mais do que na segunda?

Quantos cubos ha menos na primeira carreira do que na segunda? E do que na terceira?

Mostre-me tantos circulos quantos representa esta figura — 3. Mostre-me tantos triangulos quantos representa esta figura — 1. Mostre-me tantos quadrados quantos representa esta figura — 2. Mostre-me tantas mãos quantas representa esta figura — 0.

Revisão

Tome uma bolinha e um cubo. Quantas cousas você tomou?

Dê tres passos para a frente. Dê dois passos para traz.

Quantos passos você avançou do logar em que estava a principio?

Quantas juntas tem seu dedo pollegar? E os outros dedos? Mostre-me tantos dedos quantos representa este signal — 2.

E este outro signal — 1. E este outro — 3. E este outro — 0.

Escreva o signal que representa quantas mãos você tem.

E o que representa quantas boccas você tem.

Levante a mão. Feche a mão. Abra dois dedos. Abra mais dois dedos de modo a mostrar tres dedos. Escreva o signal que representa tres dedos.

Si eu tiver tres tostões e lhe der um com quantos fico?

E si lhe dêr dois, com quantos fico?

Conte uma historia a respeito de dois. Conte outra a respeito de tres. Outra. Outra.

Tres tostões são quanto mais do que um tostão?

Tres tostões são quanto mais do que dois tostões?

Quantas azas tem um passarinho? Quantos olhos? Quantas pernas?

Quantas cousas mais são um garfo e uma faca do que duas colheres?

Tire dois quadrados de uma só vez. Tire tres circulos de uma só vez.

Copiem:

1	2	3
um	dois	tres

NOTA:—O professor variará os exercicios, fazendo de vez em quando as perguntas, sem nomear os objectos, mas apresentando-os, e depois apresentando-os e occultando-os em seguida, afim de que o alumno, embora vendo, ou só pensando no objecto, não os nomeie: é a transição necessaria para o calculo abstracto.

Exemplos:

"1. Prof. — Quantos cubos tenho na mão direita? (2), Quantos cubos tenho na mão esquerda? (1). Quantos cubos tenho nas duas mãos? (3). Então, (mostrando os cubos) dois e um são.... E um mais um são....

2. Prof. — (Occultando as mãos atraz das costas). Então, Carlos, quantos cubos você viu nas minhas mãos?

E quantos na mão direita? (Mostra rapidamente e occulta outra vez) — E quantos na mão esquerda? (Mostra e occulta).

Si eu passar agora um cubo da mão direita para a esquerda, quantos me ficam na mão direita? E na esquerda? E nas duas mãos?"

Com estes exercicios, o alumno já principia a recorrer á imaginação para lembrar-se do que viu, e, si bem que pensando sempre nas cousas, começa entretanto a realisar os calculos sem recorrer mais á pura objectividade.

Outro exercicio que deve fazer-se a cada passo, no decurso do ensino dos numeros até dez, é habituar os alumnos a tirarem, sem contar, mas de um golpe, grupo de dois, tres, quatro, cinco objectos, bem como reconhecer taes grupos á simples vista, conforme já se viu no inicio destas lições.

TERCEIRA LIÇÃO

O numero quatro

Luiz, mostre-me tres dedos; abra mais um dedo. Quem sabe dizer quantos dedos Luiz está mostrando?

Laura, mostre-me agora tantas bolinhas quantos dedos o Luiz mostrou. Mostre-me igual numero de circulos; de cubos; de quadrados; de triangulos; etc.

Diga-me o nome de alguma cousa que tenha quatro pernas; de algum animal de quatro pernas; outro; outro.

Diga-me os nomes de quatro meninos? Quantos dedos minimos são os seus minimos mais os meus?

Diga quatro cousas de que você gosta.

Vamos a ver si vocês descobrem alguma cousa a respeito do quatro.

(Dá a cada alumno quatro circulos, ou quatro cubos, ou quatro triangulos, etc., que elles, cada um por sua vez, de golpe, irão retirando da mesa e pondo á sua frente.) Vejo que Henrique tirou um dos seus quatro cubos; quantos você deixou?

Carlos está me mostrando quatro menos dois; quantos você deixou?

Lucia está tambem me mostrando alguma cousa: Ponham todos os seus objectos tal como Lucia fez. (Em grupos de dois). Quanto tem cada grupo? Quantos grupos são?

Façam agora como fez Maria. (Em divisões de um e tres).

Quantas divisões são? Quanto tem o grupo que está do lado de sua mão

direita, Julio? E a divisão que está do lado da mão esquerda?

Tome tres quadrados. Tome mais um. Quantos quadrados são? Conte-me uma historia a este respeito.

Hontem recebi uma moeda de prata de mil réis e hoje recebi mais tres. Quantas tenho?

Quatro cousas se representam assim: 4.

Faça o signal que representa tres cousas. Faça o signal que representa uma cousa. Faça o signal que representa nenhuma cousa. Faça o signal que representa duas cousas.

Um triangulo e tres triangulos são Um livro mais tres livros são Um quadrado mais tres quadrados são

Um tostão e tres tostões são

Conte-me uma historia de um pintainho e mais tres pintainhos. Conte-me uma historia de um gatinho e mais tres gatinhos.

Quem faz outra historia de um e tres são quatro? Outra? Outra. Outra.

Ponha um de seus quatro circulos sobre a mesa. Quantos restaram? Junte de novo. Ponha tres circulos sobre a mesa. Quantos restaram? Conte-me uma historia de quatro circulos menos um circulo; de quatro cubos menos um cubo; de quatro livros menos um livro; de quatro galinhas menos uma gallinha.

Quatro tostões menos tres tostões menos um tostão são

Copiem:

1	2	3	4
um	dois	tres	quatro

Revisão

Quantos dedos estou mostrando? (quatro). E agora? (tres). E agora (dois).

Quantos triangulos tracei no quadro negro? (dois).

Quantos circulos? (tres). Quantos quadrados? (um).

Quantas linhas eu fiz para traçar um triangulo? Quantas linhas eu fiz para traçar um quadrado? Quantas

linhas o quadrado tem mais do que o triangulo?

Quantos cantinhos tem o triangulo? E o quadrado? Qual tem mais? Quantos mais?

(O Prof. toma dois objectos na mão direita e um na esquerda). Quantos cubos tenho na mão direita? E na esquerda? Diga-me então o que você vê. *Eu vejo dois cubos e um cubo*). Quem vê dois cubos e mais um cubo?

Dois cubos e um cubo são.....

Traduza então agora o que vou mostrar. (1) (O Prof. mostra um grupo de dois cubos, e um cubo só; então, vagarosamente, reúne as duas partes á medida que a criança fôr dizendo: dois cubos e um cubo são tres cubos). Traduza do mesmo modo com estes circulos: (Dois circulos e um circulo são tres circulos). Agora com estes quadrados, com estes decímetros.

Conte-me uma historia sobre quatro menos um; tres menos um; dois menos um; um menos um; tres menos dois; dois menos dois; tres menos tres.

Laura escreveu tres palavras no caderno e Lucia escreveu duas. Quem escreveu mais? Quantas mais?

Julio e Nenê têm, cada um, um par de ligas. Julio perdeu uma das ligas e sua mãe comprou-lhe outro par. Quem tem mais ligas? Quantas mais?

Edmundo deixou o livro na cadeira, o chapéu na mesa e o lapis no chão; quantas cousas elle precisa apanhar e pôr no logar?

Copiem:

1	2	3	4
um	dois	tres	quatro

Tome dois quadrados. Tome mais dois. Dois quadrados mais dois quadrados são.....

(1) Deve fazer a mesma cousa com tres e um: um e tres; com dois e um. "Estes exercicios, diz Wentworth, são muito importantes para habituar os olhos a yerem com rapidez e precisão".

Tome dois cubos. Outros dois mais. Dois cubos e dois cubos são.....

Hontem eu recebi duas cartas pelo correio. Hoje recebi outras duas. Quantas cartas recebi nestes dois dias?

As suas duas mãos mais as minhas duas mãos são.....

Supponhamos que estes cubos são pães. Conte-me uma historia de dois pães mais dois pães; de dois copos mais dois copos; de duas chicaras mais duas chicaras; de duas facas mais duas facas.

Um menino tinha dois piões e outro tinha duas bolas. Quantos brinquedos elles tinham? Si elles trocassem uma bola com um pião, com quantos brinquedos ficava cada um? E os dois juntos? Aqui está um cubo e um circulo, e aqui está outro cubo e outro circulo. Quantos cubos são? Quantos circulos? E tudo junto, quantas cousas são?

Mostre-me quatro dedos. Feche dois. Quantos ficaram? Quatro dedos menos dois dedos são.....

Mostre-me quatro palitos. Guarde dois. Quantos ficaram? Quatro palitos menos dois palitos são.... Aqui estão quatro cubos. Si dois cubos forem seus, quantos são meus?

Si faltarem dois botões em seu paletó — quando a sua mamãe já tiver pregado dois, quantos botões ainda precisará pregar?

Si você tiver quatro tostões e comprar um sello de dois tostões, com quantos tostões fica?

Conte-me uma historia de quatro menos dois. Outra. Outra. Outra.

Aqui estão quatro moedas. Quero pôr duas em cada bolso. De quantos bolsos preciso?

Aqui estão quatro cubos. Quero que cada menino segure dois. Quantos meninos são precisos?

Vi quatro passarinhos, dois em cada gaiola. Quantas gaiolas eram?

Comprei quatro aves: dois gallos e duas gallinhas. Quantos casaes são?

Tenho quatro luvas; quantos pares são?

Comprei quatro meias; quantos pares são?

Eu tinha quatro laranjas e puz duas em cada prato. Quantos pratos são?

Tenho quatro moedas de tostão. Posso trocar por quantas moedas de dois tostões?

Com essas quatro moedas de tostão, quantas maçãs posso comprar, si ellas custarem dois tostões cada uma?

Eu tinha quatro lapis, e reparti-os igualmente por meus dois irmãos. Quantos lapis cada um ganhou?

Tome dois cubos. Outros dois. Quantos são? Quantas vezes tomou dois cubos para fazer os quatro?

Quantos grupos de dois cubos fazem quatro cubos?

Quantos pares de meias fazem quatro meias? Quantos pares de luvas fazem quatro luvas?

Quantas moedas de dois tostões fazem quatro tostões? Havendo dois cavallos em cada carro, quantos cavallos ha em dois carros?

Quantas mãos tem dois meninos? Quantos olhos? Quantas pernas? Quantas orelhas?

Si um lapis custa dois tostões, quanto custam dois lapis? Si duas maçãs custam dois tostões cada uma, quanto custam ambas?

Comprei dois cadernos a dois tostões cada um. Quanto paguei por ambos?

Duas pêras a dois tostões cada uma, em quanto importam?

Copiem:

1	2	3	4
um	dois	tres	quatro

Lucia, aqui estão quatro triangulos. Tire quatro. Quantos ficaram?

Escreva o signal que representa *nenhum*.

Nina, eu tinha só quatro tostões.

Com quanto fiquei, depois que comprei uma caneta por quatro tostões?

Escreva o signal que representa *nenhum*.

Edmundo, quatro meninos estavam brincando no recreio. Bateu o sino e quatro meninos entraram. Quantos ficaram brincando? Escreva o signal de *nenhum*.

Aqui estão quatro tostões. Quantos lapis de tostão eu posso comprar com elles?

Aqui estão quatro triangulos. Por quantos meninos eu posso dividi-los, si der um triangulo a cada menino?

Eu tenho quatro laranjas. Si eu dêr uma a cada menino, quantos meninos ganham laranja?

Si eu tiver só quatro lapis para distribuir á classe, a quantos meninos eu posso dar lapis?

Eu quero contar quatro historias a vocês. Si eu contar uma só historia cada dia, quantos dias levo para contar todas?

Aqui estão quatro cubos. Si puzer um circulo junto a cada cubo, quantos circulos são?

Si eu lhe dissér: Maria, vá buscar quatro chicaras, cada uma com o seu pires, quantos pires você traz?

Vejo quatro meninos, cada um com seu chapéo. Quantos chapéos eu vejo?

Comprei quatro maçãs e quero reparti-las por quatro meninos. Quantas maçãs devo dar a cada menino? Então, quatro maçãs divididas por quatro meninos, dá para cada menino.....

Tenho quatro tostões para repartir por Maria, Julio, Rosa e Joaquim. Quantos tostões ganha cada um? Então, quatro tostões divididos por quatro pessoas dá para cada pessoa..... tostão.

NOTA — O Prof. competente augmentará e variará os exercicios deste capitulo, em que se estuda o *quatro menos quatro*, o *quatro dividido por um*, o *quatro mais um*, o *quatro dividido por quatro*.

QUARTA LIÇÃO

O meio ou a metade

Observação — O professor desenhará no quadro negro as figuras a que se refere esta lição.

Supponha que cortou uma laranja em duas partes eguaes, como na figura. Quem sabe como se chama cada banda de laranja? Chama-se *uma metade*. A metade de uma cousa tambem se chama — *meio*.

Assim a metade de uma laranja tambem se chama meia laranja; a metade de um pão tambem se chama meio pão. Como se chamará tambem a metade de um pudim? A de um metro de fita? A de uma garrafa de leite? A de um copo de agua? A de uma hora?

Então, uma laranja tem quantas meias-laranjas? Duas meias laranjas fazem quantas laranjas?

Corte um quadrado destes de uma ponta a outra, como na figura. Corte um circulo bem pelo meio como na figura. Este pedaço do quadrado é uma metade delle. Tambem se chama...? Este pedaço de circulo é...? Quantos meios tem um quadrado? Quantas metades tem um circulo?

(*Mostrando*) Dois meios circulos fazem...? Dois meios quadrados fazem...?

Leonor, tome quatro varinhas. Dê metade das varinhas a Lucia. Quantas varinhas a Lucia. Quantas varinhas deu? Com quantas ficou? Então, a metade de quatro varinhas são... E a metade de duas varinhas são...

Uma metade ou um meio repre-

sentam-se assim — $\frac{1}{2}$

Tome quatro cubos e forme com elles dois grupos eguaes. Quanto ha em cada grupo? Como chamaremos cada grupo ou parte? (*Uma metade de quatro, ou um meio de quatro*).

Então, metade de quatro cubos são...

Que parte de dois cubos, é um cubo? Metade de dois é...

Si eu repartir um pão por dois meninos, quanto recebe cada um?

Carlos, tome quatro triangulos. Dê metade dos seus triangulos a Henrique. Com quantos ficou? Quantos deu a Henrique?

Então, metade de quatro é.....

Copiem:

.	.	..					
1	2	3	3	4	4	4	4

um dois tres tres quatro quatro quatro

1	1
—	—
2	2

uma metade um meio

NOTA — Para elucidar a noção de um meio ou uma metade, o professor desenhará, por sobre a representação graphica respectiva, uma esphera, ou uma laranja, ou qualquer outra cousa de facil reprodução, dividida pelo meio.

QUINTA LIÇÃO

Revisão geral

Apanhe de uma só vez quatro bolinhas com a mão direita. Apanhe de uma só vez tres bolinhas com a mão esquerda. Qual mão tem mais bolinhas? Quantas precisa tirar da mão direita para ficarem iguaes ás da esquerda?

Eu vi uma gata, dois gatinhos e um rato; quantos animaes eram? De repente o gato fugiu: quantos animaes ficaram? A gata correu atraz do rato; quantos ficaram? Um gatinho tambem correu; quantos restaram?

Luiza tem quatro tostões, Lucia tem tres, e eu tenho só um. Quem tem mais? Quanto Luiza tem mais do que Lucia? E mais do que eu? Quanto eu tenho menos do que Lucia? E si eu juntar o meu dinheiro com o de Lucia quem tem mais: Luiza ou nós doi sjuntos:

Um automovel caminha quatro le-

guas por hora, e outro caminha tres. Quantas leguas mais o primeiro caminha por hora do que o segundo? E em duas horas? E em tres horas? E em quatro horas?

Um nickel de dois tostões vale quatro nickeis de um tostão? (*Estas moedas devem ser mostradas aos alumnos*). Um nickel de quatro tostões vale quatro nickeis de um tostão? e vale quantos de dois tostões?

Quantas cousas são mais uma faca e um garfo do que duas colhéres? Quantos dois ha em quatro?

José tinha dois annos e sua irmã Luiza era dois annos mais velha que elle. Que idade tinha Luiza?

Comprei quatro litros de leite — mas derramei metade. Com quantos litros fiquei?

Reparto egualmente quatro cubos por Anna e Josepha; que parte dos cubos recebeu cada uma? Quantos recebeu cada uma?

Laura tinha quatro laranjas e deu a metade dellas a Lucia; com quantas laranjas Laura e Lucia ficaram? Lucia, por sua vez, deu a metade das que ganhou a Yayá; quantas Yayá ganhou? Yayá por sua vez deu metade a Cyro. Quantas Cyro ganhou?

Um menino ganhava dois tostões por semana. Quanto ganhava em meia semana? E em semana e meia?

Trace dois quadrados e escreva a palavra *dois* ao lado delles.

Trace tres circulos e escreva a palavra *tres* ao lado delles.

Trace quatro triangulos e escreva a palavra *quatro* ao lado delles.

Trace um cubo e escreva a palavra *um* ao lado delle: *um*.

SEXTA LIÇÃO

O centimetro

(O professor deve utilizar-se dos tornos de um centimetro e de uma fita-metro.)

Tome um desses tornos. Que comprimento terá elle? Vamos medir. Que comprimento tem? Nina disse que tem um centimetro de comprimento.

Compare o comprimento desse torno com o de outro. Que comprimento terá esse outro?

Trace no quadro negro uma linha horizontal de comprimento igual ao do torno. Verifique si está certo. Que comprimento tem a linha?

Trace uma linha vertical de um centimetro de comprimento. Verifique. Trace outra vertical de dois centimetros. Verifique. Trace outro horizontal tambem de dois centimetros. Verifique. Outra de um centimetro. Outra de tres.

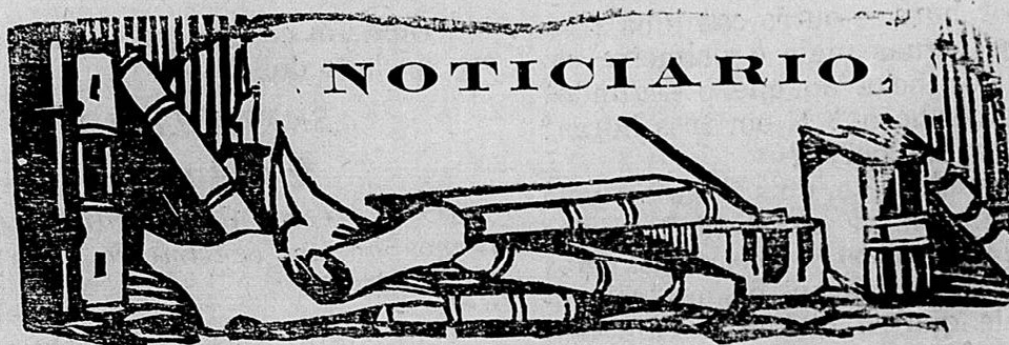
Faça uma linha longa. Meça ahi um comprimento de tres tornos e apague o resto. Que comprimento tem a linha que ficou?

Faça outra linha. Meça o comprimento de quatro tornos e apague o excedente. Que comprimento tem a linha que ficou?

Numa recta de tres centimetros; quantos tornos póde enfileirar ponta com ponta? E numa de dois centimetros? E numa de quatro centimetros?

“PARA TODOS...” E AS “MISSES”

Grande edição com cerca de 200 “clichés” das *misses* de todos os paizes em sua passagem pelo Recife e pela Bahia; tomando banho em “maillot” a bordo do *Cuyabá* (inéditas!); poses de cada uma das concorrentes ao título de “Miss Universo”; a chegada ao Rio e em diversas festas nesta capital e, finalmente, poses especiaes e exclusivas de “Miss Brasil” e “Miss Portugal” —:— —:— —:— —:— para a nossa Revista! —:— —:— —:—



SOCIEDADE ALAGOANA DE EDUCAÇÃO Fundada recentemente nesta capital, a S A E já está tendo uma actuação eficiente nos assumptos que se relacionam com a sua finalidade e estão em fôco no Estado, graças a criteriosa e bem intencionada orientação do actual Sr. Director da Instrução Publica, Dr. Miguel Baptista.

A Sociedade Alagoana de Educação, ao installar-se teve a palavra do Sr. professor Luiz Cerqueira, que, recentemente chegado do sul, disse ao nosso magisterio dos processos de ensino actualmente usados em S. Paulo e na Capital Federal, dando á sua informação um character familiar de palestra, pondo, mais uma vez, em evidencia o seu preparo pedagogico e o seu admiravel poder de observação.

Com essa palestra, a S A E iniciou a sua primeira serie de conferencias Seguiu-se a do illustre polygrapho conterraneo, Sr. J. Bernardes Junior que se occupou largamente da *Escola Rural*, thema da mais palpitante actualidade e um dos que mais estão preocupando a Directoria da Instrução Publica. Logo depois a S. A. E. deu a um publico selecto, do qual se destacava quasi uma centena de professores, a palavra autorizada e convincente do Sr. Dr. J. Travassos, que abordou vantajosa e brilhantemente a *Pratica da Escola Activa*.

Ainda nessa serie falaram os srs. Dr. Lima Junior, um dos luminares das nossas letras, sobre a missão educativa do professor, e o Sr. Luiz Cerqueira, sobre Circulos de Paes e Professores.

Em sessões consecutivas a S. A. E. se tem occupado de diversos assumptos momentosos, como o da educação rural e consequente formação de seu professorado; do intercambio pedagogico, de que a **CRUZADA PEDAGOGICA ALAGOANA** foi uma esplendida realidade, da redução de passagens nos bondes, para professores e escolares, idéa levada ao governo do Estado e já victoriosa.

A Sociedade Alagoana de Educação tem encontrado no Sr. Dr. Secretario do Interior e no Sr. Dr. Director Geral da Instrução Publica, os interpretes das suas idéas e da sua bôa vontade em ser util aos interesses educacionaes alagoanos, perante o Sr. Governador do Estado, que a tem tem ouvido mais de uma vez.

×

PROFESSORA MERCÊDES DANTAS De regresso de sua excursão aos Estados do norte, demorou-se alguns dias entre nós, a professora Mercêdes Dantas, do magisterio da Capital Federal. Do brilho do seu espirito e da solidez de sua cultura pedagogica, A **REVISTA**, em seu ultimo numero, deu um documento de valor inestimavel — a **ESCOLA ACTIVA**, conferencia que realizou 4 de abril, no Instituto Historico de Alagoas, a convite da S. A. E.

A excursão da illustre escriptora foi um verdadeiro apostolado em prol da diffusão do ensino, primario e da modernização dos processos pedagogicos. De Victoria a Manáos, a Directora do Instituto Profissional **FERREIRA VIANNA**, do Districto Federal, fez uma viagem triumphal e

do maior proveito para a causa da instrução nacional.

Acolhida affectuosamente por toda parte, acolhimento a que lhe davam direito ás suas credenciaes de escriptora e o altruismo da sua missão, a professora Mercêdes Dantas, fundou associações propagadoras da educação, nos lugares em que esse instituto ainda não existia, e consolidou as que encontrou trabalhando, como a de Alagôas. Os resultados dessa obra são de uma real e indiscutivel relevancia para o progresso brasileiro, e a senhorita Mercêdes Dantas soube effectua-los com muita intelligencia e dedicação.

De regresso, demorando-se aqui alguns dias, foi recebida como socia correspondente do Instituto Historico de Alagôas, fazendo nessa occasião uma brilhantissima conferencia sobre assumpto pedagogico.

Durante a sua permanencia entre nós foi a insigne professora muito festejada pelas suas collegas alagoanas e pelos numerosos amigos que o seu talento e a fascinação da sua cultura souberam conquistar.

×

CONFERENCIAS Objectivando as **SANITARIAS** directrizes da sua actuação no ensino publico de Alagôas, o Sr. Dr. Miguel Baptista iniciou uma serie de conferencias sanitarias, essencialmente praticas e especialmente para professores.

Essas conferencias estão sendo realizadas na ultima quinta-feira de cada mez, na Escola Normal, e estão confiadas ao talento e saber profissional do Dr. Jorge de Lima, catedratico de Literatura do Lyceu Alagoano e lente de Historia Natural daquela Escola.

A primeira versou sobre a *Tuberculose*, seu contagio, suas diversas manifestações e meios de combate-la, principalmente na escola. A segunda foi sobre o *Paludismo*, a nossa grande endemia, que o cientista alagoano estudou nos seus varios as-

pectos, em linguagem ao alcance de qualquer intelligencia, dando ao auditorio, quasi todo de professores, as indicações mais praticas de evita-lo e cura-lo. A terceira, teve por thema a *Ancylostomase*, o amarellão, a doença por excellencia das populações ruraes, que torna o nosso trabalhador um inerte, incapaz de enfrentar effizamente a concorrência do trabalhador europeu.

Todos esses assumptos foram verdadeiras licções, licções completas, dadas terra a terra, sem pretensões scientificas, descendo o professor Jorge de Lima á altura das intelligencias mais chans, como convinha e era o pensamento da Directoria da Instrução Publica. Essas palestras, de grande cunho pedagogico e muita importancia para o nosso magisterio, foram illustradas com projecções e estão focalizando um dos propositos da actual orientação do Departamento de Educação e Ensino de Alagôas.

×

CONSELHO DE ENSINO O Conselho de Ensino reuniu-se nos dias 28 e 31 de julho ultimo, tendo comparecido a essas reuniões os senhores Director da Instrução Publica, que as presidiu na ausencia do Dr. Secretario do Interior, Dr. Santos Ferraz, Dr. Cerquinho Nunes, Dr. Eduardo da Silveira, Craveiro Costa, Professores Hygino Bello, João Bernardino da Costa e Celina Batinga, membros do mesmo Conselho.

O Conselho tomou conhecimento dos novos programmas do ensino primario, approvando-os, e mandou adoptar: *Historia das Alagoas*, do Sr. Craveiro Costa, como livro obrigatorio nos terceiro e quarto annos; *Compendio de Theoria Musical*, do Sr. Luiz Lavenére, como livro do mestre; e recommendou como indispensavel aos senhores professores, o livro *Ensino de Fracções*, do Sr. Professor José Ribeiro Escobar.

Departamento Geral da Instrução Publica

ESTATISTICA DAS ESCOLAS ISOLADAS PUBLICAS PRIMARIAS
DO ESTADO DE ALAGOAS

— 1º SEMESTRE DE 1930 —

Numeros	MUNICIPIOS	N. de alumnos matriculados			Frequencia media			Observações
		Masculinos	Femininos	Total	Masculinos	Femininos	Total	
1	Alagôas	217	238	455	162	184	346	
2	Agua Branca	205	134	339	149	178	327	
3	Anadia	148	201	349	109	150	259	
4	Arapiraca	103	97	200	73	72	145	
5	Atalaia	212	251	463	144	191	335	
6	Bello Monte	84	40	124	51	31	82	
7	Camaragibe	136	118	254	115	100	215	
8	Capella	132	113	245	114	96	210	
9	Coruripe	123	160	283	84	122	206	
10	Igreja Nova	102	99	201	82	80	162	
11	Junqueiro	118	101	219	93	83	176	
12	Leopoldina	67	72	139	48	50	98	
13	Limoeiro	108	156	264	76	100	176	
14	Maceió	694	732	1426	481	516	997	
15	Maragogy	116	119	235	80	88	168	
16	Matta Grande	144	124	268	79	79	158	
17	Muricy	244	241	485	180	183	363	
18	Palmeira dos Indios	196	167	363	127	122	249	
19	Pão de Assucar	112	175	287	90	127	217	
20	Penedo	305	323	628	207	238	445	
21	Piassabussú	76	86	162	51	60	111	
22	Pilar	69	77	146	52	7	59	
23	Piranhas	47	40	87	30	22	52	
24	Porto Calvo	121	112	233	71	77	148	
25	Porto de Pedras	157	149	306	121	121	242	
26	Porto Real do Collegio	145	83	228	107	59	166	
27	Quebrangulo	143	158	301	102	126	228	
28	Sant'Anna do Ipanema	168	114	282	115	79	194	
29	S. Braz	133	131	264	111	110	221	
30	S. José da Lage	165	135	300	134	96	230	
31	S. Luiz do Quitunde	135	120	255	96	77	173	
32	Santa Luzia do Norte	353	320	673	254	257	511	
33	S. Miguel de Campos	229	247	476	167	202	369	
34	Traipú	149	138	287	91	87	178	
35	União	175	125	300	144	97	241	
36	Viçosa	247	249	496	197	404	401	
Totaes		6.078	5.945	12.023	4.387	4.521	8.908	

Total da matricula . . . 12.023

Total da frequencia media . . . 8.908

BOLSA MERCANTIL POPULAR

“PLANO PERNAMBUCANO”

Club de Mercadorias com extracção todas as 2as. feiras

32 Premios semanaes assim distribuidos:

1 Premio de	20:000\$000
1 ” ”	1:000\$000
10 Premios de 200\$000	2:000\$000
20 Premios de 100\$000	2:000\$000
	<hr/>
	25:000\$000

Uma caderneta contem 5 numeros habilitaveis a todos os 32 premios

Contribuição semanal \$600

Propriedade de ALVES BARBOZA & Cia.

Recife (Matriz)
Praça do Mercado, 172

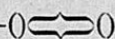
Maceió (Filial)
Av. P. Bernardes, 299

Livraria Villas Bôas

Villas Bôas & Cia.

MACEIO'

Rua Dr. Rocha Cavalcanti — 201



Officinas de typographia, encadernação e pautaçaõ

LIVROS EM BRANCO

OBJECTOS DE ESCRITORIO

PAPELARIA EM GERAL

Livros didacticos

Literatura

Sciencia

Religião

DIREITO

POESIA

ROMANCE

Sempre novidades do Rio, de S. Paulo,
de Lisboa, de Paris.

Permanente intercambio livresco com os
centros mais adeantados do pais e do estrangeiro

Livros pelo preço dos editores.

Acceita pedidos de livros para a Europa, e executa qual-
quer trabalho graphico com rapidez e perfeição.

Livraria Villas Bôas

MACEIO'

Departamento Geral da Instrucção Publica

ESTATISTICA DOS GRUPOS ESCOLARES DA CAPITAL E DO INTERIOR

— 1º SEMESTRE DE 1930 —

Numeros	Municipios	Denominação	N. de alumnos matriculados			Frequencia media			Observações
			Masculinos	Femininos	Total	Masculinos	Femininos	Total	
1	Maceió	G. E. "D. Pedro II"	130	183	313	98	153	251	
2	"	G. E. "Fernandes Lima"	156	188	344	119	160	279	
3	"	G. E. "Cincinato Pinto"	67	93	160	38	53	91	
4	"	G. E. "Diégues Junior"	130	210	340	99	168	267	
5	"	G. E. "Th. Espindola"	78	173	251	57	136	193	
			561	847	1.408	411	670	1.081	
	<i>do Interior</i>								
1	Capella	G. E. "Tto. Cabral"	113	99	212	83	82	165	
2	Camaragibe	G. E. "Ambrosio Lyra"	60	66	126	35	60	95	
3	Pilar	G. E. "Oliveira e Silva"	103	128	231	78	94	172	
	S. L. do Quitunde	G. E. "Messias Gusmão"	143	89	232	116	67	183	
	União	G. E. "Rocha Cavalcante"	81	153	234	62	114	176	
		Totaes	500	535	1.035	374	417	791	
		Total Geral			2.443			1.872	

INDICE

	<i>Pags.</i>
O APRENDIZADO ACTIVO — <i>Prof. J. Ribeiro Escobar</i>	3
SAUDAÇÃO — <i>Augusto Wanderley Filho</i>	14
COMO SE DEVE ENSINAR — <i>Prof. João Toledo</i>	15
A ESCOLA RURAL — <i>Bernardes Junir</i>	16
TEMPLO — <i>João Barreto de Menezes</i>	30
MUNICIPIO DO PILAR — <i>Craveiro Costa</i>	37
COMO SE ENSINA	44
INFLUENCIA DO MEIO AMBIENTE SOBRE A EDUCAÇÃO — <i>Flora Malta Ferraz</i>	45
SOBRE A ABOLIÇÃO — <i>Esmaragdo de Souza</i>	46
SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE EDUCAÇÃO	50
CURSO DE PROFESSORES RURAES	52
OS MENINOS DE PERNAMBUCO AOS MENINOS DE ALAGOAS	55
MENSAGEM DE AMISADE DOS ESCOLARES DO JAPÃO	56
O PROFESSOR JOSE' PRUDENTE	57
EMANCIPAÇÃO POLITICA DE ALAGOAS — <i>René Aboab</i>	59
O ENSINO DA MUSICA — <i>L. Lavenère</i>	60
CRUZADA PEDAGOGICA DE ALAGOAS	62
O PERIGO DA MURIÇOCA	66
DECLAREMOS GUERRA AOS RATOS	67
CONSELHO A'S MÃES	68
METHODOLOGIA: NUMEROS — <i>René Barreto</i>	70
NOTICIARIO	78
ESTATISTICA ESCOLAR	80

Sedas! sedas! e mais sedas!

É A "LOJA PROGRESO" QUEM TEM O MELHOR SORTEMENTO PELOS MINIMOS PREÇOS, DESDE A SEDA DE PREÇO POPULAR À DE PREÇO MAIS ELEVADO.

Rua do Commercio — 439

MACEIO'

Telephone — 324

Codigo — Borges

VIRGILIO CABRAL

SEDAS! SEDAS! E MAIS SEDAS

A POLITICA DOS CAMPOS

Este livro é um grito vehemete de alarma em favor da prosperidade das populações ruraes.

A sua leitura interessa fundamentalmente a todos os brasileiros, pelos ensinamentos e as idéas elevadas que encerra.

Confrontos estatísticos sobre a actividade economica de quase todos os Estados e lições que habilitam a todos os agricultores e criadores orientarem melhor o seu trabalho e organizar em a sua contabilidade.

Bernades Junior prepara, com o **A POLITICA DOS CAMPOS**, a revolução de que tanto necessita Alagôas, o nordeste e o Brazil inteiro.



PREÇO, 10\$000

Pelo Correio mais 2\$000

Pedidos a **J. BERNARDES & Cia.**

Av. Presidente Bernardes, n. 313

MACEIO'

BIBLIOTHECA DOS PROFESSORES ALAGOANOS

**ANTHOLOGIA DE PROSADORES E
POETAS DE ALAGOAS**

Anotações biographicas de LUIS
CERQUEIRA
e grammaticaes de AURYNO
MACIEL

BREVEMENTE

Edição da REVISTA DE ENSINO